

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

tomo 50 número 5 setembro/outubro 2009



Leia Também

- Clero Italiano e Estrangeiro nas Nossas Colônias
- - Mulheres, Docência e Artes Visuais: que trama de escolhas são estas?
- - Inundações e Temporais em Itajaí: passado/presente
- - Metamorfose Urbana, Fotografia e História
- - A trajetória artístico/jornalística de Geysa de Bôscoli
- - Entrevista com Sívio Coelho dos Santos
- - Correspondências de Imigrantes
- - A Guerra dos Equívocos

Apoio

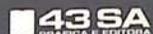
Genésio Deschamps

Victória Sievert

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A



Talentos gerando soluções



Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento
Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing
Vice-prefeito | Rufinus Seibt
Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schindwein
Diretor Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller
Diretor de Cultura | Vinicius da Cunha Wolff
Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli M. V. Petry

Blumenau em Cadernos
Editor | Órgão de fomento | Divulgação | Distribuição | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010
Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br
Diretora | Sueli M. V. Petry
Conselho Editorial
Presidente | Annemarie Fouquet Schünke
Carla Fernanda da Silva
Cristina Ferreira
Gervásio Tessaleno Luz
Ivo Marcos Theis
Marcos Schroeder
Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos
Capa | Liquidificador Comunicação e Arte
Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva
Revisão | Valdir A. Petry - Secretária | Kátia Elizabeth Curti

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,
concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;
Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras.
Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.
Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.
Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- . .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-
Fundada por José Ferreira da Silva.
Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.
Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome
para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-
Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.
Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos
45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.
Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral
com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração
alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.
Índice anual todo mês de dezembro; Índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide
Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9
ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos
1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Viajante

Clero italiano e estrangeiro nas nossas colônias

Ranieri Venerosi Pesciolini

Tradução: Lino João Dell Antonio

7

Clero italiano e straniero nelle nostre colonie

8

Artigo

Mulheres, docência e artes visuais: que trama de escolhas são estas?

Rosina S. de Franceschi Fiamoncini

31

Enchentes de 1880 e 1911 - Inundações e temporais em Itajaí: passado/presente

José Bento Rosa da Silva

47

Metamorfose urbana, fotografia e história

Wieland Lickfeld

58

Memórias

A trajetória artístico/jornalística de Geysa de Bôscoli

Carlos Braga Mueller

73

Entrevista

Entrevista com Sílvio Coelho dos Santos

Por Rafael Hoerhann

79

Correspondências de imigrantes

Correspondências de imigrantes

108

APRESENTAÇÃO

Para o público que cada vez mais se interessa pela leitura e pesquisa de temas relacionados à história regional e catarinense, a revista “Blumenau em Cadernos” divulga, neste bimestre, temas em diversas áreas do conhecimento que expressam diferentes perspectivas e propósitos.

No espaço dedicado à coluna **Documentos Originais**, publica-se a última parte do relato de viagem sobre as colônias italianas do sul do Brasil feito pelo italiano Ranieri Venerosi Pesciolini. Após uma visitação de quatro meses aos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná coletando subsídios e observações, os publicou em 1914, sob o título “Le Colonie Italiane Nel Brasile Meridionale”. Nesta finalização, com o subtítulo “*Clero Italiano e estrangeiro nas nossas colônias*”, Pesciolini descreve a respeito da instrução nas escolas italianas, diferenças existentes das escolas alemãs, a influência do clero, e outros olhares por ele relatados. A tradução do italiano para o português foi realizada pelo professor e pesquisador Lino João Dell Antonio, a quem agradecemos.

Abrindo a coluna **Artigos**, a artista plástica e mestre em Educação, Rosina S. de Franceschi Fiamoncini, publica “*Mulheres, docência e artes visuais: que trama de escolhas são estas?*”. Trata-se da versão modificada de um capítulo da sua tese de mestrado defendida na Universidade Regional de Blumenau.

José Bento Rosa da Silva, Doutor em História, com o artigo “*Enchentes de 1880 e 1911 Inundações e Temporais em Itajaí: passado/presente*”, faz algumas reflexões relativas às grandes cheias que, na época, assolaram o Vale do Itajaí. No seu estudo dá ênfase à cidade de Itajaí.

Num outro momento, o mestre em Turismo e Hotelaria, Wieland Lickefeld, ao produzir o texto “*Metamorfose urbana, fotografia e História*”, traz como recorte a importância das imagens fotográficas como referencial para o reconhecimento das alterações do espaço urbano.

Neste mês de outubro, registra-se o primeiro ano de falecimento

do antropólogo e professor Dr.Silvio Coelho. Seu trabalho de pesquisas voltadas aos índios Xokleng, como também, vivências e visitas realizadas a estes grupos continuam sendo importantes subsídios aos estudiosos desta área do saber. Como contribuição ao tema, publica-se, no espaço dedicado a **Entrevista**, o depoimento do Dr. Silvio Coelho concedido ao acadêmico na época (1999), Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann, do curso de História da UFSC, atualmente doutorando na mesma área e Universidade.

Em **Correspondências de Imigrantes**, é dada sequência à publicação de mais uma série de cartas trocadas entre os familiares de Emil Odebrecht, que viviam na Alemanha, e outras trocadas entre Emil e a esposa Bertha. Registra-se que devido às suas atividades profissionais, Emil Odebrecht viveu grande parte da sua vida fazendo demarcações de terras nos mais distantes pontos do Estado e do País, permanecendo meses longe da família que residia na Colônia Blumenau. Para os pesquisadores, estas cartas são significativas pelo seu teor, como material de pesquisa dentro do contexto da época. Aos familiares revelam o quanto a distância/tempo auxiliaram na administração e manutenção dos laços afetivos.

O escritor e advogado, Enéas Athanázio, ao fazer uso da coluna **Autores Catarinenses**, tece comentários sobre o livro de autoria do escritor Walmor Santos intitulado “Contestado - A Guerra dos Equívocos”. O livro, segundo a análise, retrata neste romance histórico diversas questões de ordem social e política ocorridas no planalto catarinense, descrevendo o estado de miséria e abandono daqueles que viviam na região.

Finalizando, deixamos o convite aos leitores e pesquisadores interessados em participar com suas contribuições, que enviem textos para as colunas Artigos, História & Historiografia, Memórias, Biografias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli Maria Vanzuita Petry
Diretora de “Blumenau em Cadernos”

A black and white photograph of a church interior. The ceiling is the focal point, featuring a large, central fresco depicting a religious scene, possibly the Virgin Mary with the Christ Child and other figures. The ceiling is decorated with a grid of rectangular panels, some containing smaller, circular medallions. The church has a high, vaulted ceiling. In the foreground, the wooden pews are visible, leading towards the altar. The altar is covered with a white cloth and has a statue on top. The walls are adorned with various religious paintings and statues. The overall atmosphere is solemn and historical.

CLERO ITALIANO
e estrangeiro nas nossas colônias

COLÔNIAS ITALIANAS NO SUL DO BRASIL (IV)
Anno IV. Maggio-Dicembre 1913 N. 5-12.

ITALICA GENS

Federazione per l'assistenza degli emigranti transoceanici, fondata e diretta dall'ASSOCIAZIONE NAZIONALE PEI MISSIONARI CATTOLICI ITALIANI

Via Accademia delle Scienze, 4 – Torino

IV – PRESERVAÇÃO ÉTNICA E INTERESSES NACIONAIS

CLERO ITALIANO E STRANIERO NELLE NOSTRE COLONIE

Ranieri Venerosi Pesciolini
Tradução: Lino João Dell Antonio¹

Riguardo al clero nelle colonie italiane è da notare il fatto che in molte di esse non è italiano, ma generalmente francese o tedesco; il che si verifica particolarmente per le Congregazioni religiose maschili e femminili.

I religiosi tedeschi vi si stabilirono per primi; essi, accompagnando la emigrazione tedesca che precedette di molto quella italiana, entrarono nelle nostre colonie prima che vi andasse il clero italiano, il quale giunse in misura limitata e più tardi. Le congregazioni francesi vi si stabilirono quando furono espulse dalla Francia. Ciò naturalmente, data, come abbiamo detto, la grande influenza del clero in queste colonie, è, dal punto vista nazionale, un grave danno, poichè quei sacerdoti stranieri, pure interessandosi con zelo degli italiani, non sono tratti a favorire in essi i giusti sentimenti di attaccamento alle tradizioni patrie che essi non comprendono.

Mi preme nuovamente far presente che quanto sto dicendo si

¹ Tradutor. Pesquisador e colaborador de Blumenau em Cadernos. Continuação das pp. 287 a 298.

COLÔNIAS ITALIANAS NO SUL DO BRASIL (IV)
Anno IV. Maggio-Dicembre 1913 N. 5-12.

ITALICA GENS

Federazione per l'assistenza degli emigranti transoceanici, fondata e
diretta dall'ASSOCIAZIONE NAZIONALE PEI MISSIONARI
CATTOLICI ITALIANI

Via Accademia delle Scienze, 4 – Torino

IV – PRESERVAÇÃO ÉTNICA E INTERESSES NACIONAIS
CLERO ITALIANO E ESTRANGEIRO NAS NOSSAS COLÔNIAS

Ranieri Venerosi Pesciolini
Tradução: Lino João Dell Antonio¹

Em relação ao clero nas colônias italianas é de observar que em muitas delas não é italiano, mas geralmente francês ou alemão. Isso acontece por causa das congregações religiosas masculinas e femininas.

Os religiosos alemães se estabeleceram por primeiro. Acompanhando a emigração alemã, que há muito tempo precedeu à italiana, eles entraram nas nossas colônias antes da chegada do clero italiano, que veio bem mais tarde. As congregações francesas, em número limitado ali se estabeleceram, quando foram expulsas da França. Como nos referimos, a grande influência do clero, sob o ponto de vista nacional, é um grave prejuízo nestas colônias, porque, aqueles sacerdotes estrangeiros, apesar de interessar-se com zelo pelos italianos, não foram preparados para alimentar os justos sentimentos de apego às tradições patrióticas, por eles ignorados.

Lamentamos novamente em dizer que nossas observações

¹ Tradutor. Pesquisador e colaborador de Blumenau em Cadernos. Continuação das pp. 287 a 298.

riferisce a ciò si constata riguardo alla massa dei sacerdoti stranieri residenti nelle colonie italiane del Brasile meridionale, ma come già dissi altra parte (v. pag.192), si contano fra di essi molte onorevolissime eccezioni. Vi sono nelle colonie italiane sacerdoti stranieri di mente elevata e specialmente tedeschi, che si occupano dei nostri emigrati in modo degno di essere indicato come esempio a tanti sacerdoti italiani. *L'Italica Gens* stessa conta fra di essi alcuni dei più validi e generosi collaboratori.

Ciò premesso, osservo come, oltre che nei riguardi nazionali, la cura religiosa dei coloni italiani affidata a clero straniero, porta quasi sempre inconvenienti anche nel campo sociale e religioso; poichè i sacerdoti stranieri, salvo poche eccezioni, non arrivano ad immedesimarsi ed adattarsi ai costumi ed ai sistemi italiani, e non si forma fra di essi ed i coloni quell'affiatamento che di solito si ha dove sono parroci italiani.

Infatti nelle parrocchie rette da stranieri si sono avute spesso turbolenze e dissidi, più o meno aperti e più o meno gravi, nei quali si mescolano nazionalismo e religione, ed anzi talvolta le sanzioni religiose sono strumento di lotta più efficace per imporre principî politici.

A conferma di ciò basta ricordare le questioni Esperança nel Rio Grande e quelle di Rodeio in Santa Catharina.

Appare strano che molti di questi religiosi stranieri in colonie italiane, come ad esempio i Francescani a Rodeio, i Maristi a Garibaldi, i Fratelli delle Scuole Cristiane a Caxias, i Cappuccini a Nuova Trento e ad Alfredo Chaves, pur disponendo tutti di elementi italiani per le case che hanno in Italia, abbiano inviato fra questi italiani, sacerdoti francesi e tedeschi. Fui informato che tale distribuzione è dovuta alla divisione in provincie monastiche dei singoli Ordini. Non si comprende però come dette Congregazioni abbiano interesse a non tener conto delle naturali distribuzioni etniche delle popolazioni delle colonie, a costo di provocare i gravi inconvenienti di cui abbiamo parlato.

È ben vero che generalmente queste Case religiose reclutano sul

se constatam na massa de padres estrangeiros, residentes nas colônias italianas no Sul do Brasil. Como já falamos em outra parte, há entre eles muitas honrosas exceções. Nas colônias italianas vivem padres estrangeiros, principalmente alemães, de mente elevada, que se ocupam dos nossos emigrados de maneira digna a ser seguida como exemplo para tantos sacerdotes italianos. *A Itálica Gens* conta entre esses, alguns dos mais valiosos e generosos colaboradores.

Feitas estas observações, observamos como, além das questões nacionais, o tratamento religioso dos colonos italianos, confiados ao clero estrangeiro, traz sempre inconvenientes também no campo social e religioso. Os sacerdotes estrangeiros, salvo poucas exceções, não se identificam e não se adaptam aos costumes e aos sistemas italianos e não criam entre eles aquela aproximação que geralmente existe quando os párocos são italianos.

De fato, nas paróquias dirigidas por estrangeiros houve frequentes turbulências e dissídios, mais ou menos latentes e graves, onde se mistura nacionalismo e religião. Ademais, muitas vezes, as sanções religiosas são instrumentos mais eficazes para impor princípios políticos.

Para confirmar o que estamos afirmando, basta recordar as questões de Esperança no Rio Grande e as de Rodeio em Santa Catarina.

Parece estranho, que, muitos desses religiosos estrangeiros, em colônias italianas, como por exemplo, os Franciscanos em Rodeio, os Maristas em Garibaldi, os Irmãos das Escolas Cristãs em Caxias, os Capuchinhos em Nova Trento e Alfredo Chaves, não obstante, todas as ordens disporem de elementos italianos nas casas da Itália, tenham enviado entre esses italianos, padres franceses e alemães. Fomos informados que tal distribuição é devida à divisão em províncias monásticas de cada Ordem. Não se compreende, porém, que como as citadas Congregações não tenham interesse em levar em consideração as naturais distribuições étnicas das populações das colônias, sob o prezo de provocar graves inconvenientes, dos quais temos falado.

luogo nuovo personale fra i coloni italiani, ma come ben si comprende, questi sono educati con principî e sistemi non italiani, per cui il danno, se attenuato per certi riguardi, non viene eliminato specialmente per ciò che si riferisce agli interessi nazionali.

COME È POSSIBILE ORGANIZZARE LA SCUOLA ITALIANA.

Peraltro, nonostante queste difficoltà e queste deficienze, da quanto sopra abbiamo esposto si può rilevare che esistono condizioni di fatto che permettono alla scuola italiana di funzionare in queste colonie non solamente allo scopo di conservazione della nostra lingua, ma altresì come mezzo principale nell'impartire l'istruzione nel paese, il che naturalmente le assicura qui una base di utilità e di resistenza che invano cercheremmo alla scuola italiana in Argentina o negli Stati Uniti del nord od in molti altri paesi ove si trovano colonie di nostri emigrati.

Le scuole italiane per ora tengono tal posizione, ma adempiono al compito dell'istruzione assai imperfettamente. Se si vuole che esse continuino ad esistere, occorre metterle in grado di soddisfare i bisogni dell'istruzione che, naturalmente in paesi come questi, in via di formazione, vanno celermente aumentando. Sulle basi su cui attualmente si trovano, le scuole italiane non potranno durar molto.

Bisogna riconoscere che per opera dei Regi Consoli si è provveduto, in conformità degli scarsissimi mezzi messi a loro disposizione, a procurare una certa organizzazione scolastica, sia con una razionale distribuzione di sussidi, sia istituendo per la direzione di tal lavoro degli Ispettori-Agenti, che, sebbene troppo pochi di numero, si sono dimostrati utilissimi.

Ma ciò non basta; già vediamo che nei luoghi ove vive una scuoletta italiana fiorente tenuta da un maestro colono, il Governo od il municipio brasiliano impiantano una scuola loro propria, e la gratuità e l'insegnamento del brasiliano fa

É também verdade que geralmente estas Casas religiosas recrutam no novo lugar pessoas entre os colonos italianos, mas como é possível deduzir, estes são educados nos princípios e sistemas não italianos. Por isso, o prejuízo, se atenuado sob certos aspectos, não é eliminado especialmente naquilo que se refere aos interesses nacionais.



COMO É POSSÍVEL ORGANIZAR A ESCOLA ITALIANA

Apesar destas dificuldades e deficiências e de tudo aquilo que acabamos de expor, por outro lado, se pode afirmar que há condições reais para o funcionamento da escola italiana nestas colônias, não só para preservar a nossa língua, mas também como meio principal de administrar a instrução no país. Isto naturalmente lhe assegura uma base de utilidade e de sobrevivência, que, em vão, a encontraríamos na escola italiana da Argentina ou nos Estados Unidos do Norte ou em muitos outros países onde estão os nossos emigrados.

As escolas italianas, por ora, possuem tal posição, mas

si che la scuola italiana sia disertata e cada; vediamo inoltre una quantità di scuole interrompere i corsi e chiudersi per mancanza di maestri. Ciò non succede nelle colonie tedesche.

CIÒ CHE SI PUÒ IMITARE DAI TEDESCHI.

Se si vuole dare alle scuole italiane un'organizzazione duratura, bisogna instaurada su basi sistematiche, come hanno fatto i tedeschi.

Prima di tutto occorre formare dei maestri; i tedeschi scelgono fra i figli dei coloni i più adatti, e ad alcuni fanno prendere i diplomi nelle scuole normali dello Stato, altri li allevano in scuole proprie, generalmente tenute da religiosi, dette pure scuole normali, ma nelle quali si fanno corsi assai semplici, come potrebbero benissimo farsi in alcuni dei nostri migliori istituti tenuti dalle Suore nelle colonie. Inoltre essi ricevono un discreto numero di maestri elementari dalla Germania; a detti maestri che si recano ad insegnare in quelle colonie brasiliane, il Governo Germanico computa come doppio agli effetti della pensione il tempo passato laggiù.

Abbiamo già accennato ai libri ed ai programmi d'insegnamento nelle scuole tedesche, che si adattano alle esigenze dell'ambiente pur essendo tedeschi nello spirito. Le scuole italiane invece hanno tutte programma esclusivamente italiano, libri italiani fatti per l'Italia, talchè i fanciulli spesso non apprendono in esse le cognizioni utili per la vita materiale nel paese in cui si trovano. Si verifica perciò il fatto che i negozianti delle nostre colonie e coloro che hanno denaro, mandano ad istruire i propri figli nei collegi tedeschi; si noti bene, non nei brasiliani.

I tedeschi sono arrivati a poco a poco ad avere un posto di primo ordine nel campo degli istituti d'istruzione nel Rio Grande do Sul ed in Santa Catharina; l'unico liceo che esiste nello Stato di Santa Catharina è tenuto in Florianopolis dai Gesuiti tedeschi; e dai medesimi è tenuto l'istituto d'insegnamento

cumprem o dever da instrução muito mal. Se quisermos que continuem, é preciso colocá-las em grau de satisfazer às necessidades da instrução que, naturalmente, em lugares como estes, em vias de formação, vão aumentando depressa. Sobre as bases atuais de sustentação, as escolas italianas não durarão por muito tempo.

Precisa reconhecer que, por obra dos Cônsules Reais, com poucos recursos a seu dispor, procurou-se ter certa organização escolar, quer com a distribuição racional de subsídios, quer com a criação dos Agentes Inspectores, que, apesar de poucos, demonstraram ser muito úteis.

Só isto não basta. Já observamos que nos locais onde há uma escolinha italiana florescente, mantida por um professor colono, o Governo ou o Município brasileiro implantam sua escola. A gratuidade e o ensino da língua brasileira fazem com que a escola italiana se esvazie e feche. Além disso, vemos uma quantidade de escolas interromperem seus cursos e fecharem por falta de professores. Isso não ocorre nas colônias alemãs.

O QUE SE PODE IMITAR DOS ALEMÃES

Se pretendermos dar às escolas italianas uma organização duradoura, é preciso edificá-la sobre bases sistemáticas, como fizeram os alemães.

Antes de tudo, é necessário formar professores. Os alemães escolhem entre os filhos dos colonos os mais aptos e fazem com que alguns consigam os diplomas nas escolas normais do Estado. Outros são preparados nas próprias escolas, geralmente mantidas por religiosos, chamadas também de escolas normais, nas quais se realizam cursos simples como poderiam muito bem ser realizados nos nossos melhores institutos,

secondario di San Leopoldo che è il più accreditato e frequentano nel Rio Grande do Sul. Anche senza aspirare a tanto, noi potremmo però tendere a provvedere all'istruzione delle nostre colonie, imitando s'intende con opportuni adattamenti e modificazioni, i provvedimenti e sistemi suaccennati, che i tedeschi già hanno adottato.

GLI AIUTI ATTESI DAL R. GOVERNO.

Per far ciò si richiederebbe naturalmente per quelle colonie un aiuto da parte del R. Governo assai più valido di quello che fino ad ora fu loro assegnato, ma se si tien conto della scarsezza del denaro in quelle colonie, e conseguentemente delle modeste retribuzioni in uso per i maestri e delle spese moderate che occorrono per sostenere una scuola, si vedrà facilmente che il sussidio richiesto non sarebbe molto grande (foi retirada uma linha repetida) in considerazione del compito che sarebbe destinato a conseguire. Non credo che in altra parte delle sue colonie transoceaniche l'Italia potrebbe trovare condizioni più favorevoli per una simile azione, e mi sembra che metterebbe conto di cercare di ottenere almeno in queste regioni quella conservazione nazionale che si dilegua rapidamente e generalmente in tutte le colonie di nostri emigrati in America.

Mi sembra che converrebbe praticamente concentrare qui, ove il campo è propizio, una maggior parte di quella attività e di quel denaro che inutilmente, o quasi, si spende in altri paesi nei quali non si può sperare alcun profitto.

Una somma discreta di denaro messa a disposizione dei Regi Consolati in questi Stati e di qualche Istituzione nazionale che si proponga gli scopi suddetti, metterebbe ben presto l'organizzazione scolastica italiana al sicuro da un eventuale rincrudire del *giacobinismo* dei Governi brasiliani, come lo è già da molto tempo la compagine tedesca.

Presumibilmente una simile nostra azione dovrebbe trovare

mantidos pelas irmãs, nas colônias. Ademais, esses recebem um discreto número de professores elementares da Alemanha. A estes, que se dirigem a ensinar naquelas colônias brasileiras, o Governo Alemão, para fim de aposentadoria, registra em dobro o tempo passado lá.

Já falamos dos livros e dos programas de ensino nas escolas alemãs, os quais se adaptam às exigências do ambiente, embora alemães no espírito. Todas as escolas italianas, ao invés, possuem programa exclusivamente italiano, livros italianos feitos para a Itália, a tal ponto que as crianças frequentemente não aprendem nessas escolas os ensinamentos úteis para a vida material, no lugar em que vivem. Por isso, os negociantes das nossas colônias e os que têm dinheiro mandam os filhos a estudar nos colégios alemães. Bem entendido, não nos brasileiros.

Os alemães, aos poucos, alcançaram o posto de primeira ordem no campo dos institutos de instrução no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. O único liceu que há em Santa Catarina é mantido pelos jesuítas alemães em Florianópolis.

Os mesmos mantêm o instituto de ensino secundário de São Leopoldo, o mais acreditado e frequentado no Rio Grande do Sul. Sem pretender tanto, nós também poderíamos começar a pensar na instrução das nossas escolas, imitando, com oportunas adaptações e modificações, as providências e sistemas citados, já adotados pelos alemães.

AS AJUDAS ESPERADAS DO REAL GOVERNO

Para concretizar o que acabamos de expor, necessitar-se-ia, naturalmente, de uma ajuda por parte do Real Governo muito mais forte do que até agora a elas foi dado. Mas, se pensarmos na falta de dinheiro naquelas colônias e conseqüentemente das modestas retribuições atuais

benevola attitudine in quegli Stati del Brasile, che hanno tutto l'interesse di aiutare l'affermarsi di una florida civiltà latina nella loro terra, sia per assicurare il progresso del loro paese, sia per controbilanciarvi l'influenza dell'elemento germanico.

AZIONE NAZIONALE NEL CAMPO ECONOMICO

Bisogna peraltro tener presente che i vincoli più validi per tenere avvinte le colonie alla madre patria sono quelli di interesse materiale; le relazioni commerciali, le relazioni per interessi economici, capitalistici, sono quelle che possono rendere sommamente utile la lingua patria e conservarla a lungo fra le popolazioni emigrate.

L'Italia non ha svolto che in misura ridottissima una tale azione economica nei paesi transoceanici ove si diresse la sua emigrazione, e questa si limitò ad un poco di commercio, sempre pur questo in proporzioni inadeguate alla base che ad esso avrebbero costituito le numerosissime colonie.

Di impiego di capitali in paesi transoceanici per ora non si parlò; l'Italia fu esportatrice di lavoro che ha in sovrabbondanza, ma non di capitali, dei quali abbisogna tuttora all'interno per lo sviluppo delle sue industrie. E per quanto si possano rimpiangere occasioni perdute di ottimi investimenti che oltre dare al capitale remuneranti interessi avrebbero servito di complemento ed appoggio ai nostri emigrati, ed avrebbero, si può dire, nazionalizzata l'immensa forza del loro lavoro, pure dobbiamo riconoscere che a ciò si opposero difficoltà gravi, bisogna riconoscere che certi fenomeni economico-sociali non si possano dominare a talento. Si dice giustamente che niente v'è di più internazionale del capitale, che sa scegliere le migliori convenienze senza riguardo ai confini di paesi.

Non si può peraltro negare che talvolta il capitale è timido, specialmente da noi, e che inoltre, in certi casi, degli interessi politici possono determinare la convenienza di impieghi di capitali in certe località, convenienza

dadas aos professores e dos moderados gastos para manter a escola, ver-se-á facilmente que o dinheiro pedido não seria muito grande em relação ao que propomos fazer. Não cremos em outro lugar de suas colônias transoceânicas, onde a Itália poderia encontrar condições mais favoráveis para semelhante ação e nos parece que vale a pena tentar manter, ao menos nestas regiões, aquele espírito nacional que se dissipa rapidamente em geral em quase todas as colônias de nossos emigrados na América.

Na prática, seria conveniente concentrar aqui, onde o campo é propício, uma maior parte daquela atividade e daquele dinheiro que inutilmente, ou quase, se gasta em outros lugares, onde não se pode esperar proveito algum.

Uma discreta soma de dinheiro à disposição dos Consulados Reais e alguma instituição nacional que procurasse alcançar os objetivos previstos, logo colocariam a organização escolar italiana a salvo de um eventual acerbamento do jacobismo dos Governos brasileiros. Esta estrutura há tempo funciona entre os alemães.

Parece-nos que semelhante ação nossa encontraria uma atitude benévola naqueles Estados do Brasil, que tem todo o interesse em implantar uma florescente civilização latina em sua terra, quer para o progresso de seu país, quer para contrabalançar a influência do elemento germânico.

AÇÃO NACIONAL NO CAMPO ECONÔMICO

Ademais, precisamos estar conscientes que para manter ligadas as colônias à mãe pátria, os vínculos mais válidos são os interesses materiais. As relações comerciais, econômicas e capitalistas têm demonstrado serem as mais úteis para manter viva, por muito tempo, a língua pátria dos nossos emigrados.

che il capitale di suo non arriva a scorgere sebbene questa sia considerevole; in tali casi tocca al Governo del paese ad orientarlo ed incoraggiarlo. Mi riferisco agli Stati Meridionali del Brasile e particolarmente a quelli di Rio Grande do Sul e Santa Catharina. Mi sembra che un'azione economica, anche in misura modesta, potrebbe essere preziosa integratrice dell'azione nel campo dell'istruzione, sopra accennata, per conseguire lo scopo della conservazione nazionale di queste colonie. E mi sembra che dovrebbe essere alla portata delle forze economiche del nostro paese.

Si osservi infatti che nelle zone coloniali italiane vi è per ora grande scarsità di denaro; capitale dal di fuori non ve n'è venuto sotto alcuna forma in misura apprezzabile, ed a questo anche si deve la loro conservazione nazionale.

La produzione locale, a causa della mancanza di commercio, non ha permesso che si formassero sul luogo se non modestissimi capitali. Per una felice e naturale soluzione, le colonie cercano ora la via per supplire alla mancanza di capitale, nella associazione economica, e sorgono cooperative di consumo e di produzione, cooperative per la vendita dei prodotti, e casse rurali per fornire il piccolo credito ai coloni.

Coloro cui sta a cuore la conservazione nazionale di queste colonie debbono vedere con piacere lo svilupparsi di queste molteplici forme di cooperativismo. Esse possono tenere addietro l'invasione di capitale brasiliano o straniero, elemento potente di snazionalizzazione, e viceversa possono costituire un elemento di coesione morale tra le colonie, basata sull'associazione degli interessi economici, sulla coscienza di aver trovato in se stesse, nelle pure forze italiane tutte le risorse per un vigoroso progresso economico.

Orbene, questo rappresenta un campo vergine alle imprese capitaliste. Nelle colonie non esistono ferrovie; e qualche linea ferroviaria costruita con capitale italiano conferirebbe a noi un'influenza grandissima; degli accaparramenti di terreno per parte di Società italiane, sul genere di ciò che ha fatto la Compagnia Anseatica tedesca, potrebbero essere remunerativi ed insieme,

A Itália não desenvolveu, a não ser em medidas muito pequenas, semelhante ação econômica nos países transoceânicos para onde se dirigiu sua emigração e se limitou a um pouco de comércio, no entanto, sempre em proporções inadequadas na base, quando junto a ele ter-se-iam agrupado as numerosíssimas colônias.

Por ora, não se falou de empregar capital em países de além mar. A Itália exportou trabalho, que o possui em abundância, mas não capitais, dos quais internamente agora precisa para o desenvolvimento de suas indústrias. E por quanto se possam chorar ocasiões perdidas de ótimos investimentos, que, além de compensadores interesses, teriam servido de complemento e apoio aos nossos emigrados e, se pode dizer, nacionalizado imensa força de seu trabalho, embora com graves dificuldades. Devemos reconhecer que certos fenômenos econômico-sociais não se podem dominar pelos desejos. Diz-se corretamente que nada existe de mais internacional que o capital, o qual sabe escolher as melhores oportunidades sem olhar as fronteiras dos países.

Todavia, não dá para negar que, às vezes, o capital é limitado, especialmente entre nós. Ademais, em certos casos, os interesses políticos podem indicar a conveniência de emprego em determinados locais, conveniência que o capital por si não chega a avistar, embora ela seja considerável. Em tais casos, compete ao governo do país orientá-lo e encorajá-lo. Refiro-me aos Estados do Sul do Brasil, principalmente Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Parece-nos que uma ação econômica, que, embora em medida modesta, poderia ser preciosa na integração da ação educativa, com o objetivo de manter o espírito nacional destas colônias. Achamos que estaria ao alcance das forças econômicas do nosso país.

Observou-se, de fato, que nas zonas coloniais italianas, por ora, há grande necessidade de dinheiro. Capital de fora não chega de forma alguma em medida apreciável. Isto também ajuda a preservação nacional.

anche facendo astrazione da una eventuale immigrazione dall'Italia, potrebbero facilitare molto gli acquisti di terreni ai coloni delle vecchie colonie. E, dato che per tali imprese occorressero capitali considerevoli, non facilmente trovabili adesso nel nostro paese, un'azione economica più modesta, ma non meno importante, potrebbe svolgersi favorendo con capitali italiani il credito coloniale, e forse anche appoggiando e sostenendo le casse rurali e le cooperative che vanno sorgendo numerose nelle colonie.

Credo che se il R. Governo incoraggiasse qualche Istituzione bancaria italiana a concorrere in qualcuna delle forme suddette al progresso economico di quelle colonie italiane negli Stati di Rio Grande do Sul e Santa Catharina, si acquisterebbe la riconoscenza di quelle regioni ed il denaro italiano colà impiegato non tarderebbe a produrre frutti considerevoli.

IL COMMERCIO ITALIANO COLLE COLONIE DEI TRE STATI

Se, come giustamente si va lamentando, i commerci italiani con le colonie degli emigrati nelle Americhe sono generalmente sproporzionati all'importanza delle colonie di questi tre Stati meridionali del Brasile sono addirittura insignificanti.

Abbiamo visto parlando dei singoli Stati, quali siano i prodotti italiani che in misura più o meno scarsa si importano in essi dall'Italia; adesso vogliamo solo, data la grande importanza dei rapporti commerciali fra le colonie e la madre-patria, per la conservazione nazionale delle medesime, richiamare alcune osservazioni generali sulle cause e sui possibili rimedi a tale stato di cose.

È necessario prima di tutto affermare che, pure essendo vero che lo sviluppo delle industrie in questi paesi, specialmente nel Rio Grande, promuovendo la fabbricazione all'interno di vari prodotti che fino ad ora venivano dall'estero, va sempre più limitando il campo all'importazione, non pertanto lascia ancora adito ad una importazione considerevolissima, poichè le industrie locali mettono sul

A produção local, por falta de comércio, não permitiu a formação de capital de larga projeção. Por uma feliz e natural solução, as colônias procuram agora o caminho para suprir a falta de capital, na associação econômica. Surgem cooperativas de consumo, de produção, de venda de produtos e caixas rurais para fornecer pequeno crédito aos agricultores.

Aqueles que têm no coração a sua preservação nacional, verão, com prazer, o desenvolvimento destas múltiplas formas de cooperativismo. Elas podem ter atrás de si a invasão de capital brasileiro ou estrangeiro, como poderoso fator de desnacionalização e, por outro lado, podem ser fator de coesão moral entre as colônias, baseada na associação dos interesses econômicos, na consciência de ter achado em si mesmas, nas puras forças italianas, todos os recursos para um vigoroso progresso econômico.

Portanto, isto representa um campo virgem para as empresas capitalistas. Nas colônias não há ferrovias. Alguma linha ferroviária, com capital italiano, conferir-nos-ia uma influência muito grande. As aquisições de terrenos por Sociedades italianas, tendo como modelo a Companhia Hanseática alemã, poderiam ser lucrativas e, junto, também excetuando uma eventual imigração da Itália, poderiam facilitar as aquisições de terreno aos agricultores das velhas colônias. E, considerando-se que para tais empresas seriam necessários capitais consideráveis, não encontrados facilmente de momento no nosso país, uma ação econômica mais modesta, mas não menos importante, o crédito colonial poder-se-ia se desenvolver com capitais italianos e, talvez, ainda apoiando e mantendo as caixas rurais e cooperativas, que estão surgindo em grande número.

Cremos que se o Real Governo encorajasse alguma instituição bancária em concorrer em uma das formas citadas para o progresso econômico daquelas colônias italianas nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, conseguir-se-ia o reconhecimento daquelas regiões e o dinheiro italiano lá empregado produziria frutos consideráveis.

mercato prodotti che adesso e per molto tempo ancora non potranno competere per bontà e spesso anche per prezzi, con quelli della grande industria europea e Nord Americana.

Inoltre, sebbene il regime doganale imponga dazi fortissimi per ogni genere di prodotti agricoli e manifatturieri, tanto da sembrare che siano proibitivi, ciò nonostante sta il fatto che il commercio d'importazione è forte, e ne profittano largamente la Germania in primo luogo, quindi l'Inghilterra, gli Stati Uniti del Nord America ed altri Stati. Tengono i primi posti fra le merci importanti gli articoli di cotone, di lana, di seta; le macchine, gli oggetti di metallo, i vasellami, i vini, gli olii, i medicinali, ecc. Ora nelle colonie nostre di questi Stati, che insieme coi caratteri nazionali hanno conservati i gusti per i prodotti italiani, noi dovremmo trovare pel nostro commercio un mercato favorevole alle nostre esportazioni.

E diffatti, sebbene date le abitudini parsimoniose ed il tenor di vita modesto dei nostri connazionali, quelle colonie non abbiano un forte potere acquisitivo, pure non v'è dubbio che esse mostrano una decisa preferenza per i generi italiani. Ho parlato con tanti negozianti della campagna e dei piccoli centri, e da tutti sempre ho sentito esprimere il desiderio di poter avere articoli italiani; ma essi non sanno come fare ad averli e debbono contentarsi di ciò che forniscono loro i mercati delle capitali.

Alcuni generi, come tessuti per contadini, pezzuole, cotonate stampate, ecc., furono reclamati così insistentemente dai nostri coloni, che le case tedesche, che monopolizzano buona parte dell'importazione, hanno pensato bene di provvedersene in Italia; ma purtroppo codeste merci, portate al Brasile per la via di Amburgo, sono sottoposte colà ad una specie di snazionalizzazione; vi si impongono marchi germanici e passano poi nel Brasile come merci tedesche.

È oramai opinione unanime da vari lustri concordemente ripetuta nei rapporti dei Regi Consoli residenti in quelli Stati, che la causa principale del languente commercio italiano laggiù, si trova essenzialmente nella mancanza di

O COMÉRCIO ITALIANO COM AS COLÔNIAS DOS TRÊS ESTADOS

E, deixando as lamentações de lado, se os comércios italianos com as colônias dos emigrados nas Américas são geralmente desproporcionais à importância das próprias colônias, os comércios das colônias destes três Estados do Brasil são deveras insignificantes.

Falando de cada Estado, vimos quais são os produtos italianos que em pequenas medidas se importam da Itália. Agora, dada a grande importância das relações comerciais entre as colônias e a mãe pátria, para a preservação nacional das mesmas, queremos somente evocar algumas observações gerais sobre causas e sobre os remédios para tal estado de coisas.

É necessário antes de tudo afirmar que, não obstante ser verdadeiro que o desenvolvimento das indústrias nestes lugares, principalmente no Rio Grande, promovendo internamente a fabricação de vários produtos que até há pouco tempo vinham do exterior, o campo da importação vai sempre mais se delimitando. Não há, por isso, ainda acesso à uma importação muito considerável, uma vez que as indústrias locais colocam no mercado produtos que agora e ainda por muito tempo não poderão competir em qualidade e muitas vezes também por preços da grande indústria européia e norte-americana.

Ademais, embora o regime alfandegário imponha taxas altíssimas para cada gênero de produtos agrícolas e manufaturados, dando a impressão de serem proibitivos, apesar disso, é forte o comércio de importação. Dele se aproveitam a Alemanha em primeiro lugar, depois a Inglaterra, os Estados Unidos da América do Norte e outras nações. Entre as principais mercadorias importadas estão os artigos de algodão, de lã, de

una linea di vapori che li congiunga direttamente coll'Italia; raramente si vede la bandiera italiana nei porti di Paranaguà, Florianopolis e Porto Alegre.

Le merci italiane hanno due vie possibili per giungere colà: o passare per Amburgo, imbarcandosi sui vapori tedeschi che fanno un regolare servizio mensile per questi porti, ed è questa la via preferita: ovvero andare fino a Rio de Janeiro od a Santos sui piroscafi italiani, e quivi trasbordare sui piroscafi costieri brasiliani. Nell'un caso le merci subiscono il maggior costo pel trasporto dall'Italia ad Amburgo, e passano per le mani dei tedeschi, il che è sufficiente per metterle in condizioni d'inferiorità nella concorrenza colle merci germaniche; nell'altro caso subiscono un ricaro ancora maggiore dovuto alle spese di trasbordo, di commissione e di trasporto sui vapori brasiliani. Non sono mancati alcuni tentativi per parte di qualche compagnia italiana; ma si trattò di viaggi isolati, dai quali forse si aspettava un risultato economico immediato, che naturalmente mancò, e che furono tosto interrotti.

Furono tentativi mal preparati che servirono solo a scoraggiare un traffico che a detta di tutti i commercianti e le persone competenti, dovrebbe riuscire attivo e redditizio.

Infatti una linea di piroscafi che facesse un servizio regolare mensile, od anche, sul principio, bimestrale, coi porti Sud-Brasiliani non potrebbe mancare nè di carichi completi per l'andata, nè di noli di ritorno, se si pensi che potrebbe trovare il carico complementare da e per i porti di Santos e magari di Montevideo e Buenos Aires.

Da due anni circa si attende come imminente la messa in linea di un piroscafo per questo servizio per parte di un armatore genovese; si dice che detto piroscafo sarebbe stato costruito espressamente secondo un tipo speciale, adatto a passare facilmente le *barre* che sono non lievi difficoltà ai piroscafi transatlantici; ma fino ad ora l'attesa fu vana.

Ma perchè gli scambi commerciali divenissero nutriti, occorrerebbe altresì una preparazione sul luogo, richiesta dalle peculiari condizioni di quei

seda, máquinas, objetos de metais, vasilhames, vinhos, óleos, remédios, etc. Agora, nas nossas colônias destes Estados, que junto com as características nacionais conservaram-se os gostos para os produtos italianos, deveríamos achar para o nosso comércio um mercado favorável às nossas exportações.

E, de fato, embora os hábitos parcimoniosos e o teor de vida modesto dos nossos conacionais, e considerando que aquelas colônias não tenham ainda um forte poder aquisitivo, apesar disso, não há dúvida que elas demonstram uma decisiva preferência para os produtos italianos. Falamos com muitos comerciantes do interior e do centro e de todos sentimos o desejo de poder ter artigos italianos, mas não sabem como obtê-los e se contentam com o que fornecem a eles os mercados das capitais.

Alguns produtos, como roupa para agricultores, lenços, peças estampadas de algodão, etc. foram solicitadas de forma insistente pelos nossos colonos. As casas alemãs, que monopolizam boa parte da importação, pensaram bem em abastecer-se delas na Itália. Mas, infelizmente, as mercadorias que vão ao Brasil, via Hamburgo, são submetidas a uma espécie de desnacionalização. Ali recebem etiquetas alemãs e passam como mercadorias alemãs.

É já de opinião unânime, concordemente repetida durante vários lustros nas relações dos Cônsules Reais, residentes naqueles Estados, que a causa principal do fraco comércio italiano de lá, está essencialmente na falta de uma linha de vapores que os una diretamente com a Itália. Raramente se vê a bandeira italiana nos portos de Paranaguá, Florianópolis e Porto Alegre.

As mercadorias italianas fazem dois caminhos possíveis para chegar até lá: passar por Hamburgo, embarcadas em vapores alemães, que fazem serviço mensal regular entre aqueles portos. Este é o caminho preferido. Outro caminho é ir até Rio de Janeiro ou Santos em vapores italianos e daí seguir destino, através de vapores costeiros brasileiros. Na

mercati. Si noti infatti che in questi Stati il ceto commerciale italiano è formato quasi esclusivamente di piccoli negozianti delle campagne, mancano grandi Case commerciali italiane con forti capitali, che abbiano la possibilità di procurare importazioni dirette dall'Italia; ed è questo il motivo per cui i commercianti delle colonie debbono ricorrere ai mercati locali, e non poterono ancora costituire istituti di informazione e mediazione loro propri, come le Camere di Commercio italiane che esistono in San Paolo od in Buenos Aires ed in tutte le altre maggiori colonie italiane.

Per rimediare a questa speciale situazione è necessario che le stesse Case esportatrici italiane provvedano, con un servizio attivo di commessi viaggiatori e di rappresentanti, ad offrire i loro generi direttamente ai singoli negozianti, sull'esempio di quello che fanno le Case tedesche, i cui commessi si incontrano continuamente nelle strade più remote delle colonie, che sono da essi invase letteralmente.

Se esse si limitano ad affidare il proprio commercio in queste colonie, come generalmente usano fare, ai loro rappresentanti di Rio Janeiro e di San Paolo, i quali se ne occupano solo in fuggevoli visite a tempo avanzato, mai potranno avvantaggiare i loro interessi in questi mercati.

*

* *

Noi abbiamo fede che una simile azione di penetrazione economica, combinata con l'altra azione di carattere morale e sociale, di cui sopra abbiamo parlato, potrebbero contribuire in modo efficacissimo alla conservazione nazionale di quelle colonie, ed allo sviluppo degli interessi italiani nel Brasile meridionale; e siamo certi che questo ci varrebbe altresì le simpatie del Brasile, che vedrebbe nel trionfo della nostra civiltà sulla sua terra, il miglior affidamento per il suo prospero avvenire.

primeira possibilidade, as mercadorias sofrem o maior custo de transporte entre a Itália e Hamburgo e passam pelas mãos dos alemães, o suficiente para colocá-las em condições de inferioridade na concorrência com as alemãs. No outro trajeto, sofrem um encarecimento ainda maior, devido às despesas de baldeação, de comissão e de transporte nos vapores brasileiros. Houve algumas tentativas por parte de uma companhia italiana. Foram apenas viagens isoladas das quais talvez era esperado resultado econômico imediato. Isso não ocorreu e as viagens foram interrompidas.

Foram tentativas mal organizadas, que serviram apenas para desencorajar o tráfego, que, no dizer de todos os comerciantes e pessoas inteligentes, deveria sair ativo e vantajoso.

De fato, uma linha de vapores que fizesse um serviço regular mensal, ou ainda bimestral de começo, ligando os portos do Sul do Brasil, não poderiam faltar cargas completas de ida e volta, pensando ainda na possibilidade de encontrar complementos em Santos e às vezes em Montevideu e Buenos Aires.

Há dois anos se espera como iminente a linha de serviços de um vapor de um armador genovês, construído expressamente segundo um tipo especial, adaptado para passar com facilidade nas bancas de areia da foz dos rios, que é a maior dificuldade para os vapores transatlânticos. Até agora a espera foi em vão.

Para que as trocas comerciais fiquem atrativas necessitar-se-ia, outrossim, de uma preparação in loco, exigida pelas peculiares condições desses mercados. De fato, nota-se que nestes Estados a classe comercial italiana é formada quase exclusivamente de pequenos negociantes do interior. Faltam as grandes Casas comerciais italianas de forte capital, com a possibilidade de procurar importações diretas da Itália. É este o motivo para o qual os comerciantes das colônias devem recorrer aos mercados locais e não puderam ainda formar institutos de informação e mediação,

como as Câmaras de Comércio italianas de São Paulo ou de Buenos Aires e de todos os grandes centros coloniais italianos.

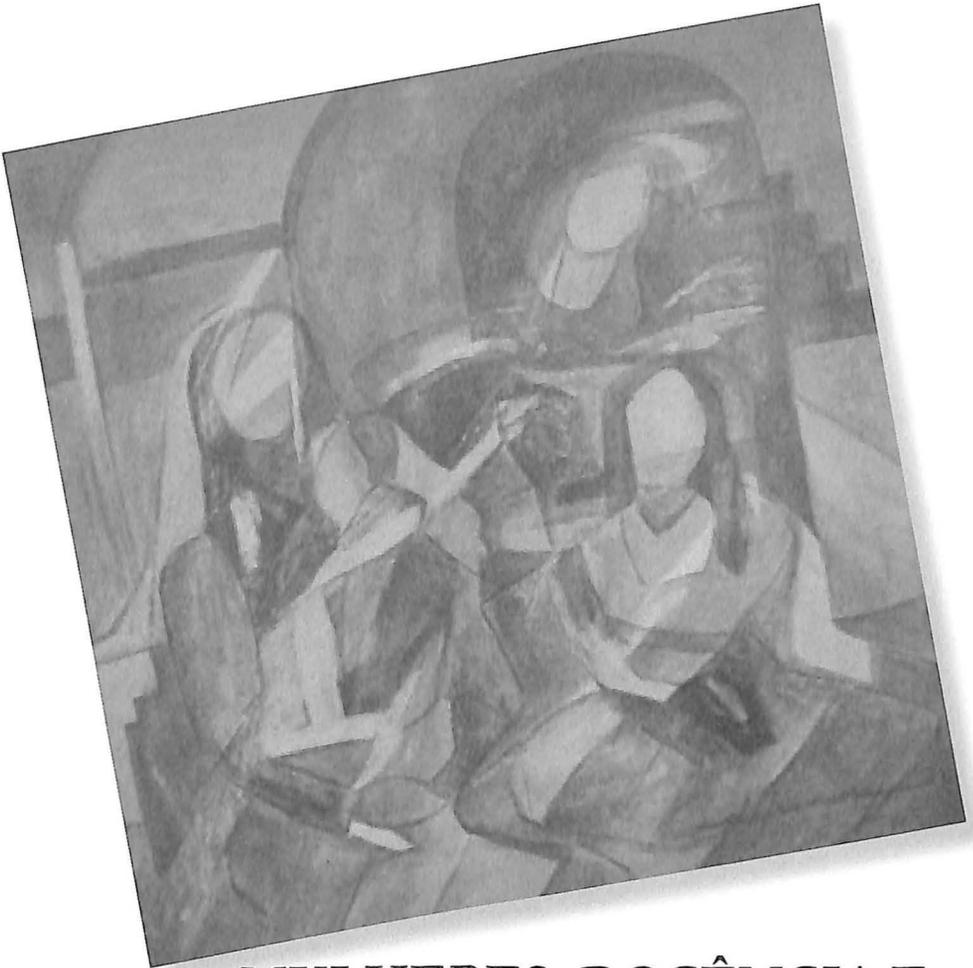
Para melhorar esta especial situação é necessário que as mesmas Casas exportadoras italianas providenciem, com um trabalho ativo de agentes viajantes e de representantes, oferecendo seus produtos diretamente a cada negociante, como fazem as Casas alemãs, cujos agentes se encontram continuamente nas estradas mais afastadas das colônias, que são literalmente invadidas por eles.

Se essas se limitam a confiar o próprio comércio nestas colônias como geralmente costumam fazer os seus representantes do Rio de Janeiro e de São Paulo, que se ocupam somente com rápidas visitas, quando lhes sobra tempo, jamais poderão aumentar seus interesses nestes mercados.

* *

*

Temos fé que uma ação semelhante de penetração econômica, combinada com outra de caráter moral e social, da qual temos falado, poderiam contribuir de modo muito eficaz para preservar o espírito nacional destas colônias e para o desenvolvimento dos interesses italianos no sul do Brasil. E estejamos certos que isto também nos atrairia as simpatias do Brasil, que viria no triunfo da nossa civilização sobre a terra, a melhor segurança para o seu próspero porvir.



**MULHERES, DOCÊNCIA E
ARTES VISUAIS:**
que trama de escolhas são estas?

MULHERES, DOCÊNCIA E ARTES VISUAIS: QUE TRAMA DE ESCOLHAS SÃO ESTAS?

Rosina S. de Franceschi Fiamoncini ²

Este estudo tem como objetivo compreender como se construiu o gosto por arte e docência. A pesquisa ocorreu em duas instituições: a BLUAP-Associação Blumenauense de artistas plásticos, e a FURB-Universidade Regional de Blumenau/Depto de Artes. As agentes são sete professoras/artistas plásticas que atuam na dupla função. Utilizou-se o recurso metodológico de memória e história oral /entrevistas. O aporte teórico central deve-se a Pierre Bourdieu. Os resultados demonstraram a influência da família/escola na construção das disposições artísticas e inculcações relacionadas ao feminino nas duas escolhas.

Palavras-chave: Educação. Disposições artísticas. Docência. Mulheres.

INTRODUÇÃO

"[...] a gente vai escolhendo sem se dar conta. Mas chega uma hora que a gente começa a entender o porquê das escolhas". (Catharina)

¹ Abertura do artigo: obra "Mulheres - mãe e filhas" (2005). Artista: Rosina de Franceschi

² Possui mestrado em Educação (2009) pela Fundação Universidade Regional de Blumenau, especialização em Fundamentos Estéticos e Metodológicos do Ensino de Artes, FURB (2005) e graduação em Licenciatura em Artes Visuais pela FURB, (1991). Atualmente é professora na Universidade Regional de Blumenau, Rede Pública de Ensino e em cursos de Pós-Graduação. Tem experiência na área de Arte e Educação, com ênfase em Artes Visuais: Pintura, História da Arte e Estética da Arte. Atua também como artista plástica desde 1980 tendo realizado aproximadamente 300 exposições e algumas premiações no Brasil e exterior. E-mail: rosinafr@terra.com.br

Este estudo é um recorte de pesquisa desenvolvida em Programa de Mestrado em Educação – FURB – Universidade Regional de Blumenau e tem como objetivo investigar e compreender como se construiu o gosto por artes visuais e docência e a busca pela formação específica, culminando com duplas escolhas/trajetórias profissionais. Algumas questões são fundamentais para o entendimento destas opções: O que predispõe algumas mulheres a escolherem o campo da arte e o campo educacional em suas atuações? Como se construiu a trama para esta disposição?

As agentes deste estudo são sete professoras de arte, com formação específica em artes e, também, são artistas plásticas com reconhecidas trajetórias em Blumenau e no estado de Santa Catarina. Destaca-se que das sete entrevistadas cinco cursaram Mestrado em Educação. Constatou-se que são poucas as mulheres com essa formação e dupla atuação profissional, o que estimulou a busca por entender quais os possíveis motivos para estas escolhas. Assim sendo, a pesquisa foi realizada em duas instituições onde se encontram um expressivo número de mulheres envolvidas nestas duas atividades: a BLUAP³- Associação Blumenauense de Artistas Plásticos, entidade que congrega artistas plásticos profissionais e a FURB – Universidade Regional de Blumenau, em seu Departamento de Artes.

Para a obtenção do material empírico, utilizou-se o recurso metodológico de memória e história oral por meio de entrevistas. Neste sentido, buscou-se em alguns autores, a fundamentação teórica necessária para esta compreensão. Para Bosi (1994, p. 31), “o modo de lembrar, é individual e social”, caracterizando, portanto, cada trajetória como única,

3 Criada em 1986 com o objetivo de congregar os produtores de artes plásticas de Blumenau. Em 1996, foi elevada ao patamar de Entidade Pública. Em 2008, foi decretada Entidade Pública Estadual, e seus membros tornaram-se, doravante, artistas plásticos profissionais.

marcada por contextos e vivências específicas, o que explica a singularidade de cada trajetória.

Com relação à história oral, de acordo com Alberti (2004, p. 30), é preciso compreender que a opção por este método depende do tipo de questão colocada ao objetivo de estudo, bem como das condições dos entrevistados: que estejam vivos, disponíveis e em condições - físicas e psicológicas - de colaborar com seus depoimentos. A respeito do método a autora esclarece que a opção depende dos propósitos da pesquisa e a relação com o tema e questões que se pretende investigar.

As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados. (ALBERTI, 2004, p. 37-38).

Portanto, segundo a autora, tanto um quanto o outro tipo de entrevistas de história oral podem ser empregados em diversas disciplinas das ciências humanas e têm relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada e métodos qualitativos.

As agentes relataram, por meio de entrevistas com o recurso da memória, a educação familiar que tiveram, sua trajetória de formação profissional, bem como o contexto em que viveram e o investimento dos pais nestes encaminhamentos.

A respeito do trabalho com a memória feminina e a importância do registro destas trajetórias profissionais, assim mencionam Souza *et all* (1996, p. 62):

A recuperação dessa memória é uma questão fundamental

na escrita da história das mulheres, seja porque elas ainda permanecem como um grupo o qual a história, durante muito tempo, negou-se a investigar ou reservou-lhe um lugar sem qualidade, seja porque compõem um grupo social que, embora constitua a outra metade da humanidade, continua a sofrer diversas formas de opressão e de exclusão.

Na história, sabe-se que as mulheres sempre trabalharam, e muito, porém, quase não há registros, exceto algumas biografias relacionadas a algum feito heróico assim considerado pelo olhar masculino. No que concerne ao campo artístico, até o final do século XIX e início do século XX, não era permitida a presença/participação delas neste meio, pois o mesmo era de domínio masculino. A este grupo social – as mulheres – sempre fora destinada a esfera do privado, e isto persistiu até um passado recente, onde suas ocupações restringiam-se ao papel da reprodução e aos cuidados relacionados aos filhos no reduto doméstico. Hoje, elas participam da vida pública, ocupam espaços que antes eram reservados apenas aos homens, provocando rupturas, resistências e abrindo espaço na redistribuição de papéis sociais. No entanto, ainda é considerado um tema emergente em pesquisas e discussões acadêmicas. Por estas razões, este estudo dedicou-se a ouvir as mulheres artistas plásticas e professoras e suas narrativas.

Muito embora tenham sido incentivadas, não significa dizer que não vivem conflitos nestas atuações, no entanto, de acordo com relatos, tentam superar articulando estratégias e abrindo brechas para conciliar tantos papéis e impor-se como artistas profissionais e professoras.

De acordo com Lamas (1997, p. 88) em seu estudo com mulheres artistas, a mesma enfatiza a questão:

A mulher, ao exercer a profissão de artista eminentemente ativa e de transformação, entra em conflito direto com esse papel primeiro (que a sociedade normatiza) ainda mais que a sociedade inscreve aos homens essas características

de criatividade e mudanças predominantes nas profissões do mundo das artes.

A arte pressupõe por si só algumas transgressões ao estabelecido, e, quando executada por mulheres isto representa a saída do reduto à elas destinado e para o qual foram educadas gerando conflitos e simbolizando a contradição em seu papel passivo da esfera doméstica as ações transformadoras da mulher artista. Ainda de acordo com Lamas (1997) ao exercer uma profissão no mundo das artes, a mulher rompe com o papel de gênero que é construído socialmente e desta maneira ela se assume enquanto sujeito e passa a questionar o estabelecido. Entretanto, esta superação do doméstico, do espaço privado para o espaço público lhe custa caro, pois isto se soma a outros papéis/afazeres que desempenham, gerando uma sobrecarga para elas.

Em seus depoimentos, perceberam-se muitos pontos comuns no relato das trajetórias escolares, na educação familiar e formação profissional proporcionadas pelas suas famílias, bem como uma grande influência por parte das mães no encaminhamento dado às filhas. Destacase que a idade destas entrevistadas varia entre 41 e 58 anos. Portanto, elas nasceram no início da década de 1950 e final de 1960 e tiveram o início de seus percursos escolares, respectivamente, nas décadas de 1960 e 1970, período este, caracterizado pela ditadura militar que este país viveu, atingindo por longos anos a sociedade e os sistemas de educação vigentes. Estes trouxeram alguns reflexos que perduram até hoje na forma de certos encaminhamentos e condutas repassados tanto pela escola quanto pela família, como se verá nos relatos das mesmas.

A CONSTRUÇÃO DAS DISPOSIÇÕES ARTÍSTICAS

Não é necessário deter-se muito na história da educação para

entender que esta, sendo conservadora, enfatizou modos de ser e de viver em consonância com os preceitos sociais julgados adequados a homens e mulheres, ou seja, de acordo com o gênero masculino e feminino. Assim, perceberam-se encaminhamentos diferentes aos filhos, o que irá repercutir em suas escolhas profissionais. Neste sentido, os depoimentos das entrevistadas revelaram a importância dos incentivos que tiveram desde a infância, bem como os investimentos por parte dos pais e o papel da escola nessa construção.

Quanto à influência do gosto por artes visuais, este teve início desde os primeiros anos e é atribuído, em grande parte, às mães que estimulavam as filhas para esta atividade. Por isso, após vários cursos de formação encaminhados por elas, tais como pintura, desenho, música entre outros, a escolha do curso de graduação parecia ser um destino quase *natural*, transparecendo em seus depoimentos.

No que diz respeito à docência, isto foi estimulado/orientado/inculcado da mesma forma, desde cedo, pelas mães, pela ligação estreita com o que elas sempre fizeram e para isso foram educadas: a educação e cuidados com os filhos. Por isso era considerada a profissão ideal, possível de conciliação, como se verá nos depoimentos.

“[...] eu tinha na minha cabeça que seria professora, e de educação artística, unindo a influência da minha mãe, o que eu não achava ruim também”. (Maria)

“[...] o magistério na realidade, meio que foi influenciado pela minha mãe [...] ela sempre dizia assim: profissão de mulher é o magistério!” (Maddalena)

“Eu queria ser professora de artes, eu queria. Era uma vontade que eu tinha, isso já no ensino fundamental, eu sentia essa vontade de ser professora”. (Rosa)

Outra agente conta que sempre gostou de artes, de atividades ligadas ao “trabalho com as mãos”, “algo prático”, e que isto sempre se manifestava na forma de pintura, trabalhos manuais diversificados que fazia junto com sua mãe.

“[...] Eu tinha paixão pela pintura, pelas atividades manuais[...].

(Phina)

A relação da mulher com a docência e as artes visuais como vem sendo discutida neste estudo, apresentava-se, pois, como a profissão adequada às expectativas sociais, uma vez que a mulher transitaria sem problemas pelo espaço público, sem prejuízo do privado, que afinal, era regido pelas mesmas normas sociais.

A respeito desta profissão e sua ligação com o feminino, assim descreve Almeida (1998, p. 168-169):

Uma profissão que não demandasse empreender grandes vãos ou romper barreiras sociais, causando conflitos familiares por sua possibilidade de comprometer o casamento e a maternidade. Bastava que o trabalho fosse honesto, aprovado e considerado acessível. Um trabalho digno que permitisse cuidar do lar e ainda proporcionar um certo conforto com o salário recebido e que, principalmente fosse bem aceito e devidamente autorizado pelo meio familiar e social. Almeida.

Desta forma, os estudos demonstraram que a profissão do magistério, para mulheres, apresentava-se como um consenso: bom para elas, para a sociedade, para continuação da dominação e bom para a educação.

ARTE E MAGISTÉRIO: UMA TRAMA DE PAIXÕES E AÇÕES

Nos relatos das agentes, observou-se que as mesmas receberam estímulos para a arte e também para a docência, em decorrência de certos padrões de valoração por parte das famílias, principalmente das mães. A intenção era oferecer às meninas uma educação baseada no modelo tradicional de ensino, em que atividades artísticas como a pintura, a música e outras habilidades fizessem parte da representação imaginária do ideal

feminino e fossem símbolos de *status* na educação das meninas da classe média.

“[...] eu vivia desenhando e pintando e a minha mãe também fazia trabalhos manuais”. (Maria)

“[...] eu já era considerada a artista da família, já tinha assim esse codinome: ‘a Anna é a artista da família, olha só como ela desenha’. (Anna)

Acerca desta discussão, considera-se oportuno trazer a contribuição dos estudos de Cruz (2002), cujo trabalho destaca trajetórias de artistas plásticas no contexto pernambucano. Assim escreve a respeito das influências que geram a predisposição para a Arte:

[...] o gosto pela arte, pelas manualidades e pelo ensino está ligado à representação social do feminino, o indivíduo do referido sexo vai interiorizar desde criança, através do que vê e do que lhe é ensinado, que a atividade artística é algo de agradável e que lhe atribui mérito e louvores por parte dos outros, predispondo-a para se interessar pelas artes (CRUZ, 2002, p. 108).

Assim, estas entrevistadas foram crescendo e sendo estimuladas para o exercício da Arte e magistério, definindo gostos e trajetórias em tais atividades.

“[...] eu sempre gostei muito das aulas de arte, né. Desde lá do prezinho eu sempre gostei muito de desenhar, de pintar [...]”. (Rosa)

“[...] ela via que eu tinha esse talento voltado pro artístico e me induzia meio que pra fazer curso de pintura em tecido... Ela dizia: olha, tem um curso de pintura, de desenho, vai lá, faz”. (Anna)

Essas representações de arte e docência como atividade para mulheres foram sendo “naturalizadas” e incorporadas como um caminho “natural”, dada a época, contextos e expectativas.

“[...] ser professora era uma profissão muito nobre, muito respeitada na época. [...] é claro que eu optei pelo magistério”! (Maria)

Assim, estas agentes trazem para si uma influência de gerações, observando-se uma correlação de transmissão familiar com o capital escolar. De acordo com Bourdieu (2007, p. 27) “[...] este capital é o produto garantido dos efeitos acumulados da transmissão cultural assegurada pela família e da transmissão cultural pela escola”. Entendendo-se que formam um conjunto de fatores, um agindo sobre o outro nas ações de inculcações.

Por inculcação entende-se a recomendação, aconselhamento, orientação repetida com certa insistência no seio da família, o que acaba sendo incorporado pelo indivíduo numa espécie de convencimento de alguma coisa.

Em estudos a respeito de práticas culturais, que envolvem questões a respeito de gosto, Bourdieu e Darbel (2003) afirmam que isto é uma construção social e está relacionada ao ambiente vivenciado e às influências familiares e que a necessidade cultural é produto da educação familiar e da ação da escola, um agindo sobre o outro de maneira a criar disposições para a cultura.

O mito do gosto inato, que nada deveria às restrições das aprendizagens nem aos acasos das influências, [familiares] já que seria dado inteiramente desde o nascimento, não é senão umas das expressões da ilusão recorrente de uma natureza culta que preexistiria à educação [...]. (BOURDIEU e DARBEL, 2003, p. 164).

Os autores explicam que a cultura não é um privilégio natural, e a prática cultural não é um dom ou uma questão de sensibilidade inata ligada à emoção, pois existem condições sociais para que tal ocorra, ou seja, os meios que predisõem determinadas classes para que tenham acesso

a esta cultura. Estes não se referem apenas ao capital econômico, mas também a outros investimentos simbólicos e práticas culturais vivenciadas e transmitidas no interior das famílias e pelas ações da escola.

“[...] eu agradeço muito, muito, muito, as aulas de artes na escola. [...] Eu agradeço muito porque nas aulas de artes na escola as professoras tiveram a sensibilidade pra perceber que eu tinha essa facilidade e me incentivavam muito [...]”. (Anna)

Lúcia fala de seu envolvimento com materiais artísticos e das influências que teve por parte dos pais tanto para a arte quanto para a docência:

“[...] desde pequena eu lido com materiais vinculados ao desenho e também com relação à docência [...] sempre vi meu pai desenhando tanto na parte de arquitetura como na construção. Então eu ficava sempre próxima a ele na prancheta, brincando ao lado dele e ele me ensinando a fazer árvores [...]”. (Lúcia)

A respeito das disposições aqui abordadas, convém esclarecer quanto ao uso do termo para este estudo. Assim menciona Lahire (*apud* BUENO, 2007, p. 41):

O termo “disposição” é correlato de uma série de outras expressões, utilizadas por variados autores, das quais podemos citar: esquemas de ação, repertório ou reserva de experiências, categorias de percepção, estoques de conhecimento. Todas evocam os processos de socialização e interiorização das experiências passadas, incorporadas, constituindo-se como síntese delas. São as heranças imateriais que transportamos, convertidas em maneiras duráveis de ver, dizer, sentir, agir, de hábitos, crenças, categorias de percepção e apreciação [...].

Portanto, este conjunto de interesses e inclinações carregados pelos indivíduos constituem-se em disposições e predisposições, *habitus* (BOURDIEU , 2004), que lhe são próprias, e isto ocorre ao longo

das diferentes trajetórias, levando consigo suas posições sociais. Esta interiorização e modos de sentir e agir são iniciados, primeiramente, na família, levando-se em conta os demais fatores já descritos.

Estas construções em torno de arte e docência estão ligadas ao *habitus* primário, que, como afirma Bourdieu (2004), trata-se de um princípio gerador de práticas que, uma vez incorporadas, estão na base de outras práticas carregadas pelo indivíduo em suas ações no espaço social em que atua. Quanto às inclinações pessoais, gostos e outras práticas sociais, de acordo com estudos de Pereira e Catani (2002, p. 110), estudiosos das teorias de Bourdieu:

Ao contrário do que faz crer a percepção imediata do social, as inclinações dos agentes não são naturais, inatas, absolutamente pessoais e aleatórias. O agente, enquanto singular, administra as suas estratégias (escolarização, demais investimentos culturais, emprego) e desenvolve seus gostos de acordo com os esquemas de classificação e apreciação que lhe foram inculcados (em casa e na escola, no emprego, no clube, com os amigos), avaliando, a cada passo, não de forma inconsciente nem de forma calculadamente consciente, as suas chances objetivas de êxito.

Assim, os princípios que norteiam as práticas, valores e condutas pessoais e profissionais destas agentes não são inatos e “naturais”, mas sim, dizem respeito a este *habitus* inculcado na primeira infância. Isto se construiu com base em incentivos, investimentos em cursos, associados também a uma busca pessoal como consequência deste encaminhamento desde cedo.

É pertinente, neste estudo, fazer uma reflexão em questões relativas à formação e ao ensino em geral e específico de artes, pois pelo que ainda se percebe nas instituições, há pouca ou quase inexistência de estudos e discussões a respeito de arte, gênero e suas implicações na formação docente. Loponte (1998, p. 150) comenta sobre a desvalorização da Arte:

No âmbito escolar, todavia, o ensino de arte reveste-se de um caráter feminino, condizente com representações de gênero estereotipadas, que acaba acentuando o seu *status* marginal no currículo. As mulheres são presença maciça nas escolas de ensino fundamental e médio, e maioria quase absoluta entre professoras/es de arte. O componente curricular Educação Artística acaba, muitas vezes, sendo apenas um pano de fundo para outras atividades escolares vistas como mais importantes.

Embora nos últimos tempos tenham se percebido algumas mudanças em termos de valorização desta disciplina, a Arte, de um modo geral, de acordo com Loponte (1998), ainda é vista como algo marginal, ligada ao gênero feminino. Este é reflexo do pensamento dominante entre as prioridades da sociedade em geral, na qual se percebe que a Arte ainda não ocupa lugar de destaque ou de igualdade entre as demais disciplinas curriculares.

Assim, surge a necessidade de se lançar luz às questões de educação, gênero, identidade e poder embutidas nestes campos e atuações profissionais. A respeito da produção artística de mulheres e sua invisibilidade, assim menciona Loponte (2005, p. 247):

Apesar de serem a maioria, as mulheres professoras de arte ainda parecem invisíveis profissionalmente. Há um paradoxo semelhante no que diz respeito à presença/ausência feminina nas artes visuais. Apesar da grande visibilidade da imagem das mulheres como um dos temas mais recorrentes da arte ocidental, elas são quase invisíveis como sujeitos da produção artística.

A ligação entre as mulheres e a criação artística é geralmente relacionada mais como objeto de representação ao longo da história do que pela obra/produção feita por elas. Apesar de serem, hoje, a maioria atuando nestes dois campos, ainda se percebe, por vezes, uma maior visibilidade masculina em detrimento da produção feminina nas artes visuais. No entanto, o cenário da arte a partir do modernismo e, principalmente, a partir das discussões contemporâneas, tem propiciado uma inserção e

divulgação cada vez mais crescente da produção artística de mulheres.

Constata-se que, à revelia do que está posto socialmente, elas têm mostrado resistência e, feitas equilibristas, conseguem desempenhar/acumular vários papéis e se firmar profissionalmente para muito além dos padrões impostos a elas historicamente.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente texto apresenta algumas reflexões a partir de uma perspectiva sociológica a respeito da construção do gosto por arte e docência, culminando com duplas escolhas profissionais, tentando compreender como se deu isto.

Fundamentado principalmente em Pierre Bourdieu no entendimento dos conceitos de *habitus* e das disposições artísticas, bem como em outros autores, tentou-se estabelecer um diálogo nas questões pertinentes à proposta deste estudo.

Com base nos dados apresentados e nas falas aqui trazidas, é possível perceber uma influência por parte da família – principalmente no encaminhamento dado pelas mães - e a ação da escola, seja formal ou informal, na forma dos cursos que fizeram, direcionando tanto para a arte quanto para a docência.

Percebeu-se que desde cedo estas influências e estímulos, aliados ao meio social e contexto em que viveram, foram muito importantes nestas construções, somando-se ainda as estratégias, lutas e investimento das famílias, além do esforço delas próprias na busca pela formação e pelo aperfeiçoamento na vida adulta nas duas atividades que desenvolvem. Elas encontraram nesta profissão, algo relacionado/integrado ao já construído desde a infância na família, reforçado pelas instituições onde estudaram,

nos cursos que fizeram e desenvolveram as habilidades artísticas e nos grupos sociais a que pertenceram.

Cabe ressaltar que estas buscas constantes só foram possíveis pelas mobilizações e incorporação do *habitus* ocorrido desde cedo. Estes agiram como um sistema de referência, de significados e sentidos que foram sendo construídos socialmente e deram às agentes uma direção, orientação e conseqüente escolha profissional.

Para este grupo social, os sentidos atribuídos para a docência e produção artística revelam terem sido uma construção lenta e acumulativa desde a primeira infância. Revelam ainda o papel das mães no encaminhamento profissional de suas filhas rumo a estas duas atividades, por considerarem a profissão ideal, ligada a um fazer feminino herdado pelas mesmas, sendo incorporados pelas meninas numa associação de vários fatores. A escola, por sua vez, reforçou certas habilidades adquiridas na família, fazendo com que as mulheres entrevistadas se empenhassem em seus esforços, aprimorando ainda mais o gosto já construído, somando-se sempre novos conhecimentos às escolhas profissionais despertadas desde a infância.

NOTAS:

1. Nesse estudo a expressão é utilizada referindo-se ao campo das artes visuais. As agentes entrevistadas são pintoras, escultoras e gravuristas.
2. Criada em 1986 com o objetivo de congregar os produtores de artes plásticas de Blumenau. Em 1996 foi elevada ao patamar de Entidade Pública.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 4ªed., Cia das letras, São Paulo, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; Revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Editora brasiliense, 2004.
- _____. **A Distinção: a crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo, Edusp; Zouk, 2007.
- _____. ; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus da arte na Europa e seu público**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Zouk, 2003.
- BUENO, Kátia Maria Penido. **Construção de habilidades: trama de ações e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- CRUZ, Lia Cristina Gonzalez. **As mulheres e a arte no contexto social pernambucano**. 2002, 115f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara; SOUZA, Cecília *et al.* **Memória e autobiografia: Formação de mulheres e formação de professoras**. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 2, p. 61-76, 1996.
- LAMAS, Berenice Sica. **As artistas: recortes do feminino no mundo das artes**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Gênero, arte e educação: ampliando espaços**. **Pátio – Revista Pedagógica**. Porto Alegre, Artes Médicas Sul Ltda, Ano 3, n. 10, ago/out, 1998.
- _____. **Gênero, educação e docência nas artes visuais**. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 243-255, jul./dez. 2005.
- PEREIRA, Gilson R. de M.; CATANI, Afrânio M. **Espaço social e espaço simbólico: introdução a topologia social**. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 20, n. Especial, p. 107-120, jul./dez. 2002.



**INUNDAÇÕES E TEMPORAIS
EM ITAJAÍ:**
Passado/presente

Enchentes de 1880 e 1911

INUNDAÇÕES E TEMPORAIS EM ITAJAÍ: PASSADO/PRESENTE

José Bento Rosa da Silva¹

No calor dos acontecimentos ocorridos em fins de novembro e início de dezembro de 2008, no Vale do Itajaí e no litoral norte do Estado de Santa Catarina, é que revisito o passado, buscando entender o presente. Não creio que a história se repete, os fatos são únicos, mas por outro lado, acredito que exista uma relação entre presente e passado e vice-versa²; ou ainda que exista permanências do passado imbricados no presente.

Acordei com uma máxima latina me atormentando o pensamento: “história magistra vitae”³ e, como se não bastasse, uma outra atribuída a Nietzsche acerca da importância da história: “se a história não serve para a vida, ela não serve para nada”⁴.

Diante deste apelo, não tive outra alternativa senão investigar as fontes que me dessem evidências do passado, já que o presente eu os tinha em mãos. Para ser mais preciso, fui investigar o mês de setembro dos anos de 1880 e 1911, que teriam sido catastróficos para a região de Itajaí, devido a inundações e temporais. As fontes? Correspondências expedidas e recebidas da Câmara de vereadores, relatórios, falas e mensagens dos

1 Doutor em História e professor universitário

2 Sobre esta questão. Ver. Passado/Presente. In. LE GOFF, Jacques. História E Memória. Campinas, SP: Ed. Unicamp., 1990.

3 A História é a mestra da vida. Expressão cunhada pelo escritor e orador romano, Marco Túlio Cícero (106-43 a.c.).

4 Não estou certo se de fato Nietzsche a proferiu, mas suas críticas à história positivista do século XIX propunha uma história que tivesse alguma relação com os seres humanos concretos.

presidentes da província, jornais e tradição oral. A tarefa estava posta, mas era necessário ânimo, pois eu também fora vítima da catástrofe que assolou esta região do Estado de Santa Catarina neste final de ano de 2008, e que não será objeto de minha descrição no momento. Esta experiência do presente tão somente me remete ao passado da região mencionada.

PRIMEIRA ENCHENTE QUE SE TEM REGISTRO

Em fevereiro de 1881, na abertura da segunda sessão da vigésima segunda legislatura da Assembléia Provincial de Santa Catarina, o Exmo. Sr. Dr. João Rodrigues Chaves, presidente da Província, descreveu em sua “falla”⁵ a situação de algumas regiões da província, em decorrência da grande cheia que abateu as mesmas durante seis dias consecutivos, de 21 a 27 do mês de setembro do ano anterior. Segundo ele, a calamidade excedeu todas as previsões e inundou impiedosamente o grande vale, causando graves danos e muitas perdas de vida. Vale acompanhar um trecho do relatório:

“Logo que chegaram ao meu conhecimento as primeiras notícias desses desastres tomei todas as medidas ao meu alcance, para minorar os seus deploráveis efeitos, e suavizar os sofrimentos dos infelizes habitantes daqueles lugares, enviando-lhes os socorros de alimentação, que eram mais urgentes e nomeando comissões de pessoas honestas, para distribuí-los, exigindo que prontamente me informassem do que mais fosse necessário, para que nada lhes saltasse.

Poucos dias depois, dolorosamente impressionado pelo infortúnio de tantas vítimas, fui pessoalmente a cidade de Itajaí, e sem seguida a colônia Blumenau [...] Era contristador o espetáculo. Por toda parte habitações em ruínas, lavouras devastadas, a fome, a nudez, a miséria, e as queixas dos pobres e daqueles, que pouco antes eram relativamente abastados e felizes, comoveram-me profundamente e

5 Era esta a denominação da abertura dos trabalhos no início de cada legislatura da Assembléia.

fizeram-me compreender quão nobre, providente e benéfica deve ser a missão do Governo ante essas grandes calamidades públicas [...]

Em frente a cidade de Itajaí o embate das ondas durante o temporal rompeu, e fez desaparecer um pontal de areia, que alongando-se para o sul, defendia a cidade da invasão do mar, ao mesmo tempo que um rio que lhe corre próximo, saindo de seu leito, despejava suas águas sobre a cidade, cavando em muitas das suas grandes valas, pelas quais se lançava ao mar, ficando destruídas cerca de cinqüenta casas e muitas famílias sem abrigo.

Ordenei que fossem prontamente iniciadas obras d'arte, indispensáveis para evitar a continuação dos desmoronamentos das casas, e destruição da cidade, mandando aterrar essas valas e opor estacadas de madeira a invasão das águas do mar”.

Itajaí, nesta época, tinha uma população de aproximadamente 4.664 habitantes⁷. Foram nomeadas comissões de socorro. Na cidade de Itajaí foi composta pelo tenente coronel Antônio Pereira Liberato, João Rodrigues de Almeida (vigário), Guilherme Asseburg (presidente da Câmara), José Pereira Liberato (delegado de polícia), Joaquim Domingos da Natividade (administrador das Mesas de rendas), Gregório Joaquim Coelho (subdelegado de Polícia). Nicolau Malburg, considerado pela historiografia tradicional de Itajaí⁸ como um dos homens mais relevantes na história da cidade, recusou-se a participar da comissão.

Apesar da má vontade de Malburg, a solidariedade foi grande, conforme o relatório do presidente da província:

“Apraz-me informar-vos que essas desgraças dos habitantes da província de Santa Catarina, têm excitado por toda parte os mais louváveis impulsos da caridade particular, o que revela que essa virtude é nobremente compreendida pelos brasileiros.

6 <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/966/000005.html>. Acessado em 06.12.2008.

7 FLORES, Maria Bernardete Ramos. História Demográfica de Itajaí: Uma População em Transição (1866-1930). UFSC, Florianópolis, 1979, p. 62 (Dissertação de mestrado em História).

8 <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/966/000005.html>. Acessado em 07.12.2008.

Por ofício da Mordomia da Casa Imperial, com data de 12 de outubro último, me foram enviados, como donativo às vítimas da inundaçào 5:000\$000 (cinco contos de réis), sendo 4:000\$000 (quatro contos de réis) da parte de Sua Majestade o Imperador, e 1:000\$000 (um conto de réis) da parte de Sua Majestade Augusta Imperatriz [...] Uma comissão de caridosas senhoras desta capital agenciou com abnegação e penosos esforços, em auxílio aos flagelados pela inundaçào, a quantidade 1:743\$000 (um conto, setecentos e quarenta e três mil contos de réis). Outra igual comissão da cidade de Pelotas na provincia do Rio Grande da mesma provincia, auxiliada pela officialidade do Batalhão 17 de Infantaria, 1:289\$000 (um conto, duzentos e oitenta e nove mil réis).

Aos habitantes da nobre Provincia do Paraná, por iniciação do seu digno e ilustrado Presidente, Dr. João José Pedrosa, devemos também o auxílio de 3:067\$000 (três contos, sessenta e sete mil réis).

Ao filantrópico Barão de Guarapuava devemos ainda a quantia que ofereceu de 2:000\$000 (dois contos de réis).

O Ex.mo. Sr. Conselheiro João Silveira de Souza, deputado geral por esta provincia enviou-me também 100\$000 (cem mil réis).

Uma outra comissão da cidade de Lages agenciou também a quantia de 609\$780 (seiscentos e nove mil, setecentos e oitenta réis).

Total: 16:038\$780 (dezesseis contos, trinta e oito mil e setecentos e oitenta réis)⁹.

Os prejuízos foram vultuosos, só na cidade de Itajaí e circunvizinhanças chegou à cifra de 105:910\$000 (cento e cinco contos, novecentos e dez mil réis), sendo que a soma do prejuízo geral nas cidades atingidas (Itajaí, Blumenau, Luiz Alves, Brusque, Gaspar, Tijucas e Tubarão) foi de 488:326\$570 (quatrocentos e oitenta e oito contos, trezentos e vinte e seis mil, quinhentos e setenta réis).

9 Arquivo Publico de Itajaí. Livro de Correspondências Officiais de 15/10/ 1880 a 10/07/1882.

Os debates na Câmara municipal de Itajaí versaram sobre os prejuízos causados pela inundaç o, durante algumas sessões. Isto quando foi possível quorum, pois alguns vereadores ficaram impossibilitados de participar das sessões. Em 27 de outubro do referido ano de 1880, o presidente da câmara justificava que algumas a c es que havia tomado sem a aquiescência da câmara:

"[...] foi apresentada uma peti o assinada pelos habitantes da estrada que liga esta cidade com a barra do rio Itajaí-mirim que   a estrada geral e única que segue em sua continua o   freguesia de Gaspar e Blumenau, cobrindo outra no mesmo sentido, dirigindo   câmara a súplica de promover quanto antes a constru o de uma nova estrada a fim de que pudessem ter comunica o com esta cidade, para assim acudirem as necessidades da vida. Visto como estavam sitiados, em consequência da inunda o que destruiu todas as suas comunica es; sendo medida de primeira necessidade e urgindo tomar as providências imediatas, e sendo impossível reunir a câmara em sessão pela intransibilidade das vias de comunica o, resolvi tomar as responsabilidades de proceder a essas diligências, fazendo levantar uma planta e orçamento, como de fato se organizou[...] pela necessidade imediata de traçar essa estrada, ordenei a sua constru o para depois ser aprovada pela câmara, o que estou certo não deixar  de fazer pelo seu patriotismo, reconhecendo a urgência que obrigou a esta presidência a proceder na sua pronta constru o[...]"¹⁰

Antes desta a o, mais exatamente em vinte de outubro de 1880, Guilherme Asseburg, presidente da câmara enviava uma correspondência   câmara de Joinville, agradecendo   popula o daquela cidade, os donativos que enviaram para auxílio às vítimas da grande catástrofe:

"Em consequência das calamidades porque tem passado este município, não me   possível reunir a câmara em sessão, para prestar às Vossas Senborias e a esse município, o sincero voto de eterna gratidão de todos os seus munic pes, pelos abundantes donativos que reuniram par mitigar a fome e cobrir a nudez das infel zes vítimas do horroroso cataclisma que caiu sobre este município em fins de setembro último. Atos humanitários de tão sublime alcance, não podem esperar   manifesta o sincera

10 Idem.

de seu agradecimento pelas beneficiados e por aqueles a quem cabe o dever de apresentá-los dos generosos benfeitores, portanto me apresso em nome da câmara municipal desta cidade e de seu munícipes, render às Vossas Senhorias e aos benfazejos habitantes desse município o singelo, porém verdadeiros agradecimentos pelos generosos donativos que enviaram para este município, acompanhados pelo muito digno presidente desta câmara, o que torna ainda mais elevada a manificiência do povo joinvillense, ao quão rogo à Vossa Senhoria, se digne comunicar este sincero voto de gratidão do povo de Itajaí.

Deus guarde a Vossas Senhorias.

*Guilherme Asseburg*¹¹.

Os impostos não foram devidamente pagos pela população por conta da catástrofe, como justificava o presidente da câmara quando foi cobrado pelo presidente da província a falta de repasse relativo ao sustento dos presos pobres da cadeia de Itajaí; além de alegar que a cadeia de Itajaí era a que mais presos tinha na província, e que os impostos eram medíocres:

“[...] ser a renda desta câmara insuficiente par acudir as suas despesas, por ter havido necessidade de lançar mão do saldo existente para restaurar as pontes do município, que em geral foram destruídas pela inundação que assolou o município, inteiro, em setembro último, bem como diversas estradas e caminhos que ficaram completamente inutilizados, pelo que ainda está esta câmara em dívida para os contratadores de outras obras autorizadas antes da inundação; porque devido a mesma inundação a cobrança dos impostos, apesar de medíocres como são os deste município, tem se dificultado por tal forma que não tem a câmara numerário, para atender a mais pequena necessidade urgente”¹².

Na sessão de 3 de novembro, a primeira após o “dilúvio”, foi deliberado solicitar ao presidente da província um auxílio no valor de 4:000\$000 (quatro contos de réis), para acudir a municipalidade. Assinaram

11 Idem., Ibidem.

12 Idem., Ibidem.

a petição o presidente da Câmara, Guilherme Asseburg e os vereadores: Antônio Vicente Haendecken, Antônio Joaquim de Macedo, Marcelino José Bernardes e Rodolfo Herbst, a petição rezava que:

“Esta câmara reunida hoje, depois do infeliz cataclisma que assolou este município, e considerando que seus cofres não comportam as despesas da maior necessidade para restabelecer as vias de comunicação com o interior, deliberou solicitar do Exmo. Governo da Província o auxílio de 4:000\$000 (quatro conto de réis) para acudir aos caminhos e estradas danificadas com a enchente; assim pois, vem rogar a Vossa Exa. que se digne atender ao seu pedido ou obtê-lo do Governo Imperial, visto o estado a que chegou este infeliz município.

Deus Guarde à Vossa Exa.”¹³.

UM OUTRO DILÚVIO

Passados trinta, trinta e um anos mais ou menos, quando muitos já não se lembravam do acontecido em 1880, outros apenas teriam ouvido dos antepassados. A cidade havia crescido, contava com uma população de 13.927 habitantes¹⁴, mais que o dobro daquele fatídico ano de 1880. Setembro foi novamente castigado pelas chuvas torrenciais, inundando novamente a cidade. Segundo algumas fontes, esta teria sido maior que a de 1880. O jornal Novidade, de 08 de outubro de 1911, noticiou a calamidade, comparando-a a de 1880, ressaltando que esta, de 1911, tinha proporções maiores que a anterior: “Na Penha, as águas romperam através dos vales, arrastando casas, plantações, tudo em sua passagem triunfante e indomável. A ponte do rio Piçarras, fronteira à casa do senhor Antônio Macedo, teve

13 FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. Cit. p. 62.

14 Apud. SILVA, José Bento Rosa da. Festa De Preto Em Terra De Branco: História Oral, Memória E Identidade Em Santa Catarina. SP: PUC/SP, 1994, p.83. (Dissertação de Mestrado em História)

várias estacas partidas e arrebatadas, sofrendo danos consideráveis”¹⁵.

As fontes orais também dão conta do ocorrido em setembro de 1911. Rosa de Borba Travasso, descendente de escravos, ao contar sobre a tradicional Festa de Nossa Senhora do Rosário da localidade de Penha, lembrou que ouvira as narrativas sobre a enchente de onze dos pais:

“Quando meu pai corooou a festa era em dezembro. Mas minha mãe contava que ela foi coroada em outubro. Depois deu uma enchente muito grande e aí tiraram a festa do mês de outubro. Porque a festa de Nossa senhora do Rosário era no dia sete de outubro. Então chovia muito, dava muita chuva, aí mudaram a festa para dezembro, para depois do dia do natal. Quando minha mãe corooou, era em outubro. Então chovia muito, muita coisa! Então tiraram e botaram para dezembro, depois do natal. Foi onde eu coroei. Também meu irmão corooou em dezembro, e o meu pai também. Só minha mãe corooou em outubro”.¹⁶

Na época, era governador do Estado Vidal José de Oliveira Ramos, que na mensagem à Assembléia Legislativa do dia 23 de julho de 1912, relatou as ações para sanar os estragos provocados pela catástrofe. Semelhante ao ano de 1880, foi nomeada uma comissão de socorros nas cidades atingidas e uma comissão central. Em Itajaí fizeram parte da referida: coronel Eugênio Muller (presidente), Américo Nunes (vice-presidente), Bruno Malburg (tesoureiro), Marcos Konder, João Gaya, Jorge Tzachel, José Foxius (vigário) e Felix Busso Asseburg (deputado).

O governador mencionou a solidariedade advinda de vários outros Estados da federação:

“É justo também consignar aqui o meu reconhecimento a todas as autoridades e cidadãos prestimosos, que prestaram ao meu governo concurso inestimável nessa difícil emergência. Na dura provação porque atravessou o Estado, grato lhe foi

15 Idem.

16 <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u965/index.html>, p.12. Acessado em 09.12.2008.

*o movimento de solidariedade que irrompeu, de todos os pontos do nosso território e de diversas outras partes do país, como a Capital Federal, o Rio Grande do Sul, especialmente o grande e próspero Estado de São Paulo, do qual numa enorme demonstração do seu alto sentimento generoso, em tantas outras vezes acentuado, recebemos o importante auxílio de 169:070,800 (cento e sessenta e nove contos, setenta mil e oitocentos réis) que, com o produto das demais subscrições*¹⁷.

O próprio governador viajou pelas regiões atingidas para verificar pessoalmente os danos causados pela inundaç o que atingiu os municípios. As regiões mais atingidas foram as do vale do Itajaí, descrito como futuroso, pelo mesmo governador:

“Logo às primeiras notícias de que a cidade de Blumenau estava debaixo d’água e que todo o vale do Itajaí achava-se em condi es prementes e acabrunhadoras, deliberei seguir para ali, afim de pessoalmente inteirar-me da situa o e determinar as providências necessárias, para que fossem reduzidos ao mínimo possível os prejuízos que a inunda o adviriam.

Após uma viagem cheia de dificuldades, porque desde as proximidades de Tijucas e região se achava transformada num mar inf nd vel, cheguei   cidade de Itajaí, que diante do assustador crescimento das águas, temia a reprodu o das dolorosas cenas de 1880 [...]

Logo que me foi possível obter transporte para Blumenau, para lá segui, tendo experimentado o desgosto de ver submersas casas, estabelecimentos industriais e lavouras das margens do Itajaí, transformado em um verdadeiro oceano”.¹⁸

Vidal Ramos recorreu ao presidente Hermes da Fonseca, que concedeu o auxílio de mil contos de réis, para a repara o dos estragos

17 Idem. p. 10 e 11.

18 Idem., Ibidem., p. 12.

causados pelos temporais nas obras públicas. O agradecimento consta na mesma mensagem, relacionando a catástrofe de 1911 com a de 1880:

“Interpreto os sentimentos de toda a população do Estado, tornando público o mais fervorosos agradecimentos aos Ex.mo. Sr. Presidente da República e aos Srs. Membros do Congresso Nacional, pela celeridade com que foram atendidos os justos reclamos do nosso Estado que tinha diante de si os horrores de uma catástrofe, julgada por muitos superior a de 1880”¹⁹

Depois destas duas catástrofes, outras viriam com maior ou menor intensidade, como apontam as fontes orais, fontes jornalísticas, documentos oficiais de administrações locais e/ou estadual, fotografias... Mas pouco ou nada foi realizado pelo poder público visando contornar esta situação. Nem o exemplo do trabalho humano sobre o Nilo na antiguidade, que fez do “Egito a dádiva do Nilo”²⁰ foi o suficiente como experiência para nossos administradores na contemporaneidade...

19 Idem., Ibidem., p. 12.

20 Frase atribuída a Heródoto.



Metamorfose urbana, **FOTOGRAFIA E HISTÓRIA**

METAMORFOSE URBANA, FOTOGRAFIA E HISTÓRIA

Wieland Lickfeld¹

INTRODUÇÃO

Este texto remete ao objetivo de incontáveis artigos publicados na revista Blumenau em Cadernos ao longo de sua existência e motivo maior da sua criação na década de 1950: contribuir para a preservação da história do município de Blumenau.

Pano de fundo do trabalho são as transformações que ocorrem na paisagem urbana com o passar do tempo e seus impactos no referencial histórico do município. Seu desenvolvimento se fundamenta na interpretação de um fragmento da paisagem urbana do passado de Blumenau e pretende estimular o leitor a ir além da simples observação das fotografias, a se dedicar ao interessante e enriquecedor exercício de ‘ouvir o que estas têm a dizer’.

OS FIGURANTES MUDOS QUE ENCHEM O PANORAMA DA HISTÓRIA

A relação entre as alterações que ocorrem na paisagem urbana ao longo do tempo e as fotografias que retratam as diversas características

¹ Bacharel em Administração de Empresas (FURB) e Mestre em Turismo e Hotelaria (UNIVALI). Agradecimentos Sras. Morgana Holetz Aguiar, Rosemari Funke Moritz e Ellen Funke, e aos Srs. Hans Strobel, Werner Holetz, Adalberto Day e José Geraldo Reis Pfau, pela sua importante contribuição para a realização deste trabalho.

desta paisagem é mais íntima que na maioria das vezes somos levados a considerar. Tomemos como exemplo a imagem abaixo (1), que retrata o fragmento da paisagem blumenauense ao qual nos referimos anteriormente:

Podemos reagir de diversas maneiras à observação desta imagem: com admiração, simples curiosidade, indiferença, com interesse em aspectos arquitetônicos, de infra-estrutura urbana, etc. É importante ter em mente, contudo, que é o nosso interesse que definirá o grau de profundidade que prestaremos à observação da imagem.



Vista da Rua 7 de Setembro.

No contexto da preservação da história, ao observar uma imagem como esta, nossa curiosidade deve atravessar a fronteira da superficialidade a fim de não comprometer a qualidade dos resultados que almejamos. Deve nortear nossas ações a necessidade de incluir um elemento fundamental e muitas vezes ignorado: o homem, o cidadão comum. Muitas vezes invisível, como em boa parte do presente exemplo, em última análise é ele, apesar desta condição, o protagonista que dá sentido à cena.

Na história tradicional, questionada pelo movimento das primeiras décadas do século XX que culminou com a fundação, em 1929, da revista *Annales d'histoire économique et sociale* – ou simplesmente *Annales*, como é de praxe referir-se a ela –, marcando o início do que se convencionou chamar de *nouvelle histoire* ou história nova, o centro das atenções residia em eventos específicos e de curta duração. A ênfase era dada a personagens destacados, como líderes políticos, militares e religiosos, às classes dominantes, normalmente detentoras do poder político e econômico. Predominava o culto aos considerados ‘grandes vultos’ da história. A história nova consiste numa renovação do conceito de história, num rompimento com determinados conceitos da história tradicional, sobretudo no que diz respeito aos personagens da história e ao tempo histórico. Na história nova as atenções se voltam para o homem comum e sua relação com o grupo social ao qual pertence.

Fernand Braudel, um dos teóricos da história nova, que dirigiu a revista *Annales* entre 1946 e 1968, defendia que a noção de tempo curto presente na história tradicional precisava ser revista, pois, analisados sob a ótica de um período de tempo curto, eventos históricos não poderiam ser conhecidos com maior profundidade. Segundo ele, “o evento é explosivo [...]. Com sua fumaça excessiva, enche a consciência dos contemporâneos, mas não dura, vê-se apenas sua chama. [...] o tempo curto é a mais caprichosa, a mais enganosa das durações” (BRAUDEL, 1978, p. 45-6).

Lucien Febvre, igualmente teórico da história nova e um dos fundadores da revista *Annales*, aponta para o outro eixo deste novo conceito de história. Ao preconizar que “história é o estudo cientificamente elaborado das várias atividades e das diversas criações dos homens de outros tempos, captadas em sua data, no marco de sociedades extremamente diferentes, e, no entanto, comparáveis umas às outras [...]” (apud CARDOSO; BRIGNOLI, 1983, p. 348-9), foca o estudo da história no homem e na sua

atividade, no homem e em seu grupo social. Marc Bloch, co-fundador da revista *Annales*, reforça isso ao afirmar que “o historiador deve estar onde estiver a carne humana” (op. cit., p. 349).

No Brasil a compreensão da revolução ocorrida no conceito de história pode ser vista em Sérgio Buarque de Holanda (apud DIAS, 1985, p. 173-4), à medida que este afirma que “para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da História [...]”. No contexto da historiografia recente de Blumenau, o conceito tem sido aplicado na realização de trabalhos científicos que propõe uma nova leitura de fatos do passado e a inclusão de novos personagens, outrora muitas vezes ignorados. Também este trabalho visa contribuir para que a voz destes personagens seja ouvida.

FOTOGRAFIA: A VOZ DOS FIGURANTES MUDOS

Arrigucci Jr. (2000, p. 11) sugere que “para o historiador, os sinais de vida latente congelados numa fotografia são índices do mundo do passado que se busca compreender e podem se transformar em testemunha e representação de uma realidade a ser reconstruída”. É a este desafio que nos dedicamos no presente trabalho. A imagem fotográfica tem significados evidentes, alguns aparentes, outros latentes, que podem ser percebidos após um olhar inicial e que lhe conferem uma comunicação instantânea (LEITE, 2000, p. 81). Entendemos, todavia, que o processo de comunicação entre a imagem e o observador será tanto mais completo quanto maior for o interesse deste último, isto é, proporcional ao grau de profundidade que este conferir à observação, tanto na aplicação de uma metodologia de trabalho quanto na dedicação à atividade.

Para Kossoy (1989, p. 28) “toda fotografia representa em seu conteúdo uma interrupção do tempo e, portanto, da vida. O fragmento selecionado do real, a partir do instante em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado [...]”. Há algo de magnífico nesta constatação, à medida que enxergamos, ao lado da lamentável potencial possibilidade de perda do registro, seja por destruição ou esquecimento, a oportunidade de eternizar, de manter vivo, no exemplo ao qual ora nos dedicamos, este marco da paisagem blumenauense que já não existe no real citado por Kossoy, enriquecido pelo elemento humano que o criou.

Esta oportunidade, em função de determinadas circunstâncias, pode muitas vezes ser única. Deve, portanto, ser aproveitada pela combinação de dois elementos essenciais: a eficiente aplicação de um método relacionado à força-motriz da pesquisa científica, ou seja, o questionamento, a busca por respostas, e o interesse e a dedicação do historiador, que deve problematizar adequadamente, consultar fontes confiáveis e dedicar-se com afincos e perseverança ao trabalho.

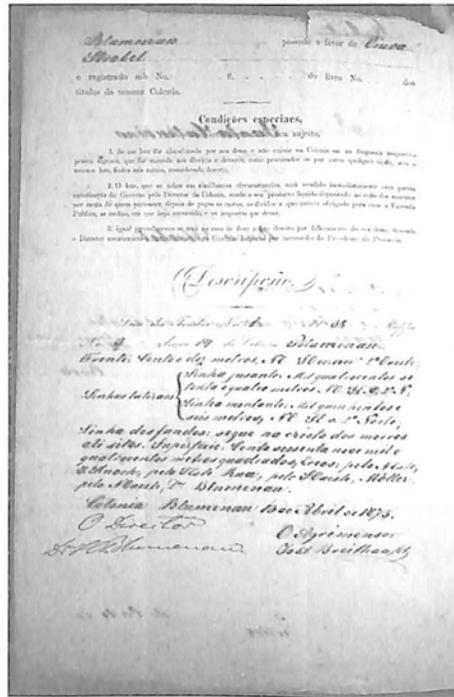
Volte seu olhar para a fotografia no início do trabalho. O que você vê? Olhe com atenção e permita que sua curiosidade trabalhe. Perguntas como “Que lugar é esse?”, “Quando o registro foi feito?”, “Que construções são essas?”, “Quando foram erguidas?”, “A que finalidades serviram?”, “Ainda existem?”, “Quem viveu nelas?”, são alguns exemplos de perguntas que podem nos auxiliar a ouvir a voz aos ‘figurantes mudos que enchem o panorama da história’.

Dedicar-se à interpretação da imagem fotográfica em questão proporciona descobertas muito interessantes. As gerações mais jovens que vivem em Blumenau mal haverão de se dar conta de que quase diariamente seguem os passos dos carroceiros de outrora nela retratados, no centro da cidade.

OS PRIMÓRDIOS

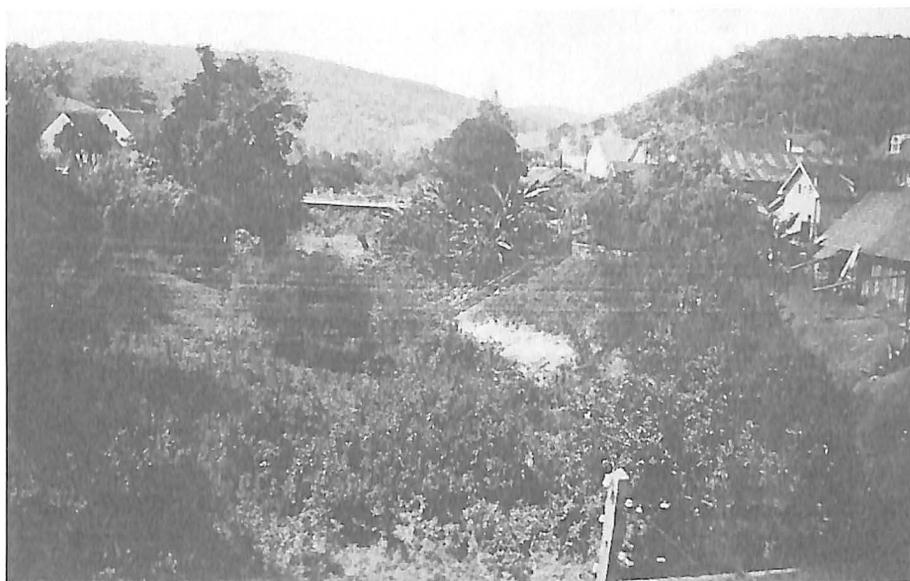
O registro mais antigo que nos foi possível encontrar no tocante aos terrenos ocupados pelas edificações da fotografia data de 1875, quando uma certa “Viúva Strobel” adquiriu uma área de terra de 169.400 m², localizada no “Valle do Retiro da Colonia Blumenau”. Trata-se da viúva do Sr. Friedrich August Strobel, imigrante prussiano que chegou a Blumenau por volta de 1861, pouco tempo depois da então colônia passar a ser propriedade do Governo Imperial. O título de propriedade (2) foi assinado pelo Diretor da Colônia, Dr. Hermann Blumenau, e pelo Agrimensor João Breithaupt. Posteriormente esta propriedade passou, provavelmente por processo de herança, às mãos dos descendentes de Friedrich August Strobel, entre os quais figurou o Sr. Otto Strobel, a quem voltaremos a citar no decorrer deste trabalho.





A CASA DE ALVENARIA

A casa de alvenaria que aparece, a partir da visão do observador, à direita na fotografia, já existia na década de 1930, período em que seus ocupantes, a partir de seus pavimentos superiores, vislumbravam a paisagem mostrada pela imagem abaixo ⁽³⁾: Entre 1954 e os primeiros anos da década de 1960, em seu andar térreo abrigou o Bar Primavera, empreendimento do Sr. Victor Holetz, já falecido, descendente da família que no passado construiu e dirigiu o Hotel Holetz, inaugurado em 1902 e demolido em 1959 para ceder lugar ao Grande Hotel Blumenau. O lado esquerdo da casa abrigou outro empreendimento comercial, o escritório de representações da empresa Wetzels, do município de Joinville-SC, antiga fábrica de velas e sabão.



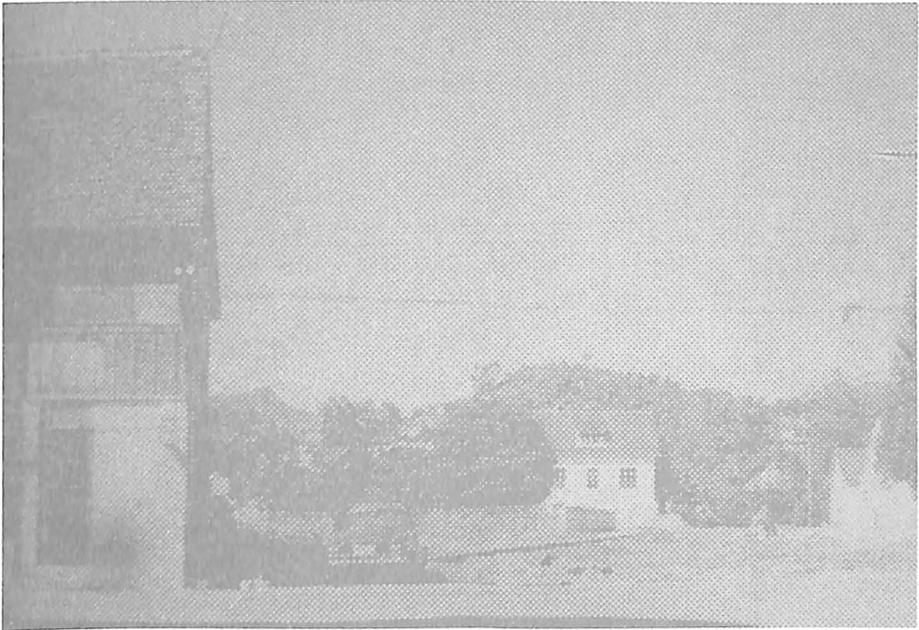
Segundo uma fonte, a casa pode ter pertencido algum tempo ao Dr. Armando Odebrecht, radiologista, já falecido, mas este dado carece de comprovação. Proprietário ou não, este teria residido em sua parte superior até a segunda metade da década de 1950, quando se mudou para outra casa, localizada na Alameda Rio Branco, ao lado do Grêmio Esportivo Olímpico. Por algum tempo, o Dr. Armando Odebrecht teria mantido seu consultório num dos cômodos do andar térreo da casa.

Após a saída do Dr. Armando Odebrecht, a parte superior da casa teria sido alugada para a Sra. Alice Imthurm, que parece ter permanecido nela até sua venda e demolição, na década de 1960, para dar lugar ao prolongamento de uma importante rua do centro de Blumenau, durante o governo do Prefeito Hercílio Deeke.

A demolição da casa, com vistas a atender necessidades da comunidade blumenauense, exigiu que o Poder Público Municipal negociasse sua aquisição junto ao proprietário, o que aconteceu no ano de 1963 (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, 1964, p. 86). A

demolição propriamente dita ocorreu ao longo do ano de 1964. Em 1963, quando da aquisição do imóvel, seu proprietário era o Sr. Alberto Heuser (op. cit. 1965, p. 85, 95), casado com a Sra. Jenny Strobel, filha do Sr. Otto Strobel.

A imagem abaixo ⁽⁴⁾ mostra a lacuna deixada pela demolição do imóvel para permitir o prolongamento da via pública à qual nos referimos acima.



A CASA CONTRUÍDA NA TÉCNICA ENXAIMEL

Desconhecemos o ano de construção da antiga casa vista no centro da fotografia, mas as evidências indicam que teria sido construída pelo Sr. Otto Strobel, ainda no século XIX ou no início do século XX, para servir de residência à sua família.

Em 1936 a casa passou à propriedade do Sr. Oscar Martin Funke. Imigrante alemão aqui chegado por volta de 1926, aos 16 anos de idade, fixou-se inicialmente em Dona Emma (SC), município situado no Alto Vale do Itajaí. Lá permaneceu até 1933, quando se mudou para Blumenau. O Sr. Funke tinha formação técnica para o conserto de rádios, ventiladores, outros equipamentos elétricos, e posteriormente televisores. Inicialmente instalou sua empresa, a Rádio Funke, no mesmo edifício que abrigava a Casa Pilot, altura aproximada do atual número 1226 da Rua XV de Novembro, local onde hoje está localizado o Beira Rio Shopping. Casou em 1936, ano em que adquiriu a casa em questão para nela residir e, no piso térreo, instalar sua empresa. Em 1938 vendeu a casa e retornou à Alemanha, mas, devido aos rumores de guerra então existentes, retornou apenas 03 meses depois para, já em 1939, recomprar sua antiga casa. A família Funke residiu na casa e utilizou-a para fins comerciais até o final do ano de 1953.

Nesta época a casa passou à propriedade do Sr. Victor Germer e, com a mudança da família Funke, a casa passou a abrigar novos moradores e atender a outra finalidade comercial. Enquanto o piso superior foi alugado ao Sr. Victor Holetz a fim de servir de residência à sua família – pouco depois este deu início, na casa de alvenaria ao lado, ao Bar Primavera –, a parte inferior foi alugada para a instalação da Serralheria Gastaldi.

As evidências indicam que a casa foi demolida pelo Sr. Victor Germer na década de 1960 para dar lugar, na década seguinte, a um hotel. Antes, porém, o terreno baldio por ela deixado, incluída uma grande área nos fundos desta, foi alugado para a instalação de circos itinerantes e a apresentação de espetáculos protagonizados por motociclistas, conhecidos como ‘Globo da Morte’.

O PEQUENO EDIFÍCIO

Finalmente, o edifício de cor clara à esquerda na foto: foi construído pelo Sr. Victor Germer em 1953 para a família Funke, que, ao deixar sua antiga casa no final daquele ano, fixou residência em sua parte superior. Da negociação para a construção do edifício fez parte a transferência de propriedade da antiga casa para o Sr. Victor Germer.

No piso térreo foi instalada a empresa Rádio Funke, que encerrou suas atividades em 31/12/1974, após a morte do Sr. Funke. A viúva do Sr. Funke continuou residindo no edifício até este ser vendido, em meados da década de 1990. O edifício ainda existe e continua sendo utilizado para fins residenciais e comerciais.

DATAÇÃO DO REGISTRO FOTOGRÁFICO

Não nos foi possível obter dados conclusivos no tocante a quando foi feita a fotografia em estudo, mas é possível afirmar, a partir dos dados coletados, que o registro tenha sido feito entre 1954, quando já existia o Bar Primavera, e os primeiros anos da década de 1960.

METAMORFOSE URBANA

O leitor poderá ter observado a grave omissão feita no desenvolvimento do trabalho, provavelmente justamente aquela que satisfaria sua maior curiosidade: a resposta referente ao ‘onde’, à pergunta “Que lugar é esse?”. A omissão foi deliberada e especialmente dirigida àqueles que não se familiarizaram imediatamente com o local onde o registro foi feito, a fim de provocar sua curiosidade e estimular seu interesse por este fragmento da história de Blumenau.



Rua Sete de Setembro.

Para suprir esta falta, nada mais oportuno do que deixar outra imagem (5) 'falar', fazendo as revelações necessárias:



Vista do Hotel Bavária – localizado na Rua 7 de Setembro – Atualmente (2009), encontra-se desativado.

É a metamorfose urbana, processo contínuo que ocorre à

nossa volta, sem que muitas vezes nos apercebamos dele. Ao leitor que não conhece a cidade, esclarecemos: 1) A casa de alvenaria à direita na foto deu lugar ao prolongamento da Rua Nereu Ramos, a partir da Rua Sete de Setembro; 2) a casa no centro da foto, construída na técnica enxaimel, deu lugar ao Hotel Baviera, atualmente desativado; 3) o pequeno edifício à esquerda na foto situa-se no número 441 da Rua Sete de Setembro e abriga a empresa *Olga Paduano Cabelo e Corpo*, e a residência de sua proprietária.

NOTAS DE FIM

Este trabalho, resultado de entrevistas e consulta a fontes documentais, não pretende encerrar o assunto e tampouco se considera livre de equívocos. Pelo contrário, é seu objetivo provocar reações que visem melhorá-lo mediante a confirmação, a correção e a complementação dos dados apresentados. As informações nele contidas, referentes a nomes e empresas podem se prestar à realização de novas pesquisas, visando o enriquecimento do acervo historiográfico blumenauense.

Fotografias antigas, como a que foi objeto de estudo neste trabalho, ou retratando entes queridos, muitas vezes já falecidos, podem ser encontradas em quase todas as famílias. Cabe a quem as guarda permitir que ‘falem’, que se transformem na voz da multidão imensa dos ‘figurantes mudos que enchem o panorama da história’.

ICONOGRAFIA

- (1) Acervo particular da Sra. Morgana Holetz Aguiar.
- (2) Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
- (3) Acervo particular de Hans Gerhard Strobel.
- (4) Relatórios dos Negócios Administrativos do Município de Blumenau referente ao ano de 1964.
- (5) Acervo particular do autor.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., D. Prefácio. In: **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Editora da USP, 2000.

BRAUDEL, F. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CARDOSO, C. F. S.; BRIGNOLI, H. P. **Os métodos da história**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DIAS, M. O. L. da S. (Org.). **Grandes cientistas sociais**. In: **Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Ática, 1985.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

LEITE, M. M. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Editora da USP, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU. **Relatórios dos Negócios Administrativos do Município de Blumenau Referente ao Ano de 1963**. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense, 1964.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU. **Relatórios dos Negócios Administrativos do Município de Blumenau Referente ao Ano de 1964**. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense, 1965.



A trajetória artístico/jornalística de
GEYSA DE BÔSCOLI

A TRAJETÓRIA ARTÍSTICO/JORNALÍSTICA DE GEYSA DE BÔSCOLI

Carlos Braga Mueller¹

Geysa Gonzga de Bôscoli foi um advogado brasileiro, nascido no Rio de Janeiro no dia 25 de janeiro de 1907, que enveredou pelo mundo artístico, como autor e empresário teatral, tendo atuado também como promotor público e jornalista.. Ricardo Cravo Albim, no seu “Dicionário da Música Popular Brasileira”, situa Geysa como “teatrólogo, escritor, jornalista e compositor”. Sobrinho de Chiquinha Gonzaga, irmão de Jardel Jércolis (pai do ator Jardel Filho) e de Héber de Bôscoli, radialista muito famoso casado com Iara Sales, Geysa formou-se em Direito no Rio, em 1927. Trabalhou como revisor no “Jornal do Comércio” e foi repórter do jornal “O Imparcial”.

Ainda no Rio, fundou as revistas “Ouro Verde” e “Show”. O envolvimento com a classe artística carioca foi automática e o jovem advogado e jornalista começou a destacar-se no teatro musical, como autor, produtor de revistas e compositor. Ainda segundo Cravo Albin, estreou em abril de 1927, com a revista em 2 atos “Pó-de-arroz”, representada pela Companhia Tró-ló-ló, fundada por ele e pelo irmão Jardel, no velho Teatro Lírico do Rio de Janeiro. Em 1928 escreveu com Nelson Abreu e Luiz Iglésias a revista “O Que eu Quero é Nota”, com músicas de Paraguaçu e Sinhô, estreada no Teatro Carlos Gomes do Rio naquele mesmo ano. A seqüência de sua carreira no teatro só reaparece em 1937. Onde esteve Geysa de Bôscoli durante toda uma década ?

¹ Carlos Braga Mueller é jornalista e escritor, colaborador de “Blumenau em Cadernos”.

PROMOTOR EM BLUMENAU

No início dos anos 30 do século XX, o Dr. Geysa de Bôscoli chegou a Blumenau, para exercer o cargo de Promotor Público da Comarca. Mas a paixão pelo jornalismo não o impediu de, paralelamente à promotoria em nosso Município, fundar um jornal. Ele, e José Ferreira da Silva, lançaram então um bi-semanário, a que batizaram “Correio de Blumenau”. Ferreira também já tinha experiência na área, tendo fundado alguns jornais na região do Vale do Itajaí. O primeiro número circulou no dia 21 de maio de 1932, um sábado, como relata Ferreira da Silva no seu livro “A Imprensa em Blumenau”. Seu formato era tablóide, suas páginas mediam 32 X 47 cm, e aparecia às quartas e sábados, com 4 ou 6 páginas de matérias, anúncios bem distribuídos, muitas ilustrações e excelentes editoriais, como Ferreira fez questão de destacar em sua obra.

O artigo de apresentação do jornal, sob o título “Cartão de Visitas”, assinado por Geysa e Ferreira da Silva, destacava: “Fazer justiça deve ser a maior preocupação de todos nós, na vida. E o programa de justiça que para nós mesmos traçamos, desde os primeiros anos de lutas, deve ser rigorosamente cumprido, como um verdadeiro dogma. Se nos apresentamos agora, lançando e dirigindo “Correio de Blumenau”, assumimos desde já, com o povo desta terra compromisso de cumprir um programa de imparcialidade, independência e honestidade.”

Lemos recentemente, na edição de março/abril de “Blumenau em Cadernos”, a transcrição de um veemente libelo deste jornal contra a situação humilhante que vivenciavam alguns loucos em nossa cidade, isolados em celas imundas da cadeia pública de Blumenau. Geysa e Ferreira só cessaram suas críticas quando os loucos conseguiram ser transferidos para um manicômio de Joinville.

Ilustres catarinenses estavam incluídos na relação de colaboradores do jornal, entre eles Amadeu da Luz, Afonso Rabe, Edgar Barreto, Dom Pio de Freitas e outros expoentes da intelectualidade de Blumenau. O Dr. Geysa de Bôscoli era também um excelente caricaturista e não poupava os políticos da época. Desenhou, e publicou no “Correio de Blumenau”, as caricaturas de Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, José Américo, Artur Bernardes, Washington Luiz, Borges de Medeiros, Assis Brasil, em traços sempre inspirados, que seu lápis ia revelando. Enquanto vivia em Blumenau, era assediado por amigos de companhias teatrais do Rio, que vinham a Santa Catarina, para apresentar-se na capital, Florianópolis.

O jornal “A República”, editado na capital catarinense, na sua edição do dia 11 de janeiro de 1931, referindo-se à encenação da revista musical “O Que é Nosso”, de Geysa de Bôscoli, pela Companhia Nacional de Teatro Sper, publicou o seguinte: “Revista em 02 actos e lindos trechos de música de autoria do Dr. Geysa de Boscoli, escriptor carioca que autorizou a Cia. Sper a representar a sua revista acima, que é um apanhado de vários quadros de suas óptimas peças, encenadas nos theatros do Rio de Janeiro.”

Enquanto isto, o jornal “Correio de Blumenau” atuava de forma vigorosa, não poupando políticos e suas possíveis artimanhas e conchavos. Mas a época não era favorável a uma imprensa livre. Getúlio assumira o poder e não via com bons olhos ataques ao seu governo, especialmente através da imprensa. Talvez por isto, já no mês seguinte, junho de 1932, o Promotor Dr. Geysa de Bôcoli era removido para a Comarca de Mafra. Não se conformando com o ato, que considerou injusto, pediu demissão do cargo. Permaneceu ainda algum tempo em Blumenau, exercendo a advocacia, e foi aqui que nasceu seu único filho, Fernando. O jornal “Correio de Blumenau” teve apenas um ano de vida, desaparecendo com o número 96, editado em 17 de maio de 1933, uma quarta-feira, em

consequência de uma fusão com o jornal “A Cidade”, que em razão dessa operação passou a chamar-se “Cidade de Blumenau”, tendo, este sim, uma vida longa, de várias décadas.

DR. GEYSA RETORNA AO MUNDO ARTÍSTICO

E é por isto que Cravo Albin, em seu “Dicionário da Música Popular Brasileira”, só reencontra Geysa de Bôscoli em 1937, ano em que estréia, no Rio de Janeiro, a revista “Maravilhosa”, escrita com o irmão Jardel, que lançou o grande sucesso de Ary Barroso, “No Tabuleiro da Baiana”, interpretada no teatro por Grande Otelo e Déo Maia.

Em 1940 compôs para a sua opereta “Gandaia” (com Jardel Jércolis), e em parceria com Custódio Mesquita, o fox-blue “Naná”, gravado com sucesso por Orlando Silva, pela RCA, e “Céu e Mar”, gravado por Francisco Alves, pela Colúmbia no mesmo ano. Em 1945, inaugurou o Teatro Regina (depois Dulcina), com a comédia “O Grande Barqueiro”. Fundou, em 1948, com o sobrinho Jardel Filho, o Teatro Jardel, em Copacabana, primeiro teatro de bolso no país, tornando-se pioneiro em levar os teatros (antes restritos ao centro da cidade), aos bairros do Rio de Janeiro. Em 1950 e 1952 recebeu duas medalhas de ouro como Melhor Produtor de Teatro Musicado. Foi pioneiro ao escrever as duas primeiras revistas radiofônicas do Brasil, transmitidas pela Rádio Nacional do Rio: “Adão e Eva” e “Carioca da Gema”, esta em parceria com Jorge Murad.

Produziu ainda muitas outras peças de teatro musicado, conhecidas como “teatro rebolado”, entre elas “Eu Quero é Rosetá” (1946), “Canta Brasil” (1946) e “O Brasil é Nosso”, com música de Ary Barroso (1957). Também escreveu um livro, “A Pioneira Chiquinha Gonzaga”, contando a vida de sua famosa tia. Durante sua permanência em Blumenau, Dr. Geysa Gonzaga de Bôscoli formou sólidas amizades.

Meu avô Thomé Braga, também advogado, conviveu com ele nas lides que envolviam o Fórum da nossa Comarca. Geysa morreu aos 71 anos, em 7 de novembro de 1978, na cidade mineira de Caxambu. Por tudo que representou, não só para a magistratura e para a imprensa de Blumenau, e também para a cultura brasileira, Geysa de Bôscoli nunca recebeu, por aqui, o reconhecimento que lhe é devido pela comunidade blumenauense. Um dia, talvez, se lhe faça justiça !

BIBLIOGRAFIA:

“Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira”, de Ricardo Cravo Albin.

“A Imprensa em Blumenau”, Coleção Cultura Catarinense do Governo do Estado de Santa Catarina – IOESC – Florianópolis – 1977.

Jornal “A República” de Florianópolis, edição do dia 11/01/1931.



ENTREVISTA COM SÍLVIO COELHO DOS SANTOS

ENTREVISTA COM SÍLVIO COELHO DOS SANTOS

Por Rafael Hoerhann¹

Em 1999, eu estava na quinta fase da faculdade de História e cursava uma disciplina chamada Teoria e Metodologia da História Oral, ministrada pelo Prof. Marcos Saul, hoje aposentado. A avaliação consistia em realizar uma entrevista com alguém que pudesse contar uma boa história. E, então, eu escolhi o Prof. Dr. Sílvio Coelho dos Santos, renomado antropólogo e defensor da causa indígena nacional. O Prof. Sílvio, uma vez contatado, me recebeu prontamente, de maneira simpática e amistosa, ao contrário do que lhe ocorreu nos anos sessenta, quando conheceu meu bisavô, Eduardo Hoerhann, chefe do Posto Indígena Duque de Caxias entre os anos de 1914 a 1954. Na entrevista, Prof. Sílvio conta como começou seu interesse pelos Xokleng, as suas visitas a E. Hoerhann e quais eram suas táticas para conseguir o máximo possível de dados relativos à experiência dessa pessoa com os Xokleng, entre outras considerações. Hoerhann é destacado por ele como o informante mais difícil que conheceu em sua vida profissional, pois mesclava assuntos pertinentes com anedotas e não permitia o acesso aos seus acervos. Admito que poderia ter explorado mais a entrevista, mas na época eu possuía um conhecimento muito vago do assunto que me prestei a ouvir. A nota adquirida nesta disciplina foi 9,5 porque a última frase dita pelo antropólogo não foi captada na gravação. Entretanto a entrevista me serviu para buscar maiores informações sobre o tema, ao longo de quatro anos de estudo. Em 26 de outubro de 2009, fará um ano que Prof. Sílvio nos deixou, em virtude de seu falecimento. Uma perda muito grande para a antropologia brasileira, porém seu legado e seus ensinamentos permanecem vivos. Aqui faço um agradecimento especial ao Prof. Sílvio, pois a partir

1 Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann (RH), Departamento de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina, entrevista o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos (SS). [em 23 de julho de 1999] Atualmente é aluno do curso de doutorado em História da UFSC, sob a orientação do Dr. Valmir Muraro.

desta entrevista e posteriormente à leitura de suas obras, eu me tornei um historiador que levará adiante o estudo da temática indígena catarinense, o qual está muito longe de se encerrar. A seguir, a entrevista, na íntegra, que compartilho com os leitores da revista
Blumenau em Cadernos:

RH – *Qual a sua formação acadêmica?*

SS – Sou formado em História, inicialmente na antiga Faculdade de Filosofia. Quando estava terminando o curso, ela estava sendo incorporada à universidade, e no ano de 1960 me formei. Depois fiz licenciatura também em História, em seguida um curso de especialização no Museu Nacional em Antropologia Social, com duração de 12 meses. E mais adiante, realizei um doutorado em Antropologia na Universidade de São Paulo. Paralelamente, quando eu era graduando de História, ingressei no curso de Direito da...que ainda não era a Universidade Federal, era uma Faculdade Federal, e... Mas eu não concluí o curso. Então, obviamente, a minha formação é em História.

RH – *Como começou o interesse pelos índios, em especial os Xokleng de Santa Catarina?*

SS – Isso foi uma situação circunstancial, quando eu fui fazer este curso de especialização no Rio de Janeiro. O curso tinha poucos alunos, o professor Roberto Cardoso de Oliveira, que era o coordenador do curso, logo me convocou para acompanhá-lo no período em que havia trabalho de campo, previsto para se iniciar em julho, numa pesquisa que iria acontecer, no Estado do Amazonas, envolvendo índios Ticuna em convívio com os brancos. Isto tudo estava, numa região de fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, e eu vivi esta experiência durante três meses. E quando regresssei, participei de todo o trabalho de avaliação de dados e crítica de dados para a

preparação de um livro, e no final desse meu curso, em fevereiro do ano seguinte, eu deveria apresentar um trabalho de conclusão de curso, e preferentemente, os alunos eram estimulados a apresentar projetos de pesquisa. No caso, até eu ir para o Rio de Janeiro não tinha nenhuma experiência com população indígena e, aliás, até muito pouca informação sobre população de origem indígena em Santa Catarina, de tal sorte de que meu professor me estimulou bastante: “Olha, você podia montar um projeto e tal, sobre os índios de Santa Catarina.” E, já que eu tinha também, na turma, uma colega de Curitiba, que é a professora Cecília Helm, e estava se dispondo a fazer um trabalho similar no Paraná, então aí eu acabei me decidindo em fazer um projeto para estudar os índios de Santa Catarina. Inicialmente, a idéia era uma proposta comparativa entre a organização social dos Xokleng e Kaingáng. E por aí é que eu comecei então a montar o projeto, a me familiarizar com a bibliografia sobre esses índios, e claro, terminei o curso, voltei para Florianópolis. A universidade nesse momento já estava constituída. Eu já estava indicado para ser professor da universidade, haja vista que quando eu estava terminando o curso de formação, já estava auxiliando o professor Osvaldo Cabral, que era professor de Antropologia, e nesse sentido, em 1963, já fiz a primeira visita a Ibirama. Então foi propriamente que a pesquisa começou.

RH – *E foi nesse momento que o senhor teve contato com Eduardo?*

SS – Sim, nessa primeira viagem lá. Eu, aliás, fui acompanhado por um estudante que estava se licenciando, que era praticamente meu colega e meu conhecido, o Marcílio Dias dos Santos, que trabalha aqui como professor de Ciências Sociais. E nós fomos, evidentemente, entre outras recomendações com uma carta de recomendação do

professor Osvaldo Cabral, apesar de Eduardo Hoerhan, não conhecê-lo. Mas o Osvaldo Cabral era um autor já consagrado. Ele me fez uma carta de recomendação para Eduardo Hoerhann. Então eu tive que marcar uma visita, estabelecer um primeiro contato, primeira entrevista, depois me auto convidei para uma segunda, e aí, começou todo um processo de visitas. Com o objetivo, evidentemente, de arrancar do Eduardo Hoerhann o máximo de informações que podia, sobre os índios que eu estava estudando.

RH – *E em princípio a recepção dele foi como?*

SS – O Eduardo Hoerhann era em primeiro lugar uma pessoa impressionante, quer dizer, quando eu o conheci, ele já devia estar mais ou menos com 60 e poucos anos, caminhando para setenta. E ele era um homem alto e forte. Ligeiramente gordo, e se encaminhando para uma calvície, mas ele para disfarçar a calvície, raspava essa primeira entrada aqui assim (apontando o dedo para a testa). Era uma pessoa muito positiva. E claro, ele estava muito melindrado por todos os acontecimentos que tinham ocorrido no interior da área indígena, e que o tinham tirado propriamente dito de cena. Em 1954, ele se envolveu na morte de um índio, isso resultou num julgamento. Eu diria até que ocorreu um pré-julgamento, porque ele acabou sendo afastado da direção do serviço, depois foi inocentado no processo, mas ele não pôde voltar para o seu cargo. Realmente ficou cinco, seis anos, talvez mais, fora do serviço público, e somente lá por 65, por aí, que ele vai recuperar o direito de aposentadoria. Então ele estava muito melindrado, quer dizer, com a situação financeira ruim, e muito aborrecido com toda a burocracia do Serviço de Proteção aos Índios. Bastante desmotivado para atender qualquer visitante que fosse falar dos índios, especialmente

um visitante jovem, curioso e que fazia evidentemente um monte de perguntas inoportunas. Então, o relacionamento foi muito difícil. Eu sempre exemplifico para meus alunos que de todos os informantes que eu já tive que entrevistar, o mais difícil foi Eduardo Hoerhann. E para isso tive que estabelecer uma metodologia, de como iria abordá-lo. Então desisti de gravar, porque toda vez que eu pegava para gravar, ele pegava a inventar histórias, a desconversar e, às vezes, a contar uma piada, etc., de tal maneira que eu não conseguisse fazer uma pergunta e obter uma resposta. E eu também desisti de anotar na frente dele, e passei a fazer visitas sociais. Na medida em que o clima estava mais ou menos favorável, eu, uma vez ou outra, introduzia uma questão que era de meu interesse. E na medida em que respondia, eu procurava gravar essa informação de tal sorte que duas ou três horas depois quando terminava a conversa e que regressava, na primeira curva do caminho eu parava e ficava fazendo as minhas anotações do que havia ocorrido na entrevista. E com destaque, evidentemente, para aquela questão que eu havia levantado. Foi dessa forma que pude obter algumas informações do Eduardo Hoerhann. Não posso dizer que ele tenha sido um informante fácil, ou que tenha em determinado momento facilitado o meu trabalho. Era um informante difícil, e com o qual eu lidava com muito cuidado. Porque evidentemente eu sabia que era uma pessoa que poderia me facilitar as coisas, e eram coisas que eu queria que fossem facilitadas realmente. As informações vinham num regime meio conta-gotas. Não aconteceu com aquela fluidez que poderia acontecer: “Não tudo bem, eu tenho o meu material, eu quero mostrar pra você os meus arquivos.” Eu nunca entrei no escritório do Eduardo Hoerhann. Sei que outras pessoas, por exemplo, de Ibirama, no caso do Marchetti, por exemplo, filho

do prefeito. Foi deputado, depois amigo e tal, que frequentava o escritório do Eduardo Hoerhann. Quando ia visitá-lo, tinha outro tipo de relação. Provavelmente o Eduardo Hoerhann não tinha a mesma prevenção contra o Marcondes Marchetti, que tinha contra mim. Eu, na verdade, estava no papel de antropólogo. E ele gostava de gozar também, era um bom gozador, olhava a gente como garoto. E em cima disso, evidentemente, colocava uma visão também que ele tinha sobre o papel desses intelectuais, digamos assim, ou candidatos a intelectuais, que iam buscar informações, mas que na maioria das vezes também não assumiam nada de compromisso em relação às populações que estavam estudando. Ele tinha recebido, durante a trajetória dele, alguns antropólogos. O primeiro deles foi Jules Henry que publicou um livro chamado *Jungle People*. Esse livro é inclusive dedicado ao Eduardo Hoerhann e à primeira mulher dele, a Francisca Hoerhann. Foi o resultado de uma pesquisa que começou em 1932. De 32 a 34, esse rapaz, Jules Henry, era um jovem que estava fazendo o seu doutorado nos Estados Unidos e veio orientado para fazer a pesquisa dele, entre os Xokleng. Lembrando que os Xokleng foram contatados em 1914, então quer dizer, pouco tempo depois. Treze anos depois, já havia um antropólogo de um país estrangeiro, doutorando, fazendo uma investigação sistemática sobre esses índios. E, você poderia perguntar: “Bom, mas por que aconteceu isso? Como é que aconteceu isso?” Logo depois que houve o contato de Eduardo Hoerhann com os índios Xokleng, em 1914, o SPI, não sei se exatamente na mesma época ou um pouquinho mais adiante, teve um diretor chamado José Maria de Paula. Esse José Maria de Paula, num congresso de americanistas que houve em 1922, apresentou uma pequena monografia, que acho que quem lhe forneceu os dados, foi o Eduardo Hoerhann.

E essa pequena monografia do José Maria de Paula foi apresentada neste congresso, e entre outras coisas tinha uma referência de que os índios Xokleng tinham várias formas de casamento. Tinham forma de poligenia, que é o casamento de um homem com várias mulheres, a poliandria, que seria uma mulher ter vários homens e além da monogamia, é claro. Mas, além disso, existe outra hipótese teórica. Já existia na Antropologia da época a possibilidade de um grupo de homens conviver com um grupo de mulheres, chamado casamento conjunto. Só que isso, em termos institucionalizados, nunca havia se encontrado em nenhum grupo humano. E, nessa monografia do José Maria de Paula aparece essa referência, que os Xokleng tinham também um casamento conjunto. Como é uma regra teórica da Antropologia, uma sociedade pode ter duas formas de casamento, mas ela não pode ter três. Uma sociedade pode conviver com monogamia e poligenia, ou então ela convive com monogamia e poliandria. Mas uma sociedade conviver com as três formas é uma coisa já rara, e muito mais ainda apresentar a possibilidade da quarta, que até então não tinha se encontrado. Então isso aí é que despertou o interesse em nível internacional, e esse estudante do doutorado foi, naturalmente, orientado por professores dentro dos Estados Unidos para fazer a pesquisa. Uma outra motivação também é que era um grupo recém contatado. É que naquela época tinha uma proposta teórica na Antropologia que estava na moda, que era a questão dos chamados ***Estudos de Personalidade Básica***, e esse estudante, Jules Henry, tinha sido aluno de uma antropóloga chamada Ruth Benedict. E essa antropóloga estava filiada a essa linha de investigação. E acabou fazendo o trabalho dele em Ibirama, quer dizer, toda a interpretação dele na monografia é nessa linha do *Estudo da Personalidade Básica*.

Em última análise, focalizando toda a cultura do grupo, tudo isso, mas querendo interpretar a personalidade básica do grupo. Ele foi hóspede do Hoerhann, conviveu com os índios, ficou 14 meses na área. E dedicou o livro inclusive ao Hoerhann e à mulher dele. Certamente essa convivência foi muito positiva. Depois eu sei que o Eduardo Hoerhann recebeu lá, para uma pesquisa mais sistemática, uma alemã chamada Wanda Hank, que tinha vários estudos aqui no Brasil, Paraguai, etc. E das pessoas mais conhecidas no final dos anos 50, o Darcy Ribeiro. Quando eu ainda estava na pós, cheguei para fazer o meu trabalho e aí ele já não era mais chefe do posto indígena. Então já peguei uma fase que ele estava, digamos assim, muito deprimido...

RH – *Desiludido?*

SS – Desiludido com as coisas, e tudo mais.

RH – *E, por que em seus livros, principalmente “Os Índios Xokleng”, o senhor trata pacificador entre aspas?*

SS – Bom, a questão da palavra pacificação, nessa época até não havia uma crítica ainda a essa palavra. Hoje, existe na Antropologia, em termos mais recentes, uma crítica muito grande à postura, digamos assim, evolucionista, que foi muito tempo advogada pela Antropologia. Tanto o evolucionismo biológico, como o próprio evolucionismo cultural. Mesmo quando os autores eram contra essa corrente teórica, queriam criticá-la, mas usavam o termo bando, o termo tribo. Isso tudo numa postura que aparece inclusive no livro do Engels, por exemplo, que na verdade foi inspirado num antropólogo chamado Morgan, que criou essa corrente evolucionista. Mas o livro do Engels fala que a sociedade, em princípio, se dividia em tribo e

bando. E isso tudo também estava ligado numa fase em que se tinha, digamos, uma situação de bando. Uma situação em que a sociedade propriamente dita tinha regras sociais muito fluídas. Os conflitos muito comuns, eram quase uma luta de todos contra todos. E, você chega numa situação que isso caracterizaria o bando, e seria a selvageria no caso. Depois você teria a barbárie que se identificava com a tribo, onde você já tinha um pouco mais de organização e depois outro momento que seria a civilização, certo? Como isso permeia o nosso cotidiano se você falar com uma pessoa comum, não uma pessoa comum do povo, mas uma pessoa comum, digamos daqui na universidade, não é? Uma pessoa que tem uma formação em Física ou em Direito, ou em Medicina, ou em Odontologia, isso está na cabeça da pessoa. Os professores, os colegas nossos aqui, continuamente têm esse tipo de visão. É, e permanentemente isso está no nosso cotidiano, na idéia de progresso, na idéia de futuro, na idéia de desenvolvimento. Então o passado era a barbárie, e o futuro o progresso. E isso está muito presente no nosso cotidiano e até certo ponto também na nossa vida comum. Os pais querem passar para os filhos melhores condições de vida no sentido de que estão evoluindo. Evoluindo para melhor. E na realidade a gente sabe que não é assim. Então, essa idéia de pacificação, ela tem esse conteúdo interno, porque quem pacifica, seria no caso a civilização, pacifica o selvagem, certo? Então nesse sentido, quer dizer, no início do século, tanto o Eduardo Hoerhann, como outras pessoas que se envolveram nessas atividades do Serviço de Proteção aos Índios, e até de uma chamada **Liga Patriótica Para a Catequese de Silvícolas** que surgiu aqui em Florianópolis em 1907, que eu me refiro rapidamente em meu livro. Alguns personagens se intitulavam pacificadores, tinham cartões de apresentação: pacificadores. O

Eduardo Hoerhann também tinha uma cartão desse tipo: “Eduardo Hoerhann, tal, tal, pacificador dos Botocudos.” Bom, então na época em que eu trabalhei, “pacificador” entre aspas não queria dizer que realmente ele estava naquele sentido da pacificação dominante da sociedade, está entendendo? Embora no cartão dele tivesse esse sentido. Então essa questão da palavra pacificação, hoje comumente quando a gente está falando, dando uma aula ou está escrevendo, a palavra pacificação já entra entre aspas como rotina. Porque essa crítica já está feita. Na época isso estava se iniciando, mas já era uma palavra que ele tinha que usar com cuidado. Atrás disso aí, estava também uma outra questão: na versão do Eduardo Hoerhann, que nós damos, é que ele pacificou os Xokleng, entre aspas, não é? Dia 22 de setembro de 1914. Na casa, lá, antiga, tinha inclusive uma placa: “pacificação, etc.” Data da pacificação. Bem, mas os Xokleng têm uma outra versão. Eles contam que num determinado momento conseguiram amansar o Eduardo Hoerhann. Eles mesmos usavam os termos como referência histórica: “*no tempo que Eduardo amansó nós.*” Isso em termos mais presentes. Então quer dizer, a palavra pacificação, você está vendo que ela tem uma conotação muito perigosa. Porque quando você usa amansar, bom, eu amanso o que? Você amansa um animal. Você não amansa pessoas. Mas a palavra pacificação acaba tendo esse sentido. Então por isso que é uma palavra inadequada. Felizmente, na época, em algumas situações pelo menos eu usei entre aspas, já ressaltando que ela devia ser vista com cautela. Toda vez que você usa um termo entre aspas, você está ressaltando que ou não faz parte do vocabulário normal, ou então você está usando uma palavra que você está inventando ou você está pegando uma palavra, por exemplo, estrangeira, não é? E você grafa, mas ela está aportuguesada, mas você grafa entre aspas,

porque não faz parte de nosso vocabulário.

RH – *Como “digitar”, por exemplo?*

SS – É, ou então em sentido ambíguo, quando você quer evitar que a palavra seja vista no sentido corrente, você bota entre aspas. Pode dar uma outra chamada *sic* ou coisa parecida. Mas o *sic* é mais quando alguém usa uma palavra de modo inadequado, e você tem que se referir àquela afirmação, então você usa para dizer que foi assim mesmo que a pessoa grafou aquela palavra. Mas no caso da palavra pacificação, quer dizer, no fundo, o Eduardo Hoerhann, (aí é uma questão de interpretação) pacificou os índios, não é? Bem, há referências que ele contatou com cerca de 400 índios. Era informação dele, aproximadamente. Porque os índios iam e vinham e tal. Ele também não podia botar numa fila e mandar contar cada um. Acontece que em 1932, quando esse americano fez a pesquisa, ele teve uma convivência de 14 meses, e ele pôde fazer um levantamento de quantos índios realmente existiam. Ele encontrou 106 índios Xokleng. Então, veja, de 400 para 106 no espaço de 14-15 anos, quer dizer, as epidemias, especialmente de gripe, varíola e coisas do gênero liquidaram com essa população em mais de dois terços. Então essa pacificação também tinha que ser vista entre aspas. Essa é minha interpretação. Se eu chego aqui, pego uma turma de quarenta alunos em sala de aula, e no final do semestre eu estou com dez, alguma coisa está errada. Ou então meu curso não vale nada. Ou então devo saber por que, trinta alunos desapareceram. Então essa capacidade de auto crítica, o Eduardo não tinha. Ele não conseguiu fazer isso. Quer dizer, ele tinha decepções porque na verdade ele foi um homem jovem, 22 ou 23 anos², que atravessou uma clareira para se atirar aos índios desarmado, sabendo que os

índios poderiam flechá-lo, aquela coisa toda, e ele quarenta anos depois, estava envolvido na morte de um índio. Que, independente do resultado do inquérito, aquela coisa toda, o fato é que o índio morreu, e morreu nas proximidades da casa dele. E o índio ia entregar uma correspondência para ele, porque ele mandou chamar o índio... O índio tinha trazido uma correspondência do Serviço de Proteção aos Índios do Rio de Janeiro. E, chegou à aldeia, disse que tinha uma correspondência e tal, aí veio aquele negócio da fofoca, o Eduardo tomou conhecimento. O Eduardo já sabia que aquele índio tinha saído da área indígena, já fazia algum tempo. Então ele voltou, não é? O Eduardo então mandou um recado para ele vir conversar com ele. O índio foi e nesse dia, ele morreu. Então alguma coisa aconteceu. Não que o Eduardo Hoerhann tenha matado o índio diretamente, mas entre os envolvidos no processo estavam alguns funcionários que também eram mandados pelo Eduardo Hoerhann. Então que ele esteve envolvido nesse crime, esteve. Isso não tem dúvida. Ainda mais por que ele ocultou o fato. Não deu conhecimento a nenhuma outra autoridade. A família do índio é que depois botou a boca no mundo. Começou primeiro um murmúrio e tal, até que em pouco tempo alguém em Ibirama o acusou. Eduardo Hoerhann tinha vários inimigos em Ibirama e em todo Vale do Itajaí também, porque tinha contrariado uma porção de interesses. E essas pessoas, naturalmente, trataram de fazer a fofoca se transformar realmente num processo. Mas o fato é que houve uma determinação para uma investigação preliminar, e o corpo do índio foi exumado. O índio tinha recebido um “tiraço” na cabeça. Então o Eduardo Hoerhann realmente tinha alguma coisa de responsabilidade, não quer dizer responsabilidade total. Os eventos poderiam ter ocorrido até à revelia dele, mas o fato é que

num certo momento ele quis cobrir o que tinha acontecido, não é? E claro, aí ele acabou sendo preso e tal, ficou realmente em Ibirama numa situação muito ruim porque houve alguns acontecimentos locais que imputaram a ele, alguns inimigos aproveitaram para tirar a “casquinha”, digamos assim. E isso o decepcionou demais. Por outro lado, acho que ele não conseguiu compreender o processo que ele passou a viver, entende? Eu no meu livro, tenho notinha de rodapé, quando não tenho as provas do fato, a gente às vezes usa o rodapé como hipótese: “Olha há informações sobre tal, mas isso aqui é uma coisa mais insegura, etc.” Mas há uma versão do Eduardo Hoerhann jovem, 16-17 anos, no Rio de Janeiro. Ele era um cara de família com certa tradição, classe média e tal, mas os Lima e Silva tem inclusive uma ligação com o Caxias, tudo isso. Mas o fato é que ele era um cara, naturalmente, de muita presença em qualquer lugar que chegasse. E há uma versão, de que numa festa ele se envolveu numa briga e atirou numa pessoa. Então a família para tirá-lo de cena, encaminhou-o para trabalhar no Serviço de Proteção aos Índios, quer dizer, ele foi um protegido do Rondon. As relações de família permitiram isso. Então, primeiro ele teve umas experiências lá para o Mato Grosso, coisa assim e tal. Depois é que ele veio para Santa Catarina, quando os trabalhos aqui sobre os Xokleng já tinham se iniciado. E aí ele vem participar desses trabalhos. E como esses trabalhos não avançavam, num certo momento aqueles funcionários mais graduados vão embora e ele fica de chefe. Mas ele era uma pessoa com razoável formação escolar. Tinha um curso secundário incompleto. E naquele tempo, o curso secundário era muita coisa. No curso secundário, a pessoa tinha que saber línguas etc. e tal, quer dizer, tinha uma formação bem diferente da de hoje. Nós estamos falando aí dos anos de 1910. Então a escola secundária,

para quem chegasse aí, seria hoje o segundo ano do científico, por aí. O segundo grau, segunda série do segundo grau. O cara já tinha passado por um ginásio de cinco anos etc. Então dominava bem o francês, sabia o alemão. Aprendeu a língua indígena. Então ele realmente tinha uma formação escolar bastante boa. Ele se envolveu com Rondon, dentro daquele cenário do Serviço de Proteção aos Índios, de proteger o indígena, de sentir uma máxima do Rondon: “morrer sim, matar nunca!” Objetivando levar a justiça para o interior, porque os interiores do Brasil eram também uma selva. Quem podia, tinha poder de dono de fazenda, de juiz, etc. Tinha poder de vida e morte, isso era muito comum no interior brasileiro. Quem é que ia descobrir que numa fazenda qualquer com milhares e milhares de hectares, um fazendeiro ou o filho de fazendeiro teria abusado da filha do peão? Ou se o peão reclamou e tomou chumbo, quem é que ia reclamar...? Se esse mesmo fazendeiro tinha dentro da fazenda dele um bocado de gente que vivia aí como peão, e para ter relacionamento com o fazendeiro tinha que ter antes de tudo a fidelidade! Quando estourava uma guerrinha qualquer o fazendeiro dizia: “Olha, eu tenho aí 300 homens.” E não tinha que perguntar para que lado ia. Os 300 homens tinham que ir com ele, ao lado do patrão. Então, essas coisas todas eu acho que o Eduardo viveu. E claro, quando ele viveu essa experiência de contatar os Xokleng, eu acho que ele estava muito imbuído pela literatura, uma literatura meio romântica, na linha de Rousseau, etc. Que o índio é bom, etc. a sociedade que o corrompe.

[final da fita 1-A]

SS – Então nos primeiros tempos, o Eduardo Hoerhann, evidentemente teve problemas seríssimos. Ele estava com essa motivação... Ele

não consegue controlar bem os índios, quer dizer, primeiro começa haver problemas de falta de recursos, porque os índios estavam naturalmente aceitando aquele contato vindo ali no que seria o local, onde ele havia armado uma estratégia para estabelecer um processo de atração, tinha uma torre, tinha gramofone, botava música, mandou fazer algumas roças. E quando os índios se aproximaram, ele começou evidentemente a fornecer alimentos, quer dizer, de vez em quando matava um boi, etc. Só que daí faltava dinheiro para comprar o boi. E tem cenas dos índios flechando os bois que ele entregava e tal. Mas depois esses índios começam a ser contagiados por doenças e a morrer. E nem sempre por doenças que matam tipo gripe, varíola, etc. Depois os índios estavam com venérea. Porque tanto empregados, evidentemente, do próprio Eduardo Hoerhann, como também regionais que de uma maneira ou outra acabavam tendo algum contato com esses índios, e acabavam tendo intercurso sexual com as índias, etc. Aos poucos a gonorréia estava lá. Quer dizer, eu tenho depoimentos do Eduardo Hoerhann estar pegando o membro do índio contaminado por gonorréia e ter que fazer a limpeza do pênis do índio, e tal, e dizer para o índio que ele não poderia voltar a ter aquele tipo de experiência. E quando o índio estava curado ele sabia que o índio estava indo para casa de prostituição ou se embebedando de novo. E com a mulher do índio estava se fazendo a mesma coisa e sendo novamente contaminada. Então é claro, ele teve que fazer o papel, vários papéis, inclusive o de enfermeiro, porque ele não tinha enfermeiro. Até nesse nível de assistência. Isto numa época em que não havia os medicamentos de hoje, que você vai lá toma uma injeçãozinha e tchau. Não era isso, era todo um trabalho, sei lá, parece que era nitrato de prata, mas eram medicamentos difíceis que se tinha que colocar no local e tal.

Havia também pressão dos regionais. Às vezes os índios saíam ainda para floresta, para caçar, para pescar ou iam para área onde havia pinhão. E, naturalmente, às vezes, eram atraídos por brancos que queriam ver os índios inclusive cair, no caso da bebida, davam bebida. Há relatos dessa natureza. Outras vezes o índio numa incursão dessa entrava na propriedade de um branco, para se apropriar de alguma coisa na roça, ou de alguma ferramenta, etc., e lá vinha o branco reclamar que o Serviço de Proteção aos Índios não estava protegendo a propriedade dos brancos. Isso foi tão grave, que o grupo indígena Xokleng que ficou aqui na região sul, nas mediações de Rancho Queimado, Bom Retiro, Anitápolis, aí pelos anos 20, e o Eduardo sabia, que a situação estava tão ruim que afirmou “*que eu não me animei a ir lá buscar aqueles outros.*” Isto é, catequizar aqueles outros, submeter, ou digamos, pacificar. Então quer dizer, ele foi gradativamente sofrendo uma série de decepções. Numa época também que a Antropologia em particular e a ciência em geral não ofereciam conhecimento. A Biologia não sabia o que acontecia numa situação dessas de contato entre grupos diferentes e com grupos vulneráveis, como no caso, que era o problema epidêmico aí da passagem, etc. Isso era tão sério, que num certo momento, lá por 1918, por aí, estava ocorrendo uma epidemia de varíola no Vale do Itajaí, e o Eduardo se candidatou a pegar... adquirir as vacinas, etc., e mandou pedir por telegrama, recursos no SPI do Rio de Janeiro, e nunca veio respostas. Aí ele conseguiu as vacinas por um superintendente em Blumenau, vacinou os índios, etc., e alguns meses depois ele vai ao Rio de Janeiro e num certo momento um dos diretores lá chama-o e dá uma reprimenda, dizendo: “Você está louco, cara? Você está querendo vacinar esses índios, se inocular lá o vírus nesses índios que não têm resistência nenhuma, você vai

matar todo mundo!” E o Eduardo vira para o cara, provavelmente de uma maneira bem malcriada, que era o temperamento dele e diz o seguinte: “*Pó, seu filho da p., pois tu sabes que eu já vacinei todo mundo e ninguém morreu, pelo contrário, salvei o pessoal.*” Quer dizer, isso dá uma idéia da falta de conhecimento que o próprio SPI tinha a respeito desse processo. Num determinado momento o Eduardo disse o seguinte: “*Bom, esse negócio do SPI, a tradução é engordar o sapo para a cobra comer.*” Entende? Ele foi gradativamente se desiludindo com aquilo que ele havia feito como uma coisa que achava que era importante, e estava compreendendo que não era tão importante assim. E a coisa era muito mais complicada, tinha variáveis que ele não podia controlar de jeito nenhum. Ele conta para o Darcy Ribeiro que se soubesse o que iria acontecer, ele nunca teria tirado esses índios da floresta, porque na floresta, pelo menos eles morriam de arma na mão, enfrentando os bugreiros. Então quer dizer, essas coisas mostram realmente uma personalidade, digamos assim, bastante atormentada com a sua experiência de vida.

RH – *E, só mais uma coisa: Se ele estava preocupado, em manter a cultura indígena, por que ele era a favor a miscigenação com brancos?*

SS – Olha, eu não sei se o Eduardo Hoerhann estava realmente preocupado em manter a cultura indígena, entende? Isso é uma coisa que eu não tenho dados na minha pesquisa, que pelo menos que eu me lembre agora, que pudesse permitir uma resposta e dizer: “*Não, realmente ele estava preocupado.*” Ele estava preocupado em resguardar num primeiro momento, os índios, isso porque era tarefa do Serviço de Proteção aos Índios. Serviço de Proteção aos Índios foi criado, num contexto nacional, de oposição à violência que ocorria no sertão. Promovidos especialmente por bugreiros,

por fazendeiros, por alguns empreendimentos econômicos, como é o caso da estrada de ferro de São Paulo a Mato Grosso, Cuiabá, ou São Paulo em direção aqui ao sul, de São Paulo ao Rio Grande. Na área de Porto União houve conflitos entre os índios Xokleng e construtores da estrada de ferro. Então digamos assim, era um conflito com as colônias que estavam se instalando. Então o Serviço de Proteção aos Índios foi uma resposta do Estado brasileiro para combater a violência do sertão, resguardando em tese, os interesses dos índios. Essa era a postura do Rondon, conforme eu já disse. O Eduardo assumiu essa postura. Então ele estava muito preocupado em resguardar os índios fisicamente. O SPI, existem estudos sobre isso, não sabia, o SPI como um todo, como uma instituição, não sabia o que fazer depois dos índios contatados. Até a contatação, todo mundo sabia: *“Faz assim, faz assado, tem estratégia, vai lá, abre uma clareira, faz uma roça, deixa presente e tal, dá sinal de amizade, bota música.”* Então essas coisas já estavam mais ou menos construídas. Mas depois da contatação o que fazer? E no caso Xokleng, trata-se de um grupo nômade caçador. Quer dizer, é diferente se fosse um grupo que já tivesse uma vida sedentária, produção agrícola, o grupo tinha, digamos assim, uma base geográfica de vivência e o contato se daria de uma outra forma. No caso Xokleng não. Por eles serem nômades, eles tinham uma flexibilidade muito grande de correr o território da altura quase de Curitiba até Porto Alegre, que era o território mais ou menos tradicional deles. Então tudo isso dificultava evidentemente, além de um grupo habituado a tirar da floresta o que precisava, caçando, coletando, etc. Então sob o ponto de vista de preservação do grupo, do grupo em si, da preservação física, ele tinha preocupação. Agora a preservação cultural, é difícil de responder, porque preservação cultural implicava numa série de

resguardos para não modificar a cultura. E a primeira coisa que o Eduardo Hoerhann enfrentou quando o grupo ficou, digamos assim, vivendo na periferia em torno do local que ele construiu como posto de atração, foi a alimentação. Ele aí já tinha uma roça de milho, de feijão, batata, não sei o que. E ele...Para alimentar os trabalhadores, os companheiros dele, e também eventualmente alimentar os índios que viviam com fome porque os índios estavam competindo com os brancos, que estavam dominando toda a floresta nessa altura. E o branco entrava com arma de fogo, para caçar, para isso e aquilo, derrubar a floresta. É claro, a escassez de recursos para esses índios era grande. Então esses índios começam de cara, logo após que começa esse processo de convívio, a ser submetidos a uma dieta que era dieta do branco, começam a mudar os seus costumes. E nem sempre o Eduardo podia botar um boi, por exemplo, para eles matar, e eles estavam acostumados a matar anta. É claro que eles vão matar o boi da mesma maneira que matavam a anta. No meu livro **Índios e Brancos no sul do Brasil**, a capa mostra um grupo de índios flechando um boi. Acontece que nem sempre havia dinheiro para comprar o boi. E também, mesmo se tivesse esse dinheiro, não era só a carne que os índios iam comer, porque não podiam mais fazer as coletas das outras coisas. O Eduardo também temia que se eles saíssem para longe, eles iriam conflitar com os brancos e etc. Então eles vão sendo inseridos digamos assim, nessa dieta dos brancos. Isso aí já é uma mudança cultural violentíssima. Uma outra coisa que eles vão ter que aprender é português. O Eduardo Hoerhann sabia um pouquinho de Xokleng², mas os demais funcionários não sabiam. Então os índios gradativamente tinham que aprender o português e assim começa uma série de imposições culturais, vamos

2 Eduardo Hoerhann falava fluentemente as línguas: Guaraní, Kaingáng e Xokleng.

dizer assim, que fica difícil a gente dizer que ele estava querendo preservar a cultura indígena. É claro que a cultura de uma maneira ou outra, como um todo, acabou sobrevivendo, na medida em que a língua estava lá, os índios continuaram a falando a língua e tendo na sua memória algumas práticas culturais, como, por exemplo, fazer um artesanato, até como uma forma de sobrevivência, as armas que eles usavam na época da contatção. Mas que realmente esse trabalho de preservação de cultura, eu acho que não estava presente nem para o SPI, nem para o próprio Eduardo, entendes? Acho que isso não estava presente, pelo menos eu tenho dificuldade de ajuizar isso. Fica difícil ajuizar, se algum dia ele pensou realmente nessa questão.

RH – *Ele queria era preservar o que estava ali presente?*

SS – A questão era preservar fisicamente.

RH – *Fisicamente?*

SS – É claro que preservando fisicamente os indígenas, ele de uma maneira ou outra estava preservando a cultura. É verdade também que num primeiro instante a gente poderia dizer que era uma estratégia que o Eduardo tinha, até por causa dessa questão de contagem, etc. Ele adotou uma estratégia, já que aquela região lá era uma espécie de fundo de vale. Quando ele fez a casa dele, onde ele fez essa coisa toda, é porque ele pretendeu policiar quem entrasse. Os índios não podiam sair, e quem fosse de fora não podia entrar. Tinham que passar por ele, pela casa dele. Acontece que isso é um raciocínio lógico, em termos de quem chega do Alto Vale, lá no Itajaí do Norte, de barco. Os índios saíam por tudo quanto era lado. Eles subiram a serra e já estavam no planalto e tal. E nesse sentido,

ele não pôde controlar os contatos. Ele pretendeu... eu até falo nisso um pouco em meu livro, ele pretendeu manter os índios numa coisa que era uma espécie de redoma, quer dizer, sem contatos com os brancos. Mas isso realmente não aconteceu, tanto que eu já contei esses episódios uma série de vezes, que os índios num certo momento saíam numa incursão de caça e daqui a pouco entravam em contato com os brancos, que também estavam caçando, ou estavam abrindo uma propriedade, a 40-50 km de distância. E como os índios agora estavam numa linha de convívio, isso se pensar 10-15 anos depois, eles já estavam com condição de estabelecer contato com os brancos. Só que esse branco, muitas vezes abusava dessa relação, seja em termos sexuais ou em termos de bebida... Também podia ser sem má intenção, por exemplo, tirar sua camisa e dar para o índio, e o índio pegar uma gripe porque pegou o vírus do cara que estava doente. Isso podia acontecer. Mas essa questão de dizer que ele tinha um projeto de preservação cultural, objetivamente, é de difícil resposta, é muito difícil. Eu acho que ele não estava de acordo nas discussões, não dele do Eduardo, mas as discussões do SPI. O SPI não tinha uma proposta nessa direção.

RH – *E em sua opinião, o trabalho do Eduardo foi válido?*

SS – Olha, eu acho o seguinte: não só o trabalho do Eduardo, mas o trabalho do Serviço de Proteção aos Índios, quer dizer, aquele velho ditado: “*ruim com ele, pior sem ele.*” O SPI, na época em que surgiu, realmente conseguiu preservar uma série de grupos indígenas. Apesar de todos os problemas de contato, eu já reportei no caso dos Xokleng, mas pegando uma coisa mais geral do Brasil, e resguardar os interesses desses indígenas, conseguindo reservas de terras, etc. Nesse sentido, o Eduardo repete esse programa em Ibirama: ele

contatou com os índios, conseguiu digamos assim, inibir os conflitos. Porque aí o governo do Estado toma conhecimento, essa coisa toda. A ação desse governo, os governos estavam “gatilhando” os índios para valer. Tanto que continuaram “gatilhando” os aqui do sul, por exemplo. Muitos índios aqui do sul foram mortos pelo governo. Muito poucos sobreviveram, chegaram aí até nos anos setenta ainda na floresta. Então ele consegue, digamos assim, eliminar essa violência. É claro que para isso nessa eliminação ele fez um monte de inimigos, muito gente distraiu o Eduardo de tudo o que era jeito. Em uma última análise, ele representava o poder federal numa região que o poder mais alto era o poder vindo da província. Então, ele se apresentava como um funcionário federal. Em pleno Alto Vale do Itajaí, isso tinha uma força danada. Além de ele ser um cara de 1 metro e 90 de altura, ou quase, não sei exatamente a altura. Porque eu o conheci velho, já tinha diminuído um pouquinho. Muito forte, e todas as informações que eu tenho é que era um cara de dar porrada, que não tinha brincadeira com ele. Era uma cara que chegava, e realmente impunha respeito em qualquer lugar. Atirava muito bem. Então, é claro que a gente tem que entender que como ser humano, em alguns momentos, sem ter nada a ver com os índios, ele também criou suas arruaças, teve lá os seus rolos e tal como pessoa física. Mas isso tudo, como ele era um funcionário federal em última análise, repercutia no Vale inteiro e algumas pessoas ficaram inimigas dele, claro. Outras pessoas ficaram muito amigas, porque em vários momentos existe referência de ele ter exercido a defesa de determinadas pessoas, em certas situações. Em 1926, por exemplo, por pressão dele, o governo do Adolfo Konder já criou aquela reserva. Não só isso. Adolfo Konder foi lá, foi fazer uma visita no posto. Anteriormente, na época ainda do Hercílio Luz, ele

tentou fazer uma viagem lá, mas acabou não conseguindo... Não confirmando a viagem. Ele ia Blumenau, prometeu ir a Ibirama, os índios vieram para Ibirama. E houve aí vários problemas, além de estarem mal acampados. Problema de muita chuva, não sei o que, e o governador acabou não indo. Mas em 1926, o Adolfo Konder foi lá, tem documentação fotográfica, eu até publico algumas fotos e tal. Então ele conseguiu a área, e essa área foi uma briga desgraçada, porque companhia de colonização, a Hanseática, dizia que aquelas terras todas o governo já tinha passado para ela. Então houve uma discussão que não acabou. Isso ficou interminável depois, nos anos seguintes. A Hanseática sempre querendo cobrar do governo do Estado aquela área, etc. E passa, chega até as terras que o Eduardo Hoerhann comprou, vendeu, perdeu, essas confusões todas. Então, é claro que sob esse ponto de vista, o que a gente pode dizer é que num primeiro momento ele chegou e botou um ponto final. Não um ponto final de cem por cento, mas diminuiu pelo menos aquela violência que havia na área, na região que estamos falando. Ele conseguiu realmente contatar os índios e assegurar para eles uma área. Os índios acabaram sobrevivendo, quer dizer, morreram 2/3, mas uma parte acabou sobrevivendo. Então, nesse sentido, se o Eduardo Hoerhann não tivesse feito aquele trabalho, ou outra pessoa assumido o trabalho que ele fez, evidentemente esses índios não teriam sobrevivido. Quer dizer, se o Serviço de Proteção aos Índios não existisse ... Ou se o Serviço existisse, mas não tivesse alguns funcionários dispostos a enfrentar aquelas situações, evidentemente que esses índios não teriam sobrevivido. Então, nesse sentido, o trabalho dele foi positivo. Agora, se a gente analisar o trabalho dele, ele representando um serviço e tendo todo um papel, que é a tomada de decisões etc., a gente vai ver que muitas

decisões que ele tomou foram erradas. Só que a gente não pode prejudicar, dizer que ele tomou a decisão errada, porque era mau caráter, era isso, aquilo. Não. Pode ter tomado a decisão errada, primeiro porque não compreendia a situação, segundo não tinha a orientação de como tomar aquela decisão, e assim vai. Então, o fato real é que ele foi uma personagem, digamos, muito marcante no Alto Vale, quer dizer, realmente, a presença dele na história de Ibirama, Rio do Sul, toda aquela região ali foi bastante marcante. Há pessoas com certa projeção, evidentemente, que tem versões sobre a sua conduta diária. Essas versões podem ser positivas ou negativas. Há discursos de pessoas que eu recolhi, por exemplo, inclusive me refiro no livro a alguma coisa que são, digamos assim, discursos negativos, mas sobre os quais se tem dificuldade de avaliar. Você pode até, por exemplo, numa monografia como a que eu fiz, ter obrigação de registrar, até para dar pistas para alguém investigar mais tarde. Mas é muito difícil você ajuizar. Eu acho que o Eduardo Hoerhann, seria uma personagem que se reconhece num determinado momento da vida, como uma personagem que fica pensando o seguinte: *“Bom, o que eu fiz da minha vida? Eu me dediquei a esse negócio, e como é que naturalmente eu cheguei num final, que não era o que eu queria, e muito mais do que isso, no meio do caminho as pessoas que podiam reconhecer o meu mérito, não reconhecem?”* É o caso do SPI, que faz uma p*** de uma sacanagem com ele, quando a legislação brasileira sempre reza que, pelo menos a legislação pós Getúlio Vargas, com 35 anos o funcionário se aposentava, quer dizer, com aposentadoria integral. Quando aconteceu esse evento da morte lá do índio, em 54, ele já tinha 40 anos só de Ibirama, fora o que ele já tinha tido antes, nessa relação de dois, três anos que ele ficou lá pelo Mato Grosso e tal. Então, só aí ele já tinha todo o tempo de serviço. Quer

dizer, se ele foi acusado e afastado do serviço por razão de uma investigação, deveria ao menos ser assegurado o salário dele como aposentado, especialmente logo que ele foi liberado e inocentado, inclusive com direito a atrasado! Nada disso aconteceu. Ele quando conseguiu a aposentadoria, eu inclusive intervim nisso, num determinado momento. Não fui à única pessoa, conforme já falei, mas num certo momento ele me disse que estava realmente precisando de um certo apoio, e tal. Eu falei: “Bom, quem sabe eu posso falar com Dr. Cabral, etc., o senhor me dá os dados”. E a gente aqui fez uma correspondência, eu sei que o Cabral junto comigo, mandamos uma correspondência para o Antônio Carlos Konder Reis, que era deputado federal, e que foi uma das pessoas que encaminhou a solução do caso. Eu não digo que isso aí foi decisivo, porque eu não sei com quantas pessoas ele falou, do Vale do Itajaí, do Rio de Janeiro, sei lá, as quais podiam ter interferido naquela época. Mas eu sei que essa coisa a gente fez. E aí sei que ele recuperou a aposentadoria dele, mas recuperou a partir daquele momento. O atrasado foi todo perdido, e ele tinha aí pelo menos uns 10 anos de serviço a que ele tinha direito para receber, no meu entendimento. Então quer dizer, só isso aí já é uma causa de uma frustração. Mas, objetivamente, eu diria que se hoje há uma população indígena Xokleng naquela área, e tudo mais, foi por causa do trabalho do Eduardo Hoerhann. Não posso dizer que foi um trabalho extremamente satisfatório, porque tudo tem seus altos e baixos. Mas dentro dos limites do possível, e nos imponderáveis da vida, acho que ele fez um trabalho nas condições que ele poderia fazer. É claro que se ele tivesse uma outra personalidade, etc., talvez ele não viesse a se envolver na morte do índio, por exemplo. Ele era um cara de rompante e coisa, mas se fosse um cara calmo,

provavelmente não iria fazer isso. Mas o fato é que ele era um cara de rompante. Então é difícil você dizer que ele fez a coisa, tomou essa ou aquela atitude só na pura sacanagem. Não, foi o calor da hora. Quem de nós aí, talvez sendo agredido, também não reage de uma maneira mais contundente, com a vida toda pacífica, toda quietinha, mas daqui a pouco não pode tomar uma atitude que não foi pensada. Então, acho que esse ponto é de difícil avaliação. Eu tento desenhar no meu livro, quando estou falando do Eduardo Hoerhann, certas inconsistências, porque ele parecia ser um cara muito seguro de si. Mas a gente percebia que ele realmente estava vivendo frustrações fortíssimas. E pelo que eu soube, depois que ele faleceu, volta e meia tive alguma notícia de alguém que o conheceu, e a impressão era essa. A impressão de que era um cara que passava uma segurança muito grande em tudo o que fazia, mas que na verdade, no decorrer de sua vida, foi mostrando que ele não podia ser tão seguro como ele pretendia ser. Então ele apresentava uma segurança que, à primeira vista, parecia uma coisa realmente firme, mas que na medida em que se começa a analisar, não era tão firme assim. No fundo, ele era apenas um ser humano.

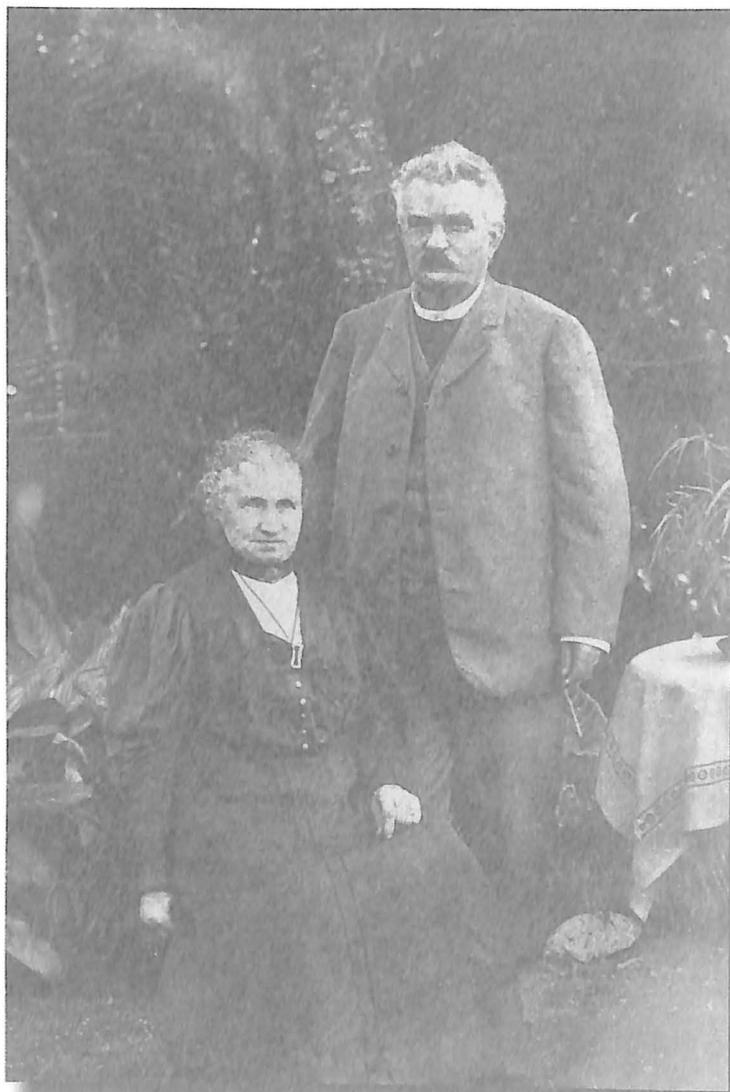
RH – O senhor gostaria de incluir mais alguma coisa?

SS – Não, eu fico a tua disposição depois que você fizer a revisão disso e tal. E se você tiver a necessidade de mais algum complemento, estou à disposição. Isso aqui que eu estou falando para ti foi uma fala, digamos assim, não preparada, uma fala em cima de minha memória. Então, você pode estar checando as coisas que eu escrevi, e pode ter uma dúvida aqui ou ali, alguma incongruência, inclusive com a minha fala. Também diria que quando eu estava no calor de fazer a tese, fiz essa pesquisa, comecei lá, conforme falei, em

63. E eu escrevi a tese, fiz dois trabalhos intermediários inclusive esse, que tem uma das etapas do doutorado. Uma época que a gente tinha que trabalhar, não tinha esse esquema de doutorado hoje, que o cara sai e fica quatro anos só para fazer o doutorado. Naquele tempo era trabalhando e fazendo o doutorado. Então, dentro desse contexto, é claro na época eu estava também fazendo uma interpretação das coisas que eu queria etc. e tal, então, eu não sei até que ponto eu realmente fui fiel, digamos assim ao que eu já penso atualmente. Porque é claro, que já passados quase 30 anos, a gente também está um pouco mais maduro, às vezes medita melhor em algumas coisas, compreende melhor o outro, etc. Talvez naquela época eu tivesse exigido muito mais do Eduardo Hoerhann do que ele poderia realmente dar como resposta objetiva, isso não sei. Teria que comparar com o que eu escrevi, também não tenho em minha memória tudo o que eu escrevi. Agora é bom lembrar também o texto do Darcy Ribeiro, do qual eu lhe falei, em particular essa parte *do Diário Xokleng*, publicado no livro *O Diário*. Mas está publicado, parece de uma forma um pouco mais ampla nessa revista chamada *Cartas*, quando ele editava no Senado. Lá também tem uma referência falando do Eduardo Hoerhann, quando ele disse: *“Quando eu o conheci me pareceu um cara autoritário, forte tal e tal, mas era o cara mais inteligente, mais competente de todos os chefes de posto eu havia conhecido.”* Ele faz uma série de elogios. Ele conhecia bem o sistema, porque ele viajava muito pelo SPI. Darcy Ribeiro, nessa época, era do SPI. Então mostra que o Eduardo Hoerhann também, no cenário do Serviço de Proteção aos Índios, era um cara diferenciado. Ele não era, digamos assim, o padrão do funcionário. Ele era um cara que se diferenciava, seja pela cultura, seja também pela apresentação física. E talvez isso lhe desse também uma segurança em relação à burocracia do SPI. Ele, naturalmente, tomava atitudes etc., sem

dar bola para SPI, porque sabia que o SPI não tinha a competência que o Eduardo tinha. A maioria dos servidores do SPI não era competente ou não tinha a capacidade para compreender o que ele estava querendo compreender. Então, no fundo, o Eduardo Hoerhann era uma personagem, muito particular, e que eu acho que dá muito para gente pensar sobre o que é a vida e o que uma pessoa pode fazer dentro de um determinado cenário etc. E essas inconsistências da vida que, às vezes, têm variáveis que você está pensando que controla, e que daqui a pouco você percebe que essas variáveis são muito mais amplas do que aquele feixe que você tinha separado como variável. Questão de ser humano. Por exemplo, sobre os índios Xokleng, e eu acho que ele imaginou que tinha condição de controlar aqueles índios, mas nunca controlou. E isso acabou causando uma frustração terrível para ele, em particular se a gente compreende que ele estava, num momento em que a literatura antropológica e a experiência do SPI não davam resposta, não tinham como dar respostas para essa questão. Então ele acabou ficando “num mato sem cachorro”, como se diz. Ele ficou no mato, com a população indígena, tendo um belo pepino de como orientar essa população, sem ter segurança e dinheiro, sem infra-estrutura de retaguarda para socorrê-la, em algumas situações. E não havia a compreensão, digamos, científica para conduzi-lo nessa direção. Agora essa mesma história não vai ser muito diferente se você ler a respeito do Xingu, e conhecer e ler a respeito dos irmãos Villas-Boas, que volta e meia estão na mídia e tudo mais. Você vai ver que há críticas muito fortes aos trabalhos dos Villas-Boas no Xingu. **Mas criticar é fácil.**³

3 Fala não presente na gravação, foi anotada pelo entrevistador porque a fita acabou no último momento.



**CORRESPONDÊNCIAS DE
IMIGRANTES**

CORRESPONDENCIAS DE IMIGRANTES**Carta nº11**

Colônia de Blumenau, 24 de abril de 1882.

Minha querida Anna!

Mal havia chegado às minhas mãos a tua carta com a notícia da doença de Hedwig, seguiu-se a ela a notícia do seu falecimento. Desse modo rompe-se um elo após o outro, e a nova ferida abre as mais antigas, a mim me faz recordar novamente o falecimento de minha irmã há 4 anos atrás, a quem eu tinha uma simpatia especial. Nós sempre nos entendemos sem palavras, quanta falta ela me faz ainda hoje. Vocês aí têm amigas, que freqüentemente até são mais próximas, mas eu nunca tive nenhuma, e a minha irmã mais velha é muito egoísta e dura e por isso os parentes preferem os nossos filhos, que são realmente simpáticos e mais carinhosos.

Também perdi uma irmã de 19 anos, de tuberculose pulmonar. Eu tinha nesta época 10 anos e espantava-lhe as moscas, ela permaneceu acamada mais tempo do que Hedwig, meio ano totalmente mais o inverno anterior, o verão ela passou razoavelmente e podia fazer passeios, nos quais eu tinha de acompanhá-la. Nestas oportunidades me parecia estranho, que Mamãe exigisse de mim, tão nova, atenção e indulgência. A irmã gostava de provocar, e ria do fato de eu caminhar tão séria a seu lado e de eu chamar-lhe a atenção para o melhor caminho. Ela me puxava e tentava empurrar-me para dentro de um pequeno valo e apesar de ele ser bem raso e estar seco, não foi fácil ajudá-la a sair de lá, e eu tive muito medo. Chegando em casa ambas calamos prudentemente a esse respeito. Quando crianças não temos uma compreensão real da morte. Mesmo quando, após ela já ter lutado contra a morte à tarde, nos respondeu: Adeus (quando nós crianças fomos dar-lhe “boa noite” na sua última noite), eu fiquei cismada a respeito e achei que ela tivesse se enganado.

Certamente também Hedwig já se fazia acompanhada da sua doença há algum tempo. Em sua última carta ela escreveu que sentia que o pulmão não estava bem, porém não queria que os Briegleb ficassem sabendo, para não preocupá-los. Com uma doença deste tipo dificilmente passa-se dos 40 anos. Aliás, esta é a idade em que predomina a mortalidade entre as mulheres. Eu sempre considerei Hedwig a mais saudável e forte dentre vocês, minhas irmãs. Entretanto quem pode saber a razão! Adormecer assim tão rápida, tranqüila e despreocupadamente é para muitos algo atrativo, só não permanecer acamado por muito tempo. Eu tenho a fé, de que morrerei um dia muito rapidamente. Morrer assim totalmente consciente também deve ser terrível, quando se deixa tanto para trás. Quanto a isto Hedwig não precisou se preocupar.

Nossa Mathilde sempre tem medo de que eu fique doente: Mamãe, tu não estás comendo nada, estás doente? E aí ela me traz o que encontra e eu tenho que comer à força. Ela tem-se desenvolvido muito e está com a aparência bem saudável. A semelhança dela com a mais velha dos Briegleb ainda existe, só que Mathilde é mais alta e cheia. Em 16 de junho também já completará 16 anos. Em casa ela aprende o suficiente em termos de lides domésticas, e já domina melhor este trabalho do que muita moça de 25 anos aí na Alemanha. Infelizmente ela não chega a ter tempo para trabalhos manuais, de tanto serviço na cozinha. Por isso, ela deverá ir em breve passar um ano na Colônia Dona Francisca, vizinha à nossa, onde a mulher de um amigo de Emil pretende abrir um pensionato; ela já tem várias filhas adultas, educadas na Alemanha e que agora querem deste modo valorizar os seus conhecimentos. Ela me fará falta, mas é o melhor para ela. Aqui em casa seria mais tranqüilo, se alguns dos rapazes saíssem ...

Bertha

Carta nº12

Curitiba, 21 de maio de 1882.

Minha querida e boa Mãe!

Recebi há alguns dias a mensagem de luto pelo falecimento da nossa querida e boa Hedwig¹, foi um choque muito duro para mim, já que eu não tinha conhecimento algum sobre a sua enfermidade! Bertha não me mandou a primeira carta de Anna imediatamente, por não querer preocupar-me inutilmente, na esperança de que pudesse terminar de melhor forma! Pobre Hedwig!

Depois de toda a agonia, o triste resultado! No momento em que tu crês ter alcançado o objetivo da tua luta! Mas ela está feliz, minha querida boa mãe! Ela livrou-se de todos os sofrimentos terrenos, e nós, que permanecemos sós aqui, procuremos atenuar o duro choque da separação com a esperança de um reencontro alegre e feliz! E até lá a lembrança da querida falecida permanecerá em nossas memórias, até mesmo quando o tempo tiver atenuado a dor da separação. Graças a Deus tenho sempre recebido boas notícias dos meus, estão todos bem, conforme Bertha já deve ter escrito. As alegres e vivazes crianças já me ajudaram a suportar muita tristeza, se eu só não tivesse de estar sempre separado delas! Mas também quanto a este aspecto, creio que em breve haverá uma mudança, já que existe a intenção de instalar a linha telegráfica pelo litoral da Província de Santa Catarina passando pela Colônia de Blumenau, D. Francisca, Itajaí e Brusque; após o término dos trabalhos de exploração das linhas telegráficas

1 Comentários: Hedwig: irmã de Emil. Faleceu de tuberculose, tão comum naquela época. O bacilo de Koch foi descoberto no mesmo ano desta carta e o tratamento da doença ainda levou anos para ser descoberto. Ela escondeu a doença enquanto pôde, “para não incomodar os Briegleb” - a irmã e o cunhado, com os quais morava ... estava prestes a terminar seus estudos e a começar sua carreira de professora quando adoeceu. Vida espiritual: Podemos observar na sequência das cartas de Emil que ele reafirma, diante da morte de entes queridos, sua fé numa vida após a morte e no reencontro num nível espiritual.

daqui até a região de Missões e ao Paraná. Somente então poderei me estabelecer em um local definitivamente, e também com um bom salário, o qual livrará a mim e aos meus de todas as preocupações com o pão de cada dia. A partir de julho entrará em vigor um novo regulamento para os funcionários da Repartição dos Telégrafos, cuja parte mais agradável é o aumento considerável dos salários, naturalmente acompanhado de maiores exigências. Sorte dos estrangeiros, aos quais os lerdos brasileiros poderão fazer menos críticas. Fora isto estou muito satisfeito com o meu posto, meus trabalhos são os mesmos de há anos, e o meu salário é hoje de Rs. 250\$000 mensais, a partir de julho serão 350\$000. Felizmente não tenho despesas aqui, pois tu não imaginas o quanto são caros os mantimentos por aqui. Comparando com Blumenau, por exemplo: lá um quilo de manteiga custa Rs. 0\$500 e aqui 2\$000, uma dúzia de ovos 0\$080 e aqui 0\$400, etc. Apesar disso o comércio de lá para cá não vale a pena, porque o Governo taxou os produtos transportados de uma província para outra! Por aí tu podes deduzir quão sábia é a providência do Governo daqui, o qual consegue tornar o progresso esperado da colonização, magistralmente impossível, apesar de todas as medidas neste sentido.

Tudo de bom pois, minha velha Mãezinha, dá lembranças cordiais a todos os irmãos e tenha com carinho aquele que eternamente te ama,

Emil

Carta nº13

Acampamento junto às nascentes do Ivaí, 12 de agosto de 1882¹.

Minha querida Anna!

As tuas cartas de 25 de fevereiro, de 10 de março e de também

¹ Rio Ivaí: nasce na região de Guarapuava e deságua no Paraná, acima do Salto das Sete Quedas (estas atualmente inundadas pela Represa de Itaipu).

a de 17 de abril chegaram até mim, e daqui das profundezas da selva mando-te estas poucas linhas de consolo e te agradeço profundamente, pois tu, Ana² querida, és a única que manda notícias de todos os meus queridos! Grande parte das tuas notícias são tristes, é verdade, mais ainda para mim, que estou separado de vocês por um meio mundo! Desse modo parte um após o outro, o que é doloroso somente para os que ficam. Quem dentre estes deverá ser o último?³ Tens razão, não temos muita sorte neste mundo, mas estás muito pessimista na tua dor. Te consideras só e sem pátria? Este não pode ser o caso. Esqueces totalmente teu irmão, que está ligado a ti por um amor infinito? Mas deixemos isto de lado, tentemos espantar a nossa dor com lembranças alegres. Tenho recebido notícias dos meus regularmente uma vez ao mês, mas normalmente mandam mais de uma carta, as quais, graças a Deus, sempre têm me trazido boas notícias! As crianças às vezes também escrevem. Estas cartas delas me aliviam das preocupações, elas brilham tanto da vida e alegria que há nelas, que se fica contagiado e esquece-se da dor. Por isso, querida Anna, também eu te mando algumas linhas. Tenta ver a vida como as crianças, aí restará menos tempo para pensar nas coisas tristes, que não podemos modificar!

O que me escreves sobre Hugo³, me impressiona muito. O coitado certamente teria merecido um destino melhor! Achava que ele ainda trabalhava na profissão. Como está o tio Schauer? E as outras crianças? Peço que transmitas minhas saudações (Grüsse) a todos. Manda-me alguma lembrança da nossa querida Hedwig, manda-me algo que ela tinha há bastante tempo e de que gostava, algo da sua escrivãzinha, um objeto que eu possa utilizar com a mesma finalidade.

2 Anna: irmã de Emil, o “elo de ligação” - nas palavras dele - entre os parentes deste e os daquele lado do oceano. Bertha e Mathilde: esposa e filha de Emil. Em muitas cartas Emil tranqüiliza a mãe e as irmãs sobre sua situação financeira. No entanto, nas entrelinhas, percebemos o quanto ele e a esposa tiveram que “apertar os cintos”. Deram aos filhos um exemplo de vida parcimoniosa.

3 Hugo, tio Schauer: não temos informação a respeito deles.

Graças a Deus Bertha está bem, Mathilde está em Joinville na pensão, mas isso tudo já deves saber pelas cartas da Bertha, que entrementes também já escreveu. Eu também ainda estou bastante forte, do jeito que ainda suporto bem o modo de vida daqui da floresta, é claro que também tenho de me esforçar, entretanto tenho a tranqüilidade de poder oferecer aos meus uma vida sem preocupações através deste emprego seguro. Até há algum tempo isto não era uma constante, eu havia gasto muito dinheiro em construções e com isto muitas vezes tive problemas com as contas.

De repente deu-se uma mudança política e muitos pagamentos que eu considerava como certos, deixaram de ser feitos e eu me vi com dívidas, que dificultaram o pagamento dos elevados juros comuns aqui. Com isto tivemos que apertar bastante os cintos e só agora consegui cobrir minha última dívida, tirando-me um enorme peso dos ombros. O meu emprego me dá garantia total, direito a aposentadoria, etc, isto tudo com um salário bem razoável. O principal porém, é a possibilidade, já bem próxima de conseguir uma atividade perto da minha família.

Agora pois, querida Anna, quero terminar, dá as minhas lembranças cordiais a todos os nossos, principalmente à minha querida Mãezinha. Fiquei infinitamente feliz por saber que ela se encontra bem. Tudo de bom e não te esqueças novamente do teu irmão

Emil

Junto ao Ivaí, 4 de novembro de 1882

Carta nº14

Minha boa e querida Mãezinnha !

A última carta de Anna¹, de 7 de julho, também chegou até

¹ Anna e Rudolph: irmãos de Emil. Edmund e Mathilde: os dois filhos mais velhos. Kreplin: engenheiro, amigo e conterrâneo de Emil. Nascimento do 7º menino: que

aqui e com infinita alegria me deu a certeza de que tu, minha querida Mãezinha, ainda estás bem. Espero que também esta linhas te encontrem alegre e feliz, para receberes as minhas mais cordiais saudações e os meus votos de parabéns. Como já deves ter deduzido das cartas de Bertha, ainda me encontro nas profundezas da selva e este é o motivo pelo qual deixei passar tanto tempo sem escrever. Por outro lado tenho uma notícia muito boa desta vez, a de que no dia 5 do mês passado nasceu na nossa família um robusto menino! Bertha, assim como o pequeno, está bem, como a própria Bertha me escreveu logo no dia seguinte. Este é pois o sétimo menino! Queiram todos eles desenvolver-se para nos trazer alegrias e realizar as nossas esperanças! As outras notícias dos meus também são razoáveis.

Os meninos estão mais aplicados na escola do que antes. O Edmund está tomando aulas particulares de matemática, inglês e português e, no próximo ano provavelmente virá até aqui para fazer a carreira na área dos telégrafos. Mathilde está na pensão em Joinville e de acordo com o que me escreve está gostando muito. Ela deverá ficar lá até meados do próximo ano, depois ajudará sua mãe nas lides domésticas. Assim, todas as crianças crescem para nossa alegria, e eu seria infinitamente feliz se os tivesse sempre à minha volta. Mas do jeito que as coisas andam terei de agüentar ainda alguns anos aqui na selva, para desfrutar a vida na idade mais avançada sem preocupação, ao lado da Mama. No mais o meu emprego não me decepciona, acabo de ser nomeado Inspetor de Primeira Classe e receberei a partir de janeiro Rs. 500\$000, cerca de 1.100 marcos por mês, o que certamente é suficiente para poder prever um futuro sem

ficou muito tempo sem nome, por causa de uma pendenga entre Emil e Bertha; esta, por força, queria chamar o menino de Emil, mas seu esposo não concordava; é que o nome já havia sido previsto e usado para um filho que falecera pequeno. O apelido do recém-nascido era Mätzel (pequeninho). Depois recebeu o nome de Adolf.

preocupações. No momento trato dos preparativos para a exploração da região das Missões até ao Paraná, onde em breve deverão ser instalados os telégrafos e trens.

O Kreplin também está aqui e deverá permanecer comigo enquanto durar este trabalho. Conforme a carta da Anna o casamento do Rudolph foi já no mês passado. Aos dois os meus cordiais votos de felicidade! Queiram ser tão felizes quanto merecem, após tantas esperanças e atropelos! Acaba de chegar o meu mensageiro dos Correios sem trazer notícias de Bertha, assim são os serviços do nosso correio! As cartas de Blumenau até aqui levam três semanas! Às vezes até mais. Porém estou muito preocupado e não encontro paz sequer para escrever! Então fica tranqüila, querida Mãezinha, conserva a tua saúde, a beleza e continua querendo bem ao teu Emil, que sempre te amará. Lembranças cordiais a todos!

Cupim (região do Rio Ivaí), 10 de novembro de 1882².

A inquietude pelos meus me trouxe até aqui a este posto do correio, onde para minha infinitamente grande alegria encontrei as linhas mais felizes dos meus! Todos estão bem, também o menor, um menino mais do que querido, com quase o dobro do peso do que a média para sua idade. Há pouco recebi as férias solicitadas e irei passar a festa de Natal com os meus, deixando para o próximo ano os trabalhos no Iguaçu. Então, minha velha Mãezinha, feliz Ano Novo! Tomara que também neste ano passemos alegres e felizes e todos juntos estes dias de festa dedicados às lembranças, bem ao velho estilo, e assim também o nosso pinheiro de Natal continuará enviando por sobre o imenso oceano o seu brilho ao aconchego do lar de vocês! Tudo de bom, até mais, com profundo amor, teu

Emil.

2 Comentários: Ivaí: Rio que nasce na região de Guarapuava-PR e cai no Rio Paraná ao norte de Guaira-PR - ao norte dos Saltos de Sete Quedas (hoje inundados pela Barragem de Itaipu).

Blumenau, 13 de janeiro de 1883.

Carta nº15

Minha querida Mãe! Queridos irmãos!

Esperamos que também vocês tenham passado os belos dias de Natal juntos, do modo tradicional, alegres e satisfeitos, e enviamos os nossos mais cordiais votos de felicidade para o Ano Novo! Que este novo ano concretize todas as nossas esperanças e, se possível, restabeleça os danos sofridos! Aqui os dias de festa também transcorreram como de costume, eu pude voltar mais cedo do que no ano passado e passar esta linda festa no círculo dos meus, os quais graças a Deus encontrei todos bem e tranqüilos. A alegria das crianças foi grande, somente Mathilde deve ter derramado algumas lágrimas de saudade, já que este é o primeiro Natal que ela teve de passar longe dos seus, entre pessoas estranhas! Mas, por isto mesmo, ela recebeu muitos presentes natalinos de sua mamãe, dos quais gostou imensamente, principalmente por se tratarem só de coisas úteis. A caixa que ela nos mandou, infelizmente chegou com alguns dias de atraso, mas todos recebemos presentes, até mesmo a nossa empregada; Mamãe (Bertha) e eu recebemos trabalhos manuais muito bonitos.

Encontrei todas as crianças muito mudadas, tanto que não teria reconhecido os menores: Auguste, Woldemar e Edgar¹! São moleques queridíssimos e o menor é muito mais simpático do que qualquer outra criança que eu já tenha conhecido até hoje! Ele ficou completamente apaixonado por mim, de longe ele abria os seus bracinhos em direção a mim e ria tão feliz, que terei dificuldade de me separar dele! Os três meninos mais velhos estão freqüentando uma escola fundada por um padre católico e estão sendo

1 Comentários: Mãe e irmãos: a família de Emil na Alemanha. Anna e Rudolph: dois dos seus irmãos. Mathilde, Auguste, Woldemar, Edgar, Edmund, Helene e Clärchen (Clara): alguns dos filhos de Emil e Bertha. Os três meninos mais velhos: Edmund, August e Oswald. Viagem a cavalo: fê-la sozinho - em grupo não teria sido tão monótona e ariscada - via Campo do Tenente, Rio Negro, Mafra e São Bento.

bastante exigidos, pois as aulas terminam somente às oito horas da noite, o que faz com que só possam brincar nos finais de semana. O Edmund já está crescendo e ainda frequenta aulas particulares em diversas matérias.

Ele me acompanhará ao Paraná para formar-se na área dos Telégrafos. Bertha está muito sobrecarregada de trabalho, ocupada com a bagagem para a nossa viagem, etc. Felizmente ela tem boas auxiliares domésticas, mas também Helene e Clärchen (Clara) já dão uma boa mão. Na próxima carta ela escreverá sobre tudo detalhadamente. A minha viagem até aqui não foi das melhores. Tive que vir até Joinville a cavalo, viajando a maior parte do tempo pelos campos num calor inclemente. Os últimos dias trouxeram trovoadas fortes ao final da tarde, de modo que fiquei encharcado algumas vezes, em consequência disto me esfriei. Em Joinville não tive tempo de ver Mathilde, pois o vapor para Blumenau partiria uma hora após a nossa chegada. Mathilde também cresceu, está forte, e por ser gentil e simpática, é muito estimada por todos, sendo uma menina bem querida! Ela continuará por mais um ano no pensionato com a senhora do ex-diretor de Dona Francisca, para instruir-se bem em tudo o que poderá vir a lhe ser útil na vida futura.

Os serviços postais estão novamente bem precários, as cartas não chegam a ser extraviadas, mas levam o dobro do tempo previsto. Em consequência disto já não recebemos notícias de vocês há algum tempo. A última foi a carta de Anna datada do início de novembro com a notícia do casamento do Rudolph. Sentimos muita falta de notícias de todos!

Amanhã inicio a minha viagem para Guarapuava e de lá até o Iguazu, para explorá-lo até sua foz no Paraná, um trabalho que deverá durar um ano. Até breve, tudo de bom! Lembranças cordiais de todos nós!
Com muito amor, teu

Emil.

Carta nº16

Blumenau, 18 de janeiro de 1883.

Querida Vovó, querida Tia Anna.

Primeiramente meus calorosos parabéns, querida Tia Anna, pelo teu aniversário. Ontem também foi o aniversário de Mamãe. Nós tínhamos enfeitado tudo com flores e folhas de palmeira, mas às 10 horas começou a chover tão forte e ininterruptamente que ninguém pôde chegar até nós. Agradeço muito pelas lindas meias que vou guardar para usar futuramente, como também pelas muitas outras coisas com que tu me presenteaste. De tia Marie também recebi um medalhão de lembrança, o qual já usei no baile de Ano Novo, todos elogiaram. Infelizmente Papai esteve ausente, até hoje foi só uma vez ao baile comigo, eu gostaria tanto de dançar com ele e já me tinha proposto de tirá-lo para dançar quando da Damenwahl (quando as damas convidam os cavalheiros para dançar).

O casaco branco de cashemir foi Helene quem ganhou, porque ficou pequeno para mim. Devias ter mandado fazer o vestido preto pelas tuas medidas, pois o vestido azul de katun me serve exatamente. A “..... orille” (quase ilegível) já inaugurei, acho muito prática para usar quando monto a cavalo, ela não amassa e não sofre com a chuva, já que ao cavalgar fica-se mais exposta à chuva do que quando se anda a pé, pois não se pode procurar abrigo tão facilmente.

Por hoje adeus, mil beijos e abraços e calorosos votos de um feliz ano que inicia.

Eu as amo muito

Mathilde¹

1 Comentários: Vovó, tia Anna, tia Marie: Mãe e irmãs de Emil na Alemanha. Mathilde - filha mais velha do casal Emil e Bertha, braço direito da mãe na administração da casa e da família. Ela sentia muito a constante ausência do pai, mais ainda nos bailes e festas, ocasiões em que teria gostado de se apresentar na companhia dele. Quando ela nasceu, o pai se encontrava na Guerra do Paraguai. Devido à distância ele voltava para casa somente uma vez por ano, geralmente chegava depois do Natal e por vezes depois do Ano Novo (sempre grande frustração para a família!).



Walmor Santos

CONTESTADO

A guerra dos equívocos



O PODER DA FÉ

Romance



A GUERRA DOS EQUÍVOCOS

Enéas Athanázio¹

Embora copiosa, a bibliografia sobre o Contestado parece se inclinar para obras históricas e ensaísticas, enquanto a ficção e a poesia nela inspiradas pouco têm progredido. Por esse e outros motivos, merece aplausos a iniciativa de Walmor Santos ao publicar “Contestado – A guerra dos equívocos”, cujo primeiro volume, com o subtítulo de “O poder da fé”, acaba de ser lançado (Editora Record – Rio/São Paulo – 2009). Trata-se de um romance histórico que exigiu de seu autor intensa e prolongada pesquisa em vários campos do conhecimento para que a narrativa se mantivesse nos limites dos fatos históricos que são as balizas dentro das quais a imaginação criativa pode se desenrolar. E isso não é fácil, exigindo a contenção do autor, sob pena de se tornar inverossímil. Talvez seja a razão pela qual poucos escritores alcancem o verdadeiro sucesso no gênero, como Stefan Zweig e Paulo Setúbal, entre outros. Além disso, o romance guarda um caráter documental e sociológico como aqueles que predominaram em fase muito fértil de nossa ficção.

Neste romance o autor se vale de um método curioso e, ao que me consta, dos mais raros. Toda a trama romanesca se desenvolve a partir da biografia de Fr. Rogério Neuhaus, o assim chamado apóstolo do Contestado, desde sua ordenação, ainda na Europa, e a vinda para o Brasil e depois para a região serrana de nosso Estado. Para tanto, toma como uma espécie de roteiro o ensaio biográfico do sacerdote feito por Fr. Pedro Sinzig, que o conheceu bem de perto, com ele conviveu e pesquisou uma infinidade de documentos, inclusive longos depoimentos do próprio

1 Advogado, escritor e colaborador da revista Blumenau em Cadernos.

biografado. Como pano de fundo, desenrola-se a guerra, entre 1912 e 1916, desde o primeiro embate em Irani até o genocídio final no reduto de Santa Maria. Nesse entrecho, cruzam-se e entrecruzam-se fatos e personagens históricos com outros tantos que são frutos da imaginação do romancista, a exemplo do garoto Marcolino, depois cognominado Germano, criado pelos frades e que os abandona para viver com os caboclos, Chica Pelega, cuja existência real é duvidosa, e tantos outros. Estão sempre presentes as atrocidades das empresas colonizadoras, em especial da Companhia Lumber, os “cowboys” da ferrovia, os bugreiros, as figuras de Adeodato, Chiquinho Alonso, Venuto Baiano e outras de destaque nas várias fases do conflito. Não se apaga jamais a lembrança imorredoura dos dois “monges” João Maria e do seu herdeiro, o “monge” José Maria. Ressalta do conjunto, de forma recorrente, o sentimento de culpa que afligia Fr. Rogério, no final da vida, por não se ter colocado ao lado dos caboclos pobres e desvalidos, como se esperaria de um legítimo seguidor de São Francisco e como teve a coragem de fazer o jovem Germano. Apesar de toda a obra realizada, ele julgava ter falhado no essencial.

O livro retrata como nitidez o triste estado de miséria e abandono em que viviam os caboclos da região, esquecidos ou desconhecidos de uma capital ausente e muito distante. Como agregados dos “coronéis”, em grande número, não tinham qualquer espécie de direitos e viviam como verdadeiros escravos. Com a doação de largas faixas de terras em ambas as margens da ferrovia ao Sindicato Farquhar, ignorando-se a existência dos posseiros, teve início a onda de despejos tão logo a estrada de ferro ficou concluída, coincidindo com a dispensa dos numerosos operários que trabalharam na construção. A conseqüência foi o surgimento de uma horda de desempregados forçados ao nomadismo, e cuja única esperança residia nas promessas dos “monges” e de seus líderes. Estava pronto o cadinho para a maior tragédia da história nacional com a explosão de uma

guerra longa e sanguinária que tão fundo marcou a alma daquele povo. Nem as lições de Canudos, próximas no tempo, contribuíram para evitar a mortandade. “Lamentável! – exclamava Fr. Pedro Sinzig. – O homem se mostra um animal baldo de inteligência e incapaz de aprender com a História” (p. 252).

Movidos pelo poder da fé, os revoltosos tudo suportam e lutam até o fim. Nem os cercos, o poderio das armas inimigas, a fome, o tifo, o frio, as chuvaradas e as desgraças que sobre eles se abatem os afastam do campo de batalha. Tudo, porém, poderia ser evitado não fossem os sucessivos e absurdos equívocos que foram cometidos. Com bom senso e boa fé a pacificação poderia ser alcançada, não fossem a intransigência de uns, a ganância de outros e a cegueira generalizada. E no rol dos equívocos, arrisco-me a acrescentar mais um: o nome atribuído à Guerra do Contestado. Nascido e criado na região, jamais ouvi essa designação da boca do povo para quem foi a Revolta dos Jagunços. Militares e historiadores, mais tarde, assim rotularam o movimento, tal como hoje ficou conhecido, dando a entender que houve um conflito armado entre Santa Catarina e o Paraná e que na verdade nunca aconteceu.

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma Revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de materiais da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

O periódico, registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

É formada por um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias devem estar preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); As notas de conteúdo devem constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto; Os artigos devem ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando preferencialmente resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Comentários e críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Publicação de documentos oficiais que sejam de interesse à História regional.

Crônicas do cotidiano

Contempla autores que narram sob a forma de crônicas e aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngüe, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para português.

Entrevistas

Trata-se de depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragments da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcblu.com.br digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas além de vir no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. O Conselho Editorial se reserva ao direito de publicar ou não os textos encaminhados a sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da Revista, referente ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores;

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Exemplos avulsos: R\$ 12,00 (edições anos 50 a 2003)
- Encadernação R\$ 100,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo). De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2009 (Tomo 50).
Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos
- () Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 5203-5. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - -- Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcbu.com.br



PREFEITURA
DE BLUMENAU

Arquivo Histórico
José Ferreira da Silva
arquivohistorico@fcblu.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial
museudafamiliacolonial@fcblu.com.br

Centro Cultural
da Vila Itoupava

Escola Nº 1

Biblioteca Pública
Dr. Fritz Müller
biblioteca@fcblu.com.br

Museu de Arte
de Blumenau
mab@fcblu.com.br

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação
Documentação e
Referência em Leitura
editora@fcblu.com.br

Na entrevista, Prof. Sílvio conta como começou seu interesse pelos Xokleng, as suas visitas a E. Hoerhann e quais eram suas táticas para conseguir o máximo possível de dados relativos à experiência dessa pessoa com os Xokleng, entre outras considerações. Hoerhann é destacado por ele, como o informante mais difícil que conheceu em sua vida profissional, pois mesclava assuntos pertinentes com anedotas e não permitia o acesso aos seus acervos.

Extraído da entrevista com Sílvio Coelho dos Santos. Página 79